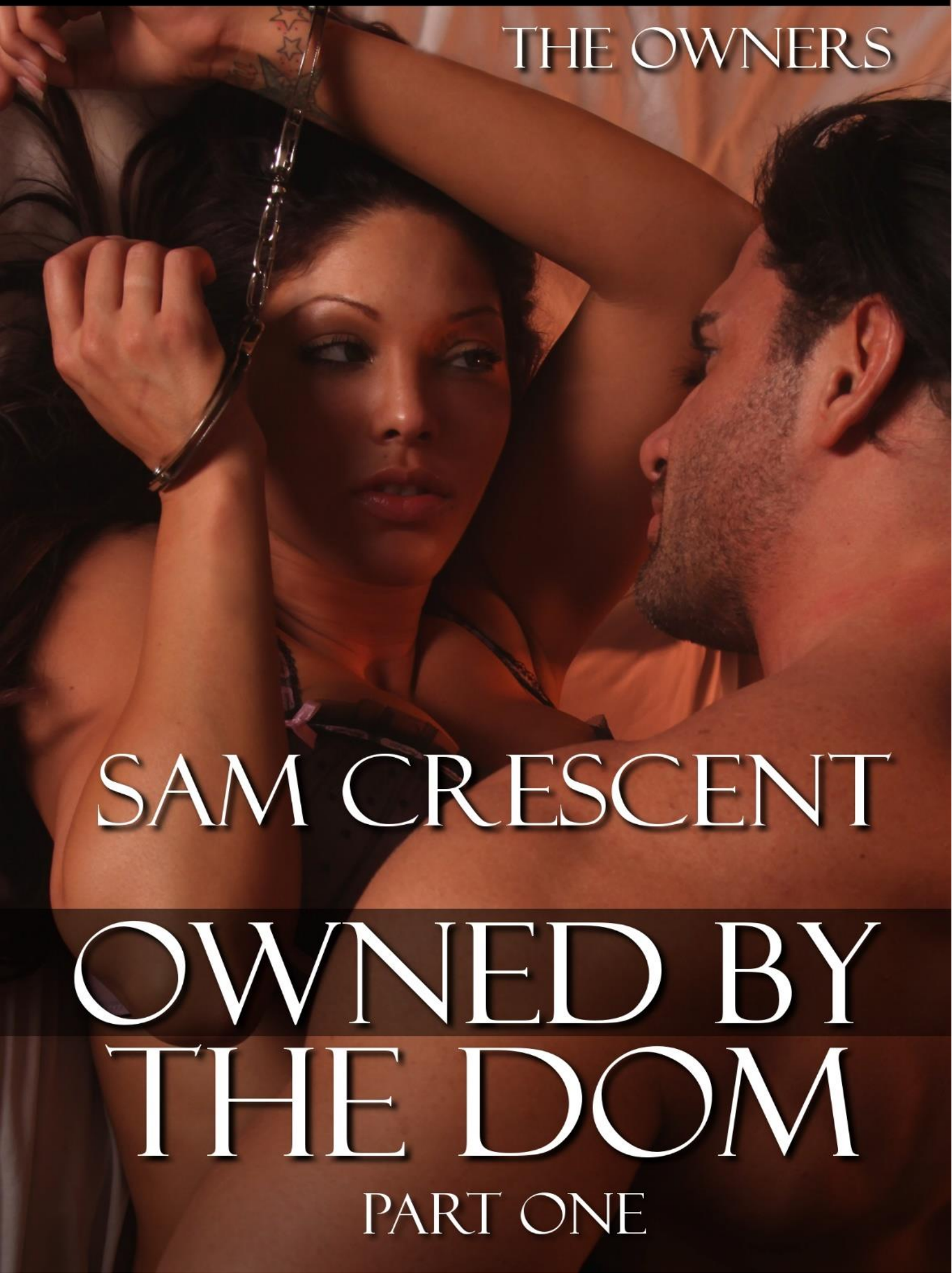
Evernight Publishing



THE OWNERS

SAM CRESCENT

OWNED BY THE DOM

PART ONE

PEGASUS LANÇAMENTOS APRESENTA:

Owned By the Dom: Part One

SÉRIE THE OWNERS

Livro 03

Sam Crescent



6 anos de tradução

EQUIPE PEGASUS

LANÇAMENTOS:

Envio: Cris Guerra

Tradução: Tally

Revisão Inicial: Liani

Revisão Final: Cindy Pinky

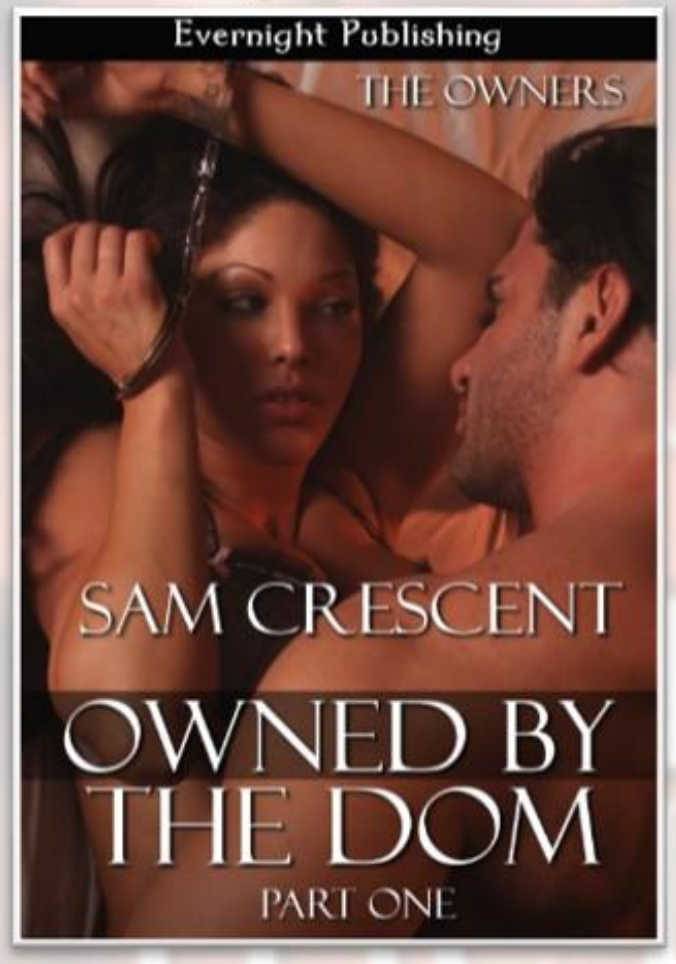
Leitura Final: Anna Azulzinha

Formatação: Lola

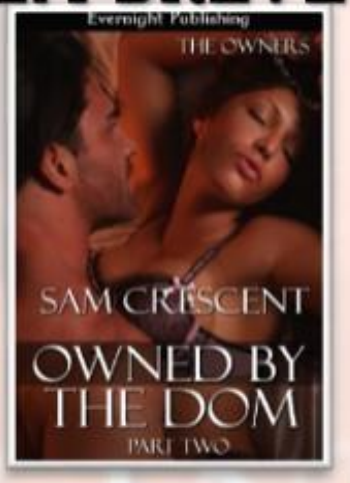
PEGASUS LANÇAMENTOS APRESENTA:

SÉRIE THE OWNERS

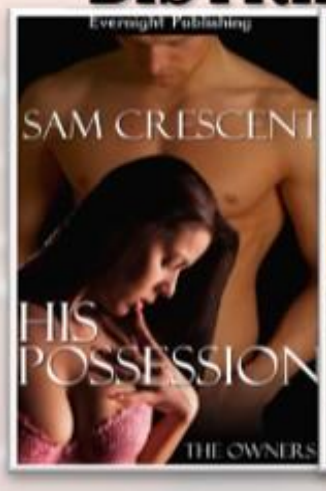
LANÇAMENTO



EM BREVE



DISTRIBUIDOS





Sinopse

James Castleden já teve sua cota de atenção da imprensa em torno dele e de seu clube. Ravage é o seu lugar para se deixar ir. Ele é possessivo e dominante. Quando a irmã mais nova da mulher que ele costumava sair entra em seu clube, James sente uma atração instantânea inesperada.

Prudence Star se apaixonou por James há sete anos. Ela não é uma virgem tímida e sabe o que ele é. James não a assusta. Ela leu os relatórios sobre a sua associação com o clube de Posse e Dominação e ela deseja o que só ele pode dar.

Quando sua paquera se torna séria, James não consegue parar o desejo dentro dele de possuir, reivindicar e tomar Prudence como sua mulher.

Mas Possession e Ravage, seus clubes, estão sob uma séria ameaça. Dominic e Eugene foram apenas o começo. Não há nenhum lugar para ele se esconder e não há possibilidade de manter sua mulher segura. Os proprietários não têm ideia com quem eles realmente estão lidando.

“A tradução em tela foi efetivada pelo Grupo Pégasus Lançamentos de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição integral da obra literária física ou em formato e-book. O grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros, cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderá individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo citado no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998."

Favor não publicar nossos arquivos no Facebook!

Se você viu algum livro do PL no face, sem a nossa autorização, converse com a moderação.

Se você gosta dos livros feitos pelo PL ajude!!!

Quem gosta respeita nosso grupo!

Não publica diretamente no face, expondo ao grupo de forma desnecessária.

Não aceitamos reclamações sobre as traduções do grupo!

Não gostou, leia o livro no idioma original

Equipe Pégasus Lançamentos



Prólogo

Cínco anos antes

James Castleden olhou para a mulher na sua frente. Eles estavam namorando há pouco tempo. Durante esse tempo, ele manteve escondido esse lado de si. Ele não vestia camisa e a calça de couro não estava ajudando. Quando ajudava a treinar uma sub, ele gostava de vestir calça de couro. Era um fetiche estranho que ele tinha: disciplinar uma mulher e dominá-la. Ele aceitou quem ele era, mesmo que tivesse escondido isso de Verônica. Pela primeira vez ele pensou que poderia realmente dar certo, que poderia ter um relacionamento baunilha com uma mulher. Ele se enganou. Não importava quantas horas tivesse passado com Verônica, seu verdadeiro eu não poderia ser negado.

Ela não deveria ver o que havia no calabouço. O estilo de vida dele não estava aberto para ela analisar ou ridicularizar. Verônica Star olhou para ele como se James fosse uma pessoa ruim. Ela era garçonete no Ravage, mas o trabalho dela estava limitado ao nível superior.

— Como você pôde fazer isso? Que lugar é este? — ela perguntou.

— Isto é quem eu sou, Verônica.

Ele a viu se calar com desgosto. Colocou o chicote enrolado em cima da mesa na frente de si. Eles estavam em um dos quartos privados, onde os casais poderiam ter momentos de tranquilidade depois de uma sessão.

— Você é nojento. Eu deixei você chegar perto da minha irmã — ela disse.

James ficou irritado. Prudence Star não estava em perigo algum junto com ele. De jeito nenhum ele permitiria que alguém machucasse a garota. Aos dezoito anos, ela era uma lufada de ar fresco na sua vida cansada. A partir do momento em que a conheceu, ele viu que ela era diferente: jovem, pura e vendo o mundo inteiro pela primeira vez. Ele gostava de ficar perto dela porque Prudence não esperava nada dele além do prazer da sua companhia.

— Não ouse insinuar nada a respeito dela, porra. — Ele se aproximou, invadindo o espaço de Verônica. A mulher hesitou e então olhou para ele. Ele viu quem ela era de verdade e não gostou. Por um tempo pensou que era a mulher para ele. Ele adorava vê-la. A maneira graciosa como caminhava pelo clube. A bondade nos olhos dela quando sorria para ele.

Ela era diferente das outras mulheres e diferente da irmã. Verônica ainda era pura da sua própria maneira.

Este lado dela era uma questão diferente. Ela não estava aberta ou lhe dando uma chance de explicar. Verônica estava

na defensiva e ele odiava isso. Tantas pessoas tentaram julgá-lo a respeito desse estilo de vida e nenhuma delas tinha o direito de fazê-lo.

— Você escondeu isto de mim. O que mais você tem escondido de mim? Eu sei que Prue gosta de você. Eu vi o jeito que você dois são um com o outro.

James colocou a mão na boca dela.

— Pode para por aí. Você está com raiva de mim, não dela. Ela é sua irmã e eu a vejo como tal.

— Eu não entendo esse estilo de vida, James. Eu vejo que é uma parte de você e me recuso a fazer parte disso.

— Então acho que terminamos aqui — ele disse. Por um tempo ele realmente achou que ela era a mulher para ele. Não conseguia acreditar no quanto se enganou.

— Meu aviso tem efeito imediato — ela disse.

— Era o que eu imaginava.

Ela se moveu em direção à porta. As costas estavam eretas enquanto andava. O coração dele doía pelo que poderia ter tido com ela.

— Eu sugiro que você mantenha o que viu aqui embaixo em segredo — disse ele, pensando sobre as repercussões no último minuto.

Verônica se virou para ele

— O que?

— Você pode odiar tudo o que você vê aqui, mas aquele contrato que você assinou quando começou a trabalhar para mim vale para todas as partes do clube. Nenhuma palavra

sobre isso para ninguém. Caso contrário, haverá consequências.

Ela balançou a cabeça.

— Eu não consigo acreditar que pensei que você fosse o cara para mim.

— Então é bom que você tenha saído antes de eu fazer alguma coisa doentia com você.

— Me prometa uma coisa — disse ela.

— O que?

— Você vai proteger Prue. Eu não a quero envolvida com um lugar como este.

— Eu acho que isso é escolha dela.

— Por favor. Eu sei que você se preocupa com ela.

Verônica estava certa. Ele realmente gostava da garota.

— Tudo bem. Eu vou cuidar disso.

— Bom. — Verônica saiu.

No momento em que ela saiu pela porta, James se sentiu um desgraçado infeliz. Ele chutou a cadeira para o outro lado da sala tentando livrar a ira do corpo que o confronto causou.

Ele desperdiçou tempo. James sabia que deveria ter sido aberto com ela. Verônica era diferente das mulheres com quem ele se relacionou.

James pegou a corda enrolada onde a colocou e saiu da sala. Cadeon o cumprimentou quando ele voltou para o clube.

— Problemas no paraíso?

— Nunca foi o paraíso — James disse, pegando a bebida da mesa.

— Eu sabia que não era.

— O que quer dizer? — James perguntou olhando para o amigo.

— Você nunca se importou por onde ela estava. — Essas poucas palavras deixaram James com raiva. — Antes de começar a discursar e falar bobagem, me deixe explicar. Quando ela estava por aí, você não tinha nenhum desejo de mantê-la por perto. Os homens para quem ela servia bebidas passavam a mão na bunda dela e, mesmo assim, você não fazia nada.

James ouviu, não gostando do que o cara estava dizendo.

— Existe um motivo para sermos quem somos, James. Se ela fosse a mulher certa, não importaria onde você estivesse, nenhum homem a tocaria sem despertar a sua raiva. Sua necessidade de saber onde ela estaria consumiria cada momento em que você estivesse acordado. Se Verônica fosse sua mulher, então você não ficaria aqui treinando uma sub. Você ficaria onde quer que ela estivesse.

— Talvez o meu pai estivesse errado. Isto está no meu sangue. A droga da possessividade não está.

— Não é uma droga. Você vai sentir isso com a mulher certa.

— E você já a encontrou? — James perguntou.

Cadeon sorriu

— Eu não senti a dose completa de possessividade e a necessidade. Eu tive a sensação com algumas mulheres que namorei. Tem uma mulher lá fora para mim. Estou

esperando que ela caia bem nos meus braços ou no meu escritório. Na verdade, eu não me importo com onde ela caia, desde que eu seja o homem que a pegue.

James sorriu por causa do que o amigo disse, incapaz de argumentar contra as palavras dele. Verônica não evocou esse tipo de necessidade, mas ele pensou que ela era a mulher para ele. Pensou em Prudence, a irmã mais nova dela. Ele nunca a veria novamente e sabia que sentiria falta. James esperava que ela tivesse tudo que quisesse na vida. Prudence era doce e merecia muita felicidade.

Ele não entendia por que sentia um repentino aperto no coração ao pensar nela feliz com outro homem. James realmente queria que ela conseguisse tudo o que quisesse na vida.



— Você terminou com ele? Como você pôde, Verônica? Ele é uma gracinha e tão legal — Prudence disse. O livro aberto no colo. Ela estava no primeiro ano da faculdade e tendo dificuldade nas matérias. Não que ela fosse dizer isso à irmã, que se saia bem em tudo.

— Aparência não é tudo, Prue. — A irmã estava batendo algumas panelas no fogão. Ela estremeceu ao ouvir as batidas.

Prue sabia que aparência não era tudo. James era muito mais do que algo bonito para se olhar. Ela se intrigou com ele

desde o momento em que o conheceu. Os olhos castanhos escuros pareciam olhar para ela e saber tanto a seu respeito a partir de um único olhar. Ela realmente gostava do James e sentiria falta de falar com ele. Eles só conversaram algumas vezes, mas ela se sentia ligada a ele.

— Ele é mais velho do que você, Prue. Nem sequer comece a pensar nisso.

Prue corou e ficou satisfeita que a irmã não tivesse testemunhado. A idade dele não a incomodava. Ela gostava do homem que ele era, não do que ele tinha na conta bancária ou da aparência. Ele era diferente de qualquer outro homem que ela já viu.

— Eu não quero você se encontrando com ele, Prue. Estou falando sério.

— Você não tem que ficar dizendo o meu nome, Verônica. Eu entendi. James está fora de cogitação. — Prue olhou para o livro enquanto uma onda de tristeza a consumia. Ela nunca o veria novamente e não gostava disso. Prue sabia que ele nunca olharia para ela como olhava para a irmã. Verônica era perfeita enquanto ela não era.

Afastando esses pensamentos da cabeça, ela se concentrou no livro. A última coisa de que precisava era ser reprovada em alguma matéria. Ela só estava tirando as notas mínimas. Os pais ficariam no pé dela se reprovasse em alguma coisa.

Os sons das caçarolas e das frigideiras batendo na cozinha desapareceram da mente dela enquanto pensava no James. Ela não entendia o desejo que sentia por ele. A idade

dele e o relacionamento com a irmã deveriam tê-la dissuadido, mas não o fizeram.

Ela devia ser a pior irmã no mundo.



Capítulo Um

Um ano depois de Sua Obsessão

Prudence Star olhou para a luz ofuscante fora do clube Ravage. Uma palavra pequena e simples, mas que, para ela, carregava tanto significado. Duas das suas amigas se tornaram membros regulares do clube enquanto ela ficou de fora, com medo de dar o próximo passo. Desde que a mídia noticiou o clube como exclusivo, ela estava à espera de uma oportunidade para visitar James. O proprietário saiu com sua irmã por pouco tempo. Prudence só o encontrou umas poucas vezes. Os poucos encontros casuais deixaram uma impressão duradoura. Nela, pelo menos.

— Você vem, Prue? — A amiga chamou, tirando-a dos pensamentos. Todos os amigos abreviavam o seu nome e ela estava mais do que feliz com isso. Ela odiava o primeiro nome.

— Sim eu vou. — Ela seguiu atrás de Anya e Becky na esperança de acalmar os nervos. Ela foi a muitos clubes antes. Prue não sabia por que este estava deixando-a tão nervosa. Ela tirou o cabelo da frente dos olhos, a fim de parar

a tremedeira das mãos. Ravage era um clube como qualquer outro que ela foi. *Controle-se*. A mídia estava dentro do clube. Prue conseguia se lembrar da raiva no rosto do James por ter o lugar dele invadido. Ela sabia que James preferia privacidade. Ele nunca dizia nada a respeito de si mesmo a menos que precisasse. O homem na porta da frente as olhou de cima abaixo. Prue não gostava da sensação do olhar dele no corpo dela. Havia apenas um homem que ela queria que olhasse para o seu corpo e não era aquele cara.

Pare de pensar assim. Você prometeu à sua irmã entregar esta carta idiota. Além disso, você quer ter outra oportunidade de ver o homem que tem assolado seus sonhos nos últimos anos.

James começou a namorar a irmã dela quando Prue só tinha dezoito anos. Havia apenas sete anos de diferença entre Verônica e ela.

— Você não parece ter idade suficiente — disse o porteiro.

Prue corou. O que mais ela deveria fazer? O rosto dela podia parecer jovem, mas o corpo era o de uma mulher. Como o homem podia achar que ela tinha menos de vinte e um? As duas amigas riram. Ela deu uma olhada feia para elas. Abrindo mais o casaco, ela colocou a mão no quadril e olhou para o homem.

— Você está tentando me dizer que eu não pareço ter idade suficiente para entrar aí? — ela perguntou.

— Da última vez que soube a irmã mais nova da Verônica não tinha permissão para entrar. Você é muito

jovem, querida. Quando eu comecei a trabalhar aqui, recebi ordens para não deixar você entrar.

— Não sou muito jovem para você olhar, no entanto. — Ela retrucou, se sentindo realmente irritada com a proteção da irmã.

— O que eu posso dizer? Gosto de olhar para mulheres bonitas e você é uma mulher bonita, Prudence. — Anya e Tonya estavam rindo enquanto entravam no clube.

— Eu vou ter que perguntar ao chefe em pessoa — o cara disse.

Ela rosnou.

— Você sabe que faz cinco anos desde que a minha irmã saiu desse lugar?

— E? Não dá para ser descuidado, especialmente com toda a imprensa à espreita tentando entrar. — A carranca substituiu o sorriso despreocupado no rosto dele. Ela se perguntou o quão ruins as coisas foram. A imprensa noticiou meses atrás que esse lugar era um clube BDSM. Por que tantas pessoas estavam desesperadas para entrar nesse e no outro clube: o Possession?

— Eu tenho que esperar aqui fora? — ela perguntou. As noites frias estavam de volta com tudo. Ela não se importava com o frio desde que não estive do lado de fora sentindo o pior dele.

— Não. Você pode esperar no bar enquanto eu verifico.

— Você não precisa do meu RG? — perguntou ela.

— Não. Eu sei quais são as minhas ordens, Prue.

Ele a segurou pelo cotovelo, levando-a até o bar. Pelo que ela viu ao passar, parecia um clube comum. Tinha um bar comprido com cabines ou mesas espalhadas. Tinha cor escura e luzes em abundância. A pista de dança estava lotada de corpos suados. Ela olhou ansiosa. Prue adorava dançar. O cara a deixou perto de um assento. Ela sentou se sentindo como uma garotinha que recebia ordens ao invés da mulher de 23 anos que realmente era.

— Isso é ridículo — ela disse.

— Desculpe, querida, regras são regras.

Ele fez sinal para o barman.

— Ela é a irmã mais nova da Verônica. Certifique-se de que ela não beba nada alcoólico.

— Eu tenho mais de vinte e um.

— Claro, Léo. Tenha cuidado, James não está de bom humor hoje à noite.

Ela ouviu Léo gemer e depois sair.

— Chamam esse cara de Léo? — perguntou ela.

O barman assentiu.

— Por causa do pintor?

O barman assentiu mais uma vez.

— Você tem nome? — perguntou ela.

— Jermaine, senhorita. Vou pegar água para você.

Prue sabia que seria inútil sequer tentar discutir com o homem. Ela girou no assento e observou os casais dançando. O calor que irradiava dentro do clube estava ficando desconfortável. Ela se levantou e tirou o sobretudo. Sentando-se novamente na cadeira, viu Jermaine se

aproximar. Ele a olhou e parou. O rosto dela podia ser jovem, como ela pensou antes. O corpo, no entanto, era toda mulher em todos os lugares certos. Não era magra como uma modelo nem gorda demais. Pelo menos para si mesma, ela não estava acima do peso. O corpo dela foi sempre mais cheio. Os quadris sempre foram largos e os seios grandes. A cintura fina era fina em comparação com o resto. As coxas também eram grossas. Verônica era a garota magra da família, com cabelo loiro e olhos bondosos enquanto ela estava no lado mais cheinho. Quando ficava ao lado da irmã mais magra, pensava que parecia um elefante. Era quando estava perto da família que sentia que não gostava de si mesma. Ela adorava o próprio corpo e aprendeu a aceitar as curvas com a ajuda de um professor enquanto estava na faculdade. Ela nunca contaria a ninguém sobre essa parte da sua vida. Jermaine lhe entregou a bebida. Ela o agradeceu e continuou a olhar para o mar de corpos.

— Você realmente é a irmãzinha da Verônica? — perguntou Jermaine.

— Você conheceu a minha irmã?

— Sim. Ela era uma ótima barrista e uma garçonete muito boa quando precisava. Léo só está com a gente há um ano. James garante que tudo mundo saiba que você não tem permissão para entrar aqui. Virou uma das regras quando a Verônica saiu.

Isso era a cara da Verônica. A irmã mais velha se sobressaía em tudo.

— Sim. Eu sou a irmã mais nova dela.

Alguém assoviou do bar para ganhar chamar a atenção dele. Prue o assistiu se afastar. Ela pegou a água e bebeu usando o canudo que ele deu para ela.

Passando os dedos no cabelo, ela olhou para a pista de dança. Continuou brincando com o cabelo. Ela o pintou uns dias antes e não sabia se gostava do resultado. Quando foi ao cabeleireiro, pediu para eles pintarem o cabelo dela de preto e vermelho. Pintaram a parte de cima de preto e na parte de baixo, fizeram mechas vermelhas.

— Deixaram você brincar com os adultos? — Anya perguntou, sentando-se ao lado dela.

— Você poderia ter esperado por mim — ela disse.

— Qual teria sido a graça disso? Aquele cara na porta é gostoso, Prue. Você tem que admitir que ele valia um pouco do seu tempo — disse Becky, sentada do outro lado dela. Prue ficou olhando para os casais dançando. Ela queria tanto estar com eles.

— Ele me disse para ficar aqui até que ele consiga que eu seja liberada ou coisa assim. Eu acho que a Verônica colocou algum tipo de ordem de proteção contra mim neste lugar.

Becky bufou.

— A miss virtude está sempre estragando a sua diversão.

— Ela quer o meu bem. A Verônica não quer que eu me machuque.

— Ou viva. Ela é maníaca por controle, Prue. Vai tentar impedir que você se divirta para que ela possa se divertir. Eu não gosto disso e você também não deveria — disse Anya.

— Por favor, não fale assim dela. Ela ainda é minha irmã. Por que vocês não se divertem um pouco? Vou esperar que me liberem.

Prue olhou para pista de dança ansiando para estar na multidão.

— Seu carcereiro está aqui para impedir você? — perguntou Becky.

Ela olhou para trás e viu que Léo não voltou e que uma morena estava flertando com Jermaine no outro lado do bar. Prue olhou da pista de dança para o barman e de novo para a pista.

Dane-se.

Ela queria se divertir um pouco e se quebrar as regras era a única maneira de conseguir isso, então era exatamente o que ela iria fazer.

Com um movimento rápido, ela deixou o casaco e a água no bar e correu para a pista de dança, se perdendo na multidão de corpos. Becky e Anya riram junto com ela. A música ressoou nas paredes e dentro do corpo da Prue. A batida tomou conta dela. Levantou as mãos acima da cabeça e começou a balançar os quadris no ritmo. Em pouco tempo rapazes as cercaram. Prue resistiu ao desejo de afastá-los. As amigas dela estavam querendo um pouco de ação enquanto ela estava apenas esperando conseguir um pouco da atenção do James e entregar a carta para ele. Ela se perguntava o que a irmã tinha para dizer a ele que fosse tão importante que não poderia esperar até que ela o encontrasse pessoalmente.

Afastando todos os pensamentos a respeito da irmã e do James da mente, tirou as mãos de alguém que estava passando nos quadris dela, fechou os olhos e dançou.



James Castleden olhou para o homem dentro do escritório: Dane. Ele deveria estar no Possession, mas Stephen não o queria no clube. O criminoso condenado deixou vários clientes desconfortáveis. Trazer esse homem de volta do Reino Unido e mantê-lo sob custódia foi uma dor de cabeça do cão. Dane matou algumas pessoas no curto período de tempo que serviu Dominic Green.

— Onde você estava esta tarde? — perguntou James.

— Lá fora.

— Você não deveria estar lá fora, porra! Não sem alguém junto. Se a polícia descobrir que você está simplesmente andando por aí, isso vai nos dar problemas.

— Eu concordei com essa merda para ficar no Possession. Eu não curto esse negócio de espancar e amarrar gente. Estou de saco cheio disso. Quero voltar para o Possession ou o acordo está desfeito — disse Dane.

— Você acha que é fácil assim? Você tem alguma ideia do que Stephen, Cadeon e eu passamos para tirar você da cadeia? Você é assassino e cafetão.

Dane bateu o punho na mesa. Ele se debruçou sobre ela e o corpo enorme fez o móvel grande parecer pequeno em comparação a ele.

— Eu posso estar aqui por causa de vocês e não tente me insultar. Eu nunca fui cafetão. Nem me venha com isso. Sim, eu matei gente. Eu estava fazendo o que precisava para continuar vivo. Agora, me mande de volta para o Possession ou de volta para o Reino Unido, porque eu não tenho que lidar com a sua idiotice americana se eu não quiser.

James não estava com medo. Dane podia ter matado gente, mas ele também podia se defender. Aos quarenta e seis anos, continuava a treinar. Ser um homem de negócios rico e um Dom não significava que poderia ficar o dia todo sentado girando os polegares. Ele tomava conta do próprio clube e dos negócios. Não havia descanso na sua vida e era exatamente assim, que ele queria.

— Eu não posso deixar você voltar ainda. Stephen não gosta que você assuste os clientes.

— Então é melhor ele arrumar clientes mais fortes. Eu concordei em ficar no Possession e em mais nada.

— Você realmente sabe alguma coisa sobre Dominic e os negócios dele? — James estava começando a se perguntar se eles deveriam simplesmente mandá-lo de volta e esperar que desse tudo certo.

— Eu sei muito mais do que você pensa. Os policiais que estão cuidando do meu caso estão recebendo informações.

— Eles são agentes do FBI.

— Tanto faz.

Uma batida na porta fez James congelar. Ele olhou para Dane, que olhou de volta.

— Entre.

Léo, o porteiro, colocou a cabeça para dentro.

— É uma hora ruim?

— Não. — James não queria que ninguém soubesse sobre Dane. Ele deveria ser o segredo deles. Apenas os membros mais próximos de ambos os clubes sabiam a respeito.

— A irmã mais nova da Verônica está no bar. Posso deixá-la entrar? — perguntou Léo.

James fechou os olhos e apertou a ponte do nariz. O dia ou a noite dele poderiam ficar ainda piores? O nome da Verônica não causava mais um sentimento de vazio dentro do peito. Em vez disso, sentia que lhe devia algo por não ter sido honesto a respeito de quem era. Foi essa culpa que o fez mostrar a foto dela para cada um dos seus porteiros. Léo trabalhava para ele há ano e James sentia que podia confiar no homem

— O que ela está fazendo aqui? — ele perguntou.

— Ela veio com umas amigas. As amigas são clientes regulares do bar principal. Elas tentaram entrar na parte principal do Ravage. Fomos capazes de impedi-las até agora.

James observou quando Dane se recostou relaxado na cadeira, sorrindo.

— A Verônica não queria a irmã no clube. Diga a ela para ir embora. — James se lembrou da irmã mais nova. Ela

era um verdadeiro deleite, mesmo aos dezoito anos. Prudence. O nome ecoou na mente dele, fazendo-o sorrir. Ela foi o único membro da família que o fez sentir como se ele se encaixasse.

— Falar é mais fácil do que fazer. Ela não parece ser o tipo de mulher que aceita um não como resposta.

Ele soltou um suspiro de frustração. Quando se tornou uma babá?

Primeiro um ex-condenado ou condenado e agora a irmãzinha de uma ex se juntou ao clube.

— Já volto. Fique aqui — disse a Dane e deu a volta na mesa.

— Ela com certeza está mais crescida do que na foto que você me mostrou.

— Quem?

— Prudence. Ela parece ter idade suficiente, senhor.

— Não importa quantos anos ela tem, a irmã não a queria aqui. — A Verônica havia deixado isso claro quando terminou o relacionamento deles. Ela não queria nenhuma parte da vida sexual doentia do James e se a irmã se aproximasse dele, queria que ele a afastasse.

O barulho o fez gemer. Ele não foi capaz de se livrar dessa dor de cabeça explosiva. As luzes não ajudavam. Toda a pressão da mídia começou a afetá-lo.

Ele seguiu Léo até a área principal do bar. O lado mais sombrio do clube estava escondido embaixo. Tinham se certificado de aumentar a segurança desde que o segredo do Stephen e dele foi revelado.

Homens possessivos pareciam estar em evidência no momento. Ele não poderia reclamar. O clube estava fazendo muito mais dinheiro por causa da publicidade, apesar de indesejada.

Léo parou no bar.

— Bem, onde ela está? — perguntou James. Ele se lembrou do quão doce Prudence era da última vez que a viu. Ela estava de pijama com o cabelo preso em um coque e uma colher na boca.

Ele estava procurando pela mesma garota de que se lembrava.

— Eu não faço ideia. Ela não está lá — disse Léo.

Jermaine estava servindo uma morena que estava rindo para ele. James viu através do comportamento da mulher. Ela estava tentando conseguir bebida de graça do barman. Ele estalou os dedos conseguindo a atenção do Jermaine.

— É melhor que essas bebidas sejam pagas — disse ele.

— Este rapaz foi gentil o suficiente para dizer que são por conta da casa — disse a mulher. Ela se virou no assento, levantou e colocou os braços em volta do corpo dele. Os peitos siliconados pressionando contra o homem. James olhou para toda a falsidade dela e sentiu repulsa por algum dia ter achado aquilo atraente.

— Você entende o que eu estou tentando dizer, Jermaine? Mulheres vão dar em cima de você para tentar não pagar os meus preços.

Ele afastou a mulher e caminhou até onde Léo estava. Jermaine o seguiu. O rubor nas bochechas era inconfundível.

— Eu sinto muito, senhor. Não vou deixar isso acontecer de novo.

— Bom, porque tudo o que você deu para ela vai ser descontado do seu pagamento. Não gosto de ser feito de bobo. Sugiro que você aprenda a lição agora.

— Sim, senhor.

— Onde está a irmã da Verônica? — perguntou Léo.

— O que? Ah, eu não sei. Estava aqui quando eu trouxe água para ela — Jermaine murmurou.

— Seu idiota. Você deveria estar de olho nela.

James impediu Léo de continuar gritando com o garoto.

— Eu sugiro que um de vocês a encontre. Caso contrário, vocês dois vão estar em sérios problemas.

Ele ficou esperando perto do assento onde Prue estava no caso dela voltar. James olhou para a pista de dança. A multidão se afastou quando três mulheres saíram tropeçando e rindo. Três caras as seguiam. Duas mulheres tinham cabelo castanho enquanto o da terceira era preto e vermelho. Ele não conseguia tirar os olhos da gostosa que estava indo na direção do bar.

Todo o sangue dele desceu da cabeça para o pau. James olhou para o corpo dela. A mulher era um tesão. Era bonita para caralho e a dor na virilha dele aumentou. Ele a queria, muito. A onda instantânea de luxúria o assustou. Por ser um Dom, ele deveria saber como controlar as próprias necessidades. Era ele que treinava a equipe, que lhes ensinava que o controle era o mais importante naquele clube.

Um dos rapazes passou o braço em volta da cintura dela, puxando-a para trás. Ela tirou a mão dele e se esquivou do beijo.

Ela não queria a atenção do cara.

Você vai querer a minha!

James afastou seus pensamentos. Ele não sabia que porra estava acontecendo dentro da própria cabeça. Deveria estar procurando Prudence. Ela gostava de ser chamada de Prue. Ele sempre gostou de usar o nome completo. Era pronunciado com tanta facilidade.

Os quadris dela mexiam de um lado para o outro a cada passo e os peitos balançavam. Ele nunca viu quadris como aqueles antes. Essa mulher voltaria para casa com ele esta noite.

Ela ainda não o notou quando se inclinou sobre bar.

— Parece que o seu carcereiro foi embora, assim como a bebida.

— O que você diz de ir para a minha casa? — O cara perguntou na orelha dela. James ouviu enquanto se aproximava. O pequeno grupo não o notou ainda.

— Não, obrigada.

— Vamos, querida. Eu vou fazer valer a pena. — Ele acariciou o braço dela. Esse pequeno toque foi tudo que precisou para James explodir. Ele andou até a mulher de nome desconhecido e passou um braço em volta da cintura dela.

— Esta mulher é minha.

Em outras palavras, caia fora!

A mulher nos braços dele ficou tensa. As outras arfaram. O corpo dela pressionado contra o dele. James sentiu cada curva suave e o cheiro dela lhe invadiu os sentidos. Ele precisava dessa mulher mais do que precisava do próximo fôlego. Nunca em toda a vida se sentiu assim com uma mulher. A necessidade possessiva que testemunhou nos seus dois amigos era a única coisa com que podia comparar isso. No entanto, o que ele viu era completamente diferente do que sentia.

Ele precisava saber tudo a respeito dessa mulher. Ela era tudo para ele.

— Bem, já era hora de você vir me ver, James. Eu estava ficando um pouco preocupada que a polícia estivesse vindo.

James reconheceu aquela voz. A mulher nos braços dele se virou. Ele deu uma boa olhada nela.

O azul dos seus olhos revelou tudo. Eles eram como o mar cristalino do Mediterrâneo. A pele era impecável e macia. Estava procurando por uma jovem inocente de dezoito anos. Nos braços dele estava uma mulher. Uma mulher sexy e desejável o olhando com os olhos brilhando de paixão.

Aquela mulher era Prudence Star e James soube que estava em apuros.



Capítulo Dois

Dane esperou o barulho dos passos desaparecer. Ele não conseguia acreditar que foi colocado na desgraça de um clube BDSM. Isso só mostrava que os ricos não faziam tudo certo quando se tratava de foder. Ele estava arriscando o pescoço por causa dessa merda e para quê? Para receber ordens de um cara que achava que sabia tudo sobre o mundo. James Castleden era como o resto deles. Eles eram bons de papo, mas não tinham ideia do que era sentir dor de verdade.

Ele deu a volta na mesa e logou no computador. As senhas foram um pouquinho complicadas de driblar. Depois de algumas tentativas, Dane conseguiu acertar. Ele fez uma promessa e iria até o fim, mesmo que isso significasse faltar com a palavra que deu aos homens que o tiraram do inferno. Ele acessou o Messenger e escreveu um e-mail para a pessoa que ele estava pagando para libertar a mulher da lista. Ela era britânica como ele. Só que ele foi o bastardo que a capturou e colocou no sistema, para começo de conversa. Ele sabia que a virgindade dela era a única coisa que estava mantendo-a segura.

Dando uma olhada na porta, ele escreveu um valor e o lugar onde deixaria o dinheiro. De todas as coisas que fez desde que começara a trabalhar para Dominic, essa foi a pior.

O terror nos olhos dela ainda o assombrava. Desde a prisão do Lloyd Black e da morte do Eugene, o comércio se acalmou. Quando estava trabalhando para Dominic, ele nunca esteve envolvido com o comércio de mulheres. Ele estava lá para pagar as dívidas de jogo do pai, não porque queria ser parte dos crimes que aconteciam o tempo todo.

O pai pediu a ele para se tornar um monstro. Se ele não o fizesse, toda a família seria morta. Dane nunca gostou de ser ameaçado. Foi à casa do Dominic dizer a ele para recuar. Na época tinha vinte anos e uma vida toda pela frente. Foi à faculdade e estava se preparando para ir para a universidade no verão. A vida dele seria longe da mãe alcoólatra e do pai viciado em jogos. Ele começaria uma vida longe de Londres e longe de toda aquela merda.

Os pais dele não eram ruins. Eles simplesmente não tentaram ser bons ou dar a ele a melhor base. Ele nunca os culpou. Aprendeu com bem pouca idade a lidar com as coisas ruins da vida. Em pé na soleira da porta da casa do Dominic, ele não previu o que estava por vir.

Dominic o queria. Para passar pela faculdade e conseguir dinheiro para a universidade, ele se envolveu com lutas e não do tipo legal. Era do tipo que dava um bom dinheiro e ficava na surdina.

O que Dane não sabia era que Dominic o observou lutar. No momento em que bateu na porta, foi pego. Os pais foram capturados por alguns homens. Eles foram acorrentados na sala de estar do Dominic e torturados. Dane ainda podia se lembrar da dor e da agonia nos rostos deles.



— Então o filho poderoso retornou. Entre e sente-se um pouco. Eu estava ficando um pouco entediado — disse Dominic.

— Seu filho da puta — Dane gritou e tentou alcançar o homem. Os guardas o detiveram. Ele conseguiu dar alguns passos antes que o empurrassem para o chão. Ele gritou, a raiva muito forte para se contida. Dane queria fazer algum estrago. Queria machucar alguma coisa, qualquer coisa.

— Agora, agora, comporte-se, Dane. Caso contrário, isso vai ficar bem pior para você.

Ele foi puxado até ficar de pé e forçado a se ajoelhar quando um homem lhe deu um soco no rosto e o chutou no estômago. Dane foi ao chão. Quando caiu, choveram golpes até que ele não tinha escolha a não ser se sentar complacentemente e ouvir. Ninguém tocou nos seus pais. Toda a atenção estava voltada para dele.

— Eu vi você em ação, Dane. Você é um homem forte. Um lutador e alguém que eu posso usar.

— Eu não estou mais lutando.

Houve outro chute forte antes do Dominic continuar.

— Eu ganhei um monte de dinheiro por sua causa. Esse tipo de fonte de dinheiro não seca tão facilmente. Agora, seu pai me deve muito dinheiro. Ele adora cartas e mulheres. Eu proporciono essas coisas.

Dane sabia que não seria bom interrompê-lo. Ele ficou no chão sem lutar com um pé sendo pressionado contra as costas.

Seu corpo estava em chamas. Cada parte dele parecia estar sendo quebrada e despedaçada. Não sabia quanto tempo poderia aguentar com tanta dor.

— Por favor — disse o pai.

Ele fechou os olhos incapaz de assistir ao golpe que deram em seu pai.

— O que você quer? — Dane perguntou. Ele não podia suportar ver a família sentindo dor. Eles podiam não ter lhe dado um começo brilhante, mas ainda eram a família dele.

— Eu quero você na minha equipe, filho.

O termo filho o fez estremecer. Não havia nada de paternal no que Dominic queria dele.

Ele balançou a cabeça.

— Não? É isso que você está me dizendo, garoto?

Dane manteve os olhos fechados. Ele não conseguia pensar e precisava pensar.

— Bem, isso não é bom.

Segundos depois ele foi puxado para cima e olhou Dominic no olho. Não havia nada de bom dentro do homem. Dane viu isso imediatamente. Ele era mau e, pelo visto, gostava de fazer coisas ruins com as pessoas.

— Faça uma escolha, filho. Ou você se torna meu e faz o que eu digo ou eu vou matar seus pais e todos com quem você já se importou e vou fazer você assistir enquanto eu faço isso.

Houve o som de osso sendo esmagado e os gritos da mãe.

Ele parou de lutar. Dane olhou nos olhos frios e mortos do Dominic e soube qual seria o seu futuro. O que ele queria mais do que tudo desapareceu.

— Como é que vai ser, filho?



Dane voltou à realidade. As mãos estavam suadas e o coração acelerado. Não importava quantas vezes ele olhasse para trás, não conseguia ver outra saída. A vida dele foi definida naquele momento. Não havia nada que pudesse fazer além de viver a vida que viesse. A que ele viveu até ali foi de violência e dor sem fim à vista. Desde a idade de vinte e um, se tornou o rosto do terror da gangue do Dominic. O chefe era dono de cada parte dele. Os pais morreram vários anos mais tarde, quando ele tinha vinte e sete. Na época Dane não viu motivo para sair. Em sete anos ele matou e causou tanto dano que ficar com Dominic se tornou o melhor plano.

Ele olhou ao redor do escritório. James Castleden não sabia o quanto era sortudo. Ele tinha um bom negócio e, mesmo com a droga do sexo bizarro, poderia ter uma boa família. Não importava o que Dane fizesse, ele sempre carregaria a culpa e o conhecido olhar das vítimas quando ele os fez dar o último suspiro.

Balançando a cabeça, ele olhou para as mãos. Elas eram a maior arma dele e sempre foram. Afastou esses pensamentos e focou no problema que tinha em mãos.

O cara estava pedindo várias centenas de milhares de dólares em troca da garota que ele prejudicou. Era muito para se pedir. Ele estava preparado para fazer tudo o que

pudesse para corrigir o erro que cometeu. O FBI não podia fazer nada a respeito e nem os homens que o libertaram. Dane queria que tudo acabasse. A culpa e a raiva eram uma parte dele, não importava o que fizesse. Quando o e-mail foi enviado, apagou todos os vestígios e desligou o computador, aumentando a segurança para que ninguém conseguisse hackear os arquivos do James antes de voltar para a sua cadeira.

Ele gostava dos homens que estavam dispostos a ajudá-lo. Estavam dando a ele uma chance embora soubessem que era um assassino condenado. Inclinou-se sobre os joelhos olhando para o chão. A vida dele foi preenchida com várias escolhas ruins, mas nada disso era desculpa para o seu comportamento.

Quando James o chamou de cafetão, ele se defendera, mas ainda assim era exatamente o que James o acusou de ser. Uma vez, quando lhe disseram o que fazer, nunca pensou que seria para enganar uma mulher inocente.

Ele balançou a cabeça. O pior pecado dele era aquele que não podia desfazer. Não importava o que fizesse para reconquistá-la, a mulher que lutou para fugir nunca olharia para ele da mesma forma.



Capítulo Três

James não conseguia acreditar que Prudence estava de pé na frente dele. Essa não era a garota da qual se lembrava. Tudo em volta deles desapareceu até que estavam apenas os dois na sala. Ela sorriu para ele. O mesmo sorriso de boas-vindas de que se lembrava quando ia buscar a Verônica em casa. Prudence morou com ela por pouco tempo enquanto estava na faculdade. Pensando nisso, parecia ter se passado uma vida desde então.

— O que você está fazendo aqui? — ele perguntou quando voltou à realidade. Ele viu o brilho de decepção nos olhos dela e se recusou a fazer qualquer coisa a respeito. Não importava o que o corpo dele dizia ou o que qualquer outro órgão dizia, Prudence Star estava fora de alcance para ele.

— Além de conhecer o clube mais falado da cidade? — perguntou ela.

— Você sabe que não pode entrar aqui, Prudence.

— Por que você ainda me chama pelo meu nome completo?

— Porque é o seu nome. — *E eu gosto dele.* Ele não disse a última parte. A última coisa de que precisava era ela saber como o afetava. Ela tinha vinte e três anos e ele, quarenta e seis. Era velho para caralho para ela. Ela merecia alguém...

normal. A simples palavra o fez estremecer. James não se considerava anormal até a Verônica reagir do jeito que reagiu a respeito do estilo de vida dele. Sabia que Prudence nunca seria para ele. Ela era a irmãzinha da ex-namorada dele. James não deveria estar pensando nela de forma alguma, mesmo que o corpo da mulher fosse puro pecado. Olhe para aquelas curvas, para o modo como a saia se ajustava aos quadris. Ele viu como a bunda dela era. Cada parte do corpo o tentava como uma mariposa é tentada por uma chama.

— Tanto faz. Estou aqui por causa da Verônica.

Ele congelou ao ouvir o nome da ex.

— O que ela quer?

— Eu não sei. — Prudence se afastou para pegar alguma coisa no casaco. James observou enquanto ela se inclinou para frente expondo a base das costas.

Puta merda!

Ele passou a mão no rosto tentando esquecer o que acabou de ver. A doce, pequena e inocente Prudence tinha uma tatuagem na base das costas. Ele não deu uma boa olhada no desenho e reconhecia uma tatuagem quando via. O desejo de incliná-la sobre o balcão e dar uma olhada de perto foi muito forte. Balançando a cabeça, deu uma olhada nas amigas antes de se voltar novamente para Prudence.

— Aqui está. Ela fez questão que eu entregasse isto para você. Fiquei surpresa por ela mesma não ligar para você. O casamento dela não está indo bem.

— Acabou tudo entre nós, Prudence. Você sabe disso. — Ele pegou o envelope branco que ela lhe estendeu, se

perguntando o que a Verônica queria que ele soubesse. O último encontro deles não terminou bem. Na verdade, foi um dos piores términos de que ele teve.

— Eu sei. — Eles ficaram parados olhando um para o outro. O cara que estava dando em cima dela estava esperando para atacar de novo.

— Cai fora — disse James para o cara enquanto Léo e Jermaine saíam da multidão.

— Você a encontrou — disse Léo.

— Sim, eu a encontrei. Tire aquele garoto do meu clube. — Ele se virou para Prudence e a viu sorrir.

— Obrigada.

— Eu não gosto de ver homens assediando mulheres no meu bar. Obrigado por isso. — James se afastou antes de fazer algo de que fosse se arrepender. Ela era jovem demais e ele precisava se lembrar disso. Passou pelo Léo e por Jermaine lhes dizendo que poderiam deixá-la ficar desde que ficassem de olho. James não queria que ela chegasse perto do porão. O porão era onde a ação de verdade acontecia. O porão continha o calabouço dele.

Tirando o telefone do bolso da calça, ele ligou para o número do Stephen. Stephen era o dono do Possession, um clube exclusivo para homens que se sentiam possessivos com suas mulheres. James tinha um lugar no clube, que raramente usava. Preferia muito mais o próprio clube BDSM. As pessoas que frequentavam, o entendiam.

Ele sabia que tinha o gene possessivo, assim como o pai dele. No entanto, a sua necessidade era um pouco mais

profunda do que saber todos os detalhes da vida da sua mulher. A necessidade não poderia ser facilmente saciada vendo a mulher. James exigia submissão completa: a mulher dele nos termos dele, fazendo tudo o que ele dissesse, sem questionamentos. Vários anos atrás ele tentou entrar na linha. Não era para ele. Verônica mostrou isso no último encontro dos dois.

— Oi — Stephen respondeu no último toque.

— Eu não vou ficar com Dane. Ou fique com ele ou o mande de volta para a cadeia. Ele não é minha responsabilidade. É sua.

Houve barulhos do outro lado da linha. Ele identificou a voz da Úrsula e o farfalhar de papéis.

— Ele está assustando os clientes, James. Eu não posso ficar com ele aqui. Especialmente com a imprensa enchendo o meu saco — disse Stephen.

James parou no corredor antes de entrar no escritório.

— Ouça. Ele é sua responsabilidade. Estou lidando com a droga da imprensa tanto quanto você. Pelo menos você tem uma mulher ao seu lado. Esse foi o acordo que você, Cadeon e Lucas fizeram com o FBI. Eu não tive nenhum envolvimento nisso. Nem mesmo sei o que vocês acertaram. Ele é um assassino, pelo amor de Deus. — James bateu a cabeça na parede a fim de trazer algum foco para o seu mundo.

A presença de Prudence realmente o afetou. Ela não era mais uma garotinha. Os sentimentos dele eram completamente irrelevantes. Ele precisava manter o foco; caso contrário, estaria em apuros.

O amigo xingou do outro lado da linha. A liberdade do Dane não aconteceu facilmente. Todos eles tiveram que tirar dinheiro dos bolsos para pagar advogados e juízes, para não mencionar a garantia que deram ao FBI. A dor de cabeça dele estava aumentando de pensar sobre toda a papelada que precisou assinar por dar dinheiro para ajudar.

— Olha, nós temos que mantê-lo seguro. Eu tenho alguns agentes do governo trabalhando disfarçados aqui para ficar de olho nele — disse Stephen.

— Então por que mandá-lo para mim?

— Porque ele estava ficando inquieto. Eu não sei.

— Enquanto você crescia, eu dei cobertura para você, Stephen. Eu não vou cuidar dos seus problemas agora. Mande Lucas vir buscá-lo. Eu o quero fora do meu estabelecimento em duas horas. — James encerrou a chamada descansando a cabeça na parede.

O próprio clube era a única salvação dele. Significava que ele não tinha que ficar na linha de frente com Stephen. James não queria nada daquela vida. O Possession não era para ele. Este estilo de vida era para ele. Mexeu os ombros tentando aliviar os nós se formando nos músculos por causa do estresse de tudo o que aconteceu.

James sabia que se ele ficasse no clube, significava se sacrificar, se envolver em sabe-se lá o que estava acontecendo com Dane e com o acordo que fizeram. Ele gostava de ficar nas sombras. Ficar nos bastidores significava que as pessoas mais próximas a ele nunca estariam em risco. Havia um monte de gente próxima que poderia acabar sendo ferida por

conta dele. Não deixaria isso acontecer. Precisava cuidar deles como fazia com todo o resto.

Abrindo a porta do escritório, ele olhou para Dane, que estava rodando na cadeira.

— Ei, *pai*. Eu posso sair e brincar?

Depois de ver Prudence, James não queria ser lembrado da própria idade. Passou pela cadeira rodando e a empurrou. A cadeira e o ocupante caíram.

Ele observou Dane se equilibrar sem cair de bunda. O homem abotoou a camisa e fez uma mesura.

— Vou ficar no bar. Sem causar problemas.

Dane saiu fechando a porta atrás de si.

Sentado na cadeira, James olhou para o envelope branco nas mãos. Verônica prometeu guardar o segredo dele se ele prometesse nunca mais entrar em contato com ela de novo. Ele manteve a promessa. Não houve mais nenhuma conversa entre eles. James se perguntava o que poderia estar acontecendo na vida da ex para que ela precisasse entrar em contato.

Colocando o envelope em cima da mesa, ele o encarou. O latejar nas têmporas continuava. A mente dele estava uma bagunça. Tudo o que via na frente de si eram as curvas *dela*. A tentação que causou nele por simplesmente estar disponível. Ele não viu nenhum anel no dedo dela ou quaisquer sinais de que pertencia a outro homem.

Você quer possuir aquele corpo.

Ele balançou a cabeça. Os pensamentos não eram bem-vindos.

James pegou o envelope e enfiou numa gaveta. Não precisava das pressões do passado. Digitou a senha no computador e abriu o link para as câmeras de segurança no clube todo. O porão, ou calabouço, como alguns dos clientes gostavam de chamá-lo, tinha muita segurança. Não queria que ninguém se machucasse debaixo do nariz dele.

Ravage significava tudo no mundo para ele, assim como a reputação. Sem ambos, ele sabia que estaria perdido. Passou os olhos pelas imagens das câmeras. James queria dar mais uma olhada para se certificar de que ela não foi uma invenção dele.

Fechando os olhos, ele lutou consigo mesmo. Então apertou o botão que daria zoom na imagem para encontrá-la.

Precisava ter certeza de que ela estava bem. James se recusava a questionar a própria necessidade. Prudence era responsabilidade dele. Não queria acreditar em nenhuma outra razão que não fosse ela ser uma amiga.



Ok, aquilo foi pior que qualquer outra coisa no mundo. Prue o assistiu ir embora. Por uma fração de segundo, ela tinha certeza de que viu interesse nos seus olhos. Ele exigiu que aquele cara fosse retirado do clube.

As amigas estavam olhando para ela. Não conseguia suportar a pena nos olhares das duas. Os outros dois homens que estavam com elas foram embora. Imaginou que

deviam ter saído quando James se aproximou ou quando o amigo foi expulso. Pegando um lugar no bar, ela pediu uma bebida, uma forte. Jermaine entregou a bebida sem discussão.

— Querida, quem era aquele homem? — perguntou Becky.

— O que faz você pensar que eu o conhecia? — Prue estremeceu ante a tristeza na própria voz. Por que estava triste? James não era nada além do cara que a irmã costumava namorar ou foder. Deus, só o pensamento deles juntos a deixava chateada. Ela não conseguia lidar com isso.

Ver James deveria fazê-la se sentir melhor, não pior.

— Você não está enganando ninguém, Prue. Você conhece aquele cara e ele conhecia você.

— Ele é o ex da Verônica. Ela trabalhava aqui.

— Ai, meu Deus! O cara que você estava paquerando é dono deste bar? Uau, você sequer conhece a reputação deste lugar? — perguntou Anya.

Prue assentiu com a cabeça. Ela conhecia a reputação. O professor que a ensinou a amar as suas curvas exuberantes estava envolvido nesse estilo de vida. A ideia do James também estar, a fazia sentir muito calor.

— Nós tentamos entrar nessa parte do clube. Ninguém tem ideia de onde é.

Ela sabia onde era, mas não diria as amigas. Elas estavam passando pela entrada. Antes da mídia revelar a respeito do clube BDSM e do Possession, Prue foi a vários

clubes que mencionaram como um jeito de entrar nesse estilo de vida.

Pegando a bebida, ela tomou um gole no líquido claro. O álcool explodiu na língua dela.

— Não importa. Você viu? Ele mal podia esperar para ficar longe de mim. Tem comida estragada na minha roupa? Eu estou cheirando mal?

As amigas balançaram a cabeça em negação. Ela entendia o fato dele não achá-la atraente. Ela pensava que eles fossem amigos, no mínimo. Eles realmente se davam bem quando ele estava namorando a irmã dela.

— Ele estava a fim de você, Prue. Não se engane. No momento em nós saímos da pista de dança, ele estava comendo você com os olhos. Para um cara velho, ele é realmente bonito.

Prue franziu o cenho para ela. James podia ser mais velho do que ela, mas isso não significava que fosse algum tipo de ancião.

— Você vai dançar? — perguntou Anya.

Ela balançou a cabeça.

— Não, vão em frente. Eu vou ficar aqui — *E afogar minhas mágoas com álcool.*

Deram-lhe um abraço solidário e caminharam para a pista de dança. Por alguns minutos ela as observou antes de voltar para a bebida.

Agitou o conteúdo com um canudo e observou o gelo começar a derreter.

Alguém apareceu do lado dela pedindo uma cerveja. O sotaque britânico a acalmou. Prue olhou para cima e viu um homem grande. Ele tinha cabelo preto e os olhos verdes mais escuros que já viu. O homem era alto, mais alto do que qualquer outro homem que ela já conheceu. Devia ter uns 2 metros. Provavelmente nem tanto. A noção de espaço dela era terrível.

Percebendo que o estava encarando, sentiu o rubor preencher as bochechas.

— Você pode olhar o quanto quiser — disse o homem, se sentando ao lado dela.

— Desculpe, você é tão alto — ela disse.

Jermaine trouxe a cerveja do cara e olhou para ele antes de colocá-la no balcão.

— Um brinde, companheiro.

Ela ouviu o sotaque, amando a forma como a voz dele a ajudava a relaxar. Os pensamentos dela se voltaram para James e ela os deixou de lado. Ele a via como nada mais do que uma menininha.

— Eu sou Prudence Star. — Ela estendeu a mão para o cara. — A maioria das pessoas me chama de Prue.

— Dane. — Ele apertou a mão dela e se afastou.

— Dane…

— O sobrenome não é necessário.

Prue sorriu. Jermaine ficou perto de onde eles estavam sentados.

— Então, uma garota sexy como você não deveria estar sozinha em um clube como este — ele disse.

— Eu não estou sozinha. Minhas amigas estão na pista de dança.

— E você não está lá com elas?

Ela olhou para ele.

— Para um estranho, você está fazendo um monte de perguntas.

— Eu sou um cara curioso. Eu sou amigo do James. — Ele olhou para ela.

Prue tirou um instante para realmente olhar para ele. Os olhos podiam ser da tonalidade mais escura de verde que ela já viu, mas havia frieza neles. Este homem não era o que deveria ser.

— Você vê quem eu sou agora, Prue.

— As aparências enganam — disse ela, tomando um gole da bebida. A mão tremia.

— Eu não vou machucar você.

— Saia do meu bar agora! — disse James. Prue se virou para ele, chocada ao ouvir a raiva na voz do homem. Ela olhou do Dane para James. Havia pura raiva no rosto dele.

— James, o que está acontecendo? — ela perguntou.

Ao invés de responder, ele a agarrou pelo braço e a entregou para Léo, que por acaso estava passando.

— Leve-a para a minha sala, Léo. Certifique-se de trancar a droga da porta para que ela não saia — James mandou.

— Ei, solte-me — disse ela, puxando o braço que ele segurava. Prue lutou com todas as forças para se soltar. O homem a segurou firme e ela não gostou disso.

— Faça o que eu mandei — disse James. Ela o olhou nos olhos sem compreender a súbita mudança nele. De onde ele veio? E o que havia de errado com o cara com quem ela estava conversando?

Ela queria discutir com ele. O olhar suplicante nos olhos do James a deteve. Uma coisa era discussão, outra era pura estupidez.

— É melhor explicar.

Ele assentiu com a cabeça. Léo a escoltou para fora do bar. Ela viu as duas amigas correrem para onde James estava. Ele deve ter dito alguma coisa para elas, porque só ficaram olhando para ela.

— Você poderia afrouxar a mão? Do contrário, eu vou ficar com um hematoma e não quero ter que explicar isso para os meus chefes. — Os chefes não se preocupariam com as contusões desde que ela fizesse o trabalho. Trabalhar em um escritório era chato.

Por que ela estava pensando nisso agora? Deveria estar em pânico.

Ele a levou pelo corredor até uma série de portas. Ela o observou abrir a primeira, fechá-la e se virar para a esquerda para abrir outra. Ele a estava levando por uma espécie de labirinto. Ela fechou os olhos sentindo a raiva começar a surgir. Verônica pagaria por isso.

— *Entregue ao James esta carta para mim. É importante. Você vai ficar bem. Ele gostava de você e vai se lembrar de você.*

Ela ia matar a irmã, droga. Ir a um clube conhecido por ser BDSM. Feito. Acabar se sentindo mal para caralho por causa do dono. Feito. Ser trancada em uma sala. Léo a colocou dentro de um quarto.

— Por favor, fique quieta até James vir pegar você.

Ele fechou a porta e ela ouviu o som inconfundível da fechadura sendo trancada.

Mais uma vez, ser trancada em uma sala. Feito.



Capítulo Quatro

James esperou que ela saísse antes de se voltar para Dane. No momento em que viu o assassino perto da Prudence, perdeu completamente o controle. De jeito nenhum ele iria colocá-la em perigo, nem por causa dele, nem por causa do Possession.

A amiga dela se aproximou.

— Eu sugiro que vocês peguem as suas coisas e saiam. Se você causar confusão, vou expulsá-las permanentemente da Ravage — disse ele sem nem olhar para elas.

Nenhuma das mulheres disse nenhuma palavra. Ele as viu pegaram as coisas e hesitarem a respeito do casaco da Prudence.

— Eu cuido disso.

Elas foram embora momentos depois.

— Você está fazendo uma cena no seu clube.

— Meu clube. Minhas regras. — James cruzou os braços. A raiva ameaçava consumi-lo. Ele queria rasgar o homem em pedaços. Dane não fez nada a ele. James simplesmente odiava tudo o que o cara representava. Não dava a mínima para o que ele tinha para oferecer, para a informação contida

no cérebro assassino do homem. Tudo o que James queria era tirar o filho da puta da vida dele e mantê-lo longe de Prudence.

— Você realmente quer fazer isso agora? — perguntou Dane, flexionando os braços.

James entendeu a ameaça.

— Você não entra no meu clube e fala com ela. — James estava pronto para fazer estrago. Eles não resolveriam isso como homens. Ele estava de saco cheio de falar com o cara.

— Lá atrás. Agora.

As ações eram imaturas. Ele precisava de alguma coisa para descarregar a agressividade. Estava cansado de se sentir fora de controle. O ano passado esteve fora de controle. Dominic Green, Lloyd Black, o tráfico de pessoas e a ameaça aos clubes dele e do Stephen. Ele estava de saco cheio de tudo isso. O Ravage era dele e ele não ia aguentar essa porra por nem mais um segundo. Dane representava tudo o que eles perderam nos últimos meses.

Ele abriu a porta para o beco nos fundos. Estava limpo e arrumado.

Dane saiu, seguido por Jermaine e pelo Léo.

— James, você não é assim. Não faça isso — disse Léo.

— Eu não estou nem ai, porra. Este desgraçado me irritou pela última vez. — Ele olhou para o homem em frente a ele. Dane parecia triste, mas determinado.

Dane começou a desabotoar a jaqueta.

— Você não vai estragar minha melhor roupa, velho.

— Pode vir. — Com quarenta e seis anos, James se sentia no auge.

A jaqueta foi entregue a Léo, que o pegou a contragosto.

— Eu não quero brigar com você — disse Dane.

James não sabia o que aconteceu com ele. Ver Prudence e Dane conversando o levou ao limite.

— Eu não dou a mínima, britânico. Vamos lá, você tem tentado me fazer chegar a esse ponto há algum tempo. Venha.

Dane manteve os punhos para baixo. Eles andaram em círculos em torno um do outro.

Nenhum golpe foi dado quando o brilho de faróis apareceu no beco.

Cadeon e Stephen saíram do carro, seguidos por Lucas e Sean.

— Sério, depois de todas as equipes de TV e noticiários, vocês vão começar uma briga no meio de um beco, onde qualquer um pode ver? — disse Stephen, fechando a porta com uma batida.

James continuou de olho em Dane. O homem podia estar do lado deles, mas ele ainda se recusava a confiar nele.

— Ele é sua responsabilidade, não minha. — James abaixou o punho e se virou para os outros homens que apareceram. Eles eram todos amigos dele, ou pelo menos ele pensava que eram.

— Todos nós concordamos em ir até o fim com isso. Não apenas por nós, mas por Isabella e Rebecca. Elas precisam saber a verdade.

Isabella era a irmã mais nova do Lucas. Ela passou seis meses no hospital se recuperando de vários anos de fome e abandono. Eles a encontraram atrás de uma moita de arbustos no parque local. Rebecca era outra história. Ela era ex-mulher do Lloyd Black e possivelmente a única ligação de verdade que tinham com os negócios do Dominic Green.

James odiava o que as vidas deles estavam se tornando. Eles não deveriam fazer parte de uma coisa assim.

— Onde estão Tate e Kevin? — perguntou James.

— No Possession com Rebecca e Isabella. Eles estão de olhos nas coisas — disse Stephen.

— Tire-o daqui — disse James, dando as costas para os amigos.

— Nós precisamos conversar, James — disse Cadeon.

James fechou os olhos tentando bloquear todos eles. Conversar não estava resolvendo nada. O último ano, com a imprensa revirando seu passado e sua vida, o expôs. James não achava que a antiga vida dele voltaria. Todos estavam se tornando parte de alguma coisa muito maior que eles mesmos. Como os outros não conseguiam ver os perigos chegando?

Levou um bom tempo para ele perceber. Quando concordara em ajudar com a libertação do Dane e das mulheres envolvidas com os amigos, não viu o perigo real que existia para eles.

Eles não eram cavaleiros brancos ou soldados. Eram homens de origem rica, onde o dinheiro garantia que o

trabalho fosse feito. Nenhum deles jamais estaria preparado para qualquer outra coisa.

— Eu não vou conversar esta noite. — Ele se afastou, indo em direção a Prudence.



— Alguém mais acha que o bom e velho James saiu dos trilhos? — perguntou Cadeon.

Dane manteve a boca fechada. A última coisa que precisava era se meter nos assuntos deles. Ele tinha pouco tempo para conseguir o dinheiro e fazer a troca, o dinheiro em troca da garota.

— Ele claramente não está lidando bem com tudo que está acontecendo — disse Stephen, olhando para ele.

Ele sentou no banco de trás do carro. Esses bastardos dirigiam carros de luxo**,** então havia espaço mais do que suficiente para os três na parte de trás. Lucas e Sean se sentaram um cada lado dele. Dane sabia que esses homens tiveram um monte de problemas. Também sabia pelo que Isabella passou. Ele não falaria nada.

Esses homens, não importa o quanto tentassem ajudar, não conseguiriam lidar com os homens que estavam por trás do comércio. Em comparação com pessoas como Dominic, esses garotos eram camponeses. Cadeon e Stephen voltaram para o carro. O motor foi ligado e saíram do beco. Era o beco

mais limpo que Dane já viu. A maioria dos que ele conhecia eram lixeiras com cheiro de comida estragada e mijo.

Ele balançou a cabeça. O maior erro que cometeu até agora era ter trazido os problemas dele para a vida dos caras. Entendia a necessidade deles. Ele mesmo se sentiu assim uma vez. Apenas uma vez. E sabia que, a menos que a tivesse de volta, nunca sentiria novamente.

— Por que James odeia tanto você? — perguntou Lucas.

— Porque eu matei gente. Acho que ele fica um pouco desconfortável de ter alguém como eu no clube dele. — Dane não entendia por que. Ele achava que BDSM era uma coisa estranha e, pelo que viu no porão, era praticamente tortura para algumas pessoas.

Ser forçado e pago para ferir pessoas ou, pior ainda, matá-las, acabou com toda a possível diversão desse tipo de jogos no quarto. Ele gostava de sexo selvagem. Ele não gostava de sexo com chicotes e correntes. Era demais para ele.

— Eu também — disse Lucas em um sussurro.

Ele sabia da história dos dois homens do lado. Eles serviram o país como homens nobres, lutando por uma causa em que acreditavam. Admirava-os por isso. Eles mataram porque era o trabalho deles. Nas forças armadas, era eles e a equipe ou o inimigo.

As mortes que eles causaram não tinham nada a ver com isso. Ele teve que matar para mostrar lealdade. Dane afastou o som dos gritos da mente. O tom de súplica nas vozes poderia fazê-lo perder o controle. Afastando esses pensamentos, olhou pela janela.

Dane desejou que pudesse ser como todos esses homens. Calmo e com dinheiro o bastante para estar seguro. Em vez disso, ele estava escondido com uma identidade falsa.

O que diabos ele fez?



Prue se sentou agitada na ponta da cama. Seu pai nunca a tirou de uma festa ou a envergonhou na frente dos seus amigos. A forma como as amigas a olharam foi uma combinação de dó e medo.

Ela não tinha medo do James. Ele latia, mas não mordia. Testemunhou o quão doce ele poderia ser com a irmã. Não havia nada a temer nele. Batendo o pé no tapete grosso, ela vigiou a porta esperando por algum sinal do James. Gritou e bateu na madeira sem nenhuma chance de conseguir escapar.

Olhar ao redor do quarto não adiantou nada. Não havia nada pessoal. Tudo o que havia era uma cama. Uma cama, mais nada para ajudá-la a lidar com o tédio.

A fechadura girou na porta. James apareceu e ela olhou para ele. Pela expressão no rosto, ele não estava com vontade de discutir.

Terrível.

— Como se atreve a me controlar assim? — Ela saiu da cama e foi até ele. James fechou a porta atrás de si e se encostou no batente.

— Foi para o seu próprio bem — disse ele, cruzando os braços. O ato de desafio a irritou. Ela queria que ele dissesse alguma outra coisa.

— Meu próprio bem? Eu estava conversando com um cara num bar, James. Não estava fazendo nada de errado. Você não tinha o direito de fazer o que fez. — Ela colocou o dedo no peito dele, sentindo pouca satisfação pelo simples cutucão não fazer nada. James era cheio de músculos. Ela o viu sem camisa uma vez quando morava no apartamento da irmã. Aquela olhada alimentou e manteve as suas fantasias vivas.

Ela era uma irmã horrível. James era o ex da Verônica. Como ela podia sequer pensar em tê-lo?

— Este é o meu clube, Prudence. Eu faço as regras. E se eu disser a você o que fazer, você vai fazer, porra, ou vai ser pior!

A voz ficou mais alta a cada palavra. Ela ouviu o aviso por trás delas. A rebelde dentro de si era muito difícil de ignorar. Prue olhou para a altura do corpo dele, reparando em cada parte. Ele era alto, não tão alto quanto Dane, mas muito mais do que ela. Os ombros tinham o dobro do tamanho dos dela, com braços grossos bem definidos e musculosos. Prue só podia imaginar a força que ele tinha. Tudo nele era maior do que nela. Ele a fez se sentir pequena e delicada em comparação com o tamanho e o peso dele.

Ela olhou para o corpo dele, indo para os lábios. Eles estavam apertados em uma linha dura de desaprovação. Ela

se perguntou como seria senti-los pressionados contra sua própria boca com a única intenção de dar prazer.

Contendo um gemido, ela subiu para os olhos. Eles eram castanhos e sempre a deixaram paralisada. Às vezes ela tinha certeza que ficavam negros como a noite dependendo do humor dele. Ela gastou tempo demais analisando o corpo desse homem. Em seguida, o cabelo, que era preto com exceção dos poucos fios cinza que ela viu. Esse homem tinha vinte e três anos a mais do que ela e, ainda assim, era o homem mais atraente que já viu.

Lambendo os lábios, ela olhou para o chão. Será que James tinha ideia de como ela se sentia? Finalmente se deu conta das palavras dele. Franziu a testa. Ou vai ser pior?

— Ou vai ser pior? Ou o quê, James? Você vai bater em mim? Me colocar nos seus joelhos e me dizer o quanto eu fui uma garota má? — Uma vez que começou, não havia como parar.

Prue fechou a pequena distância entre eles, pressionando o corpo contra ele. Ele não a afastou ou a puxou para mais perto. Diante do silêncio dele, ela se inclinou até ser capaz de lhe sussurrar no ouvido.

— Eu ouvi tudo a respeito deste clube, James. Você é um homem dominante e eu sei o que homens dominantes fazem.

Ele segurou os braços dela e a empurrou para trás.

— Eu não sei o que deu em você. Sugiro que siga o meu conselho e não volte aqui.

James olhou para ela. Ela o olhou nos olhos, viu quando eles ficaram pretos. Calor inundou sua boceta. Esperou que ele falasse. Quando não disse nada, ela colocou a mão no peito dele.

— Eu nunca fui boa em fazer o que me dizem, James. Não gosto que me digam o que fazer. — Ela acariciou o peito dele, sentindo o calor contra a palma da mão.

— Você vai fazer o que eu digo — disse ele.

Havia muita arrogância na voz.

— E por que eu obedeceria você quando nem sequer obedeço aos meus pais? — perguntou ela.

Ele se inclinou, fazendo-a enrijecer. A mão se estendeu para acariciar a bochecha dela. Ela respirou fundo quando o polegar se arrastou ao longo do seu lábio inferior. O que ela não daria para ele colocar os lábios nos dela.

O coração acelerava dentro do peito. O clitóris estava inchado. Ela sabia que precisava encontrar um alívio esta noite.

— Porque quando eu ameaço, Prudence eu falo cada palavra sério. Se você não ouvir o que eu digo, então haverá consequências.

Ele se inclinou para mais perto. Os lábios há centímetros dos dela.

Ela fechou os olhos esperando.

— Tem um táxi esperando por você lá embaixo, Prudence. Ele vai levá-la aonde quer que você vá.

No momento seguinte, ele a soltou e foi embora. Léo estava do lado de fora esperando por ela. Queria encontrar

James e chutá-lo. Ela agiu como uma idiota e não gostava disso.

Léo estava com o casaco dela na mão. Ela o pegou e o seguiu para a parte da frente do clube.

— Ele quer o seu bem, Prue — disse Léo.

— Eu não dou a mínima para o que ele quer. Ninguém, especialmente ele, manda em mim. — Ela vestiu o casaco, sentou no banco de trás do táxi e falou o endereço de casa.

Ela se mudou do apartamento da irmã há muito tempo. Verônica era agora uma mulher casada feliz com duas crianças pequenas.

Esta noite, no entanto, ela estava na casa da Prue. O táxi parou em frente à casa dela. Ela foi pagar o motorista. Ele lhe assegurou que a corrida já foi paga.

Dando de ombros, ela saiu do carro e foi para a porta da frente. O carro saiu quando ela estava trancando a porta da frente.

— Demorou — disse Verônica.

Foi a gota d'água.

Prue se virou e enfrentou a irmã.

— Como se atreve a me proibir de entrar no Ravage ou em qualquer clube por causa daquilo? Como você pôde, Verônica?

A irmã cruzou os braços a encarando. Ela viu a culpa no rosto da Verônica. Prue xingou e passou por ela. Estava cansada de ser tratada como criança. Os pais queriam comandar a vida dela e Verônica continuava protegendo-a de todas as formas possíveis.

— Eu fiz isso para a sua própria segurança. — Verônica a seguiu até a cozinha.

Prue grunhiu enquanto enchia a chaleira. Colocou-a no fogão e o ligou.

— Minha segurança? Tudo o que já fez foi para me manter segura. Quando é que você vai me deixar viver a minha vida do jeito que eu quero?

— Prue, não é simples assim.

— Na verdade, é. Quando se tratar de mim, simplesmente fique fora da minha vida. — Ela se virou para a irmã, olhando para a perfeição que ela era. Verônica ainda era magra, mesmo depois de ter dois filhos.

Não era de se admirar que fosse a favorita dos pais. Era a dona de casa e mãe perfeita enquanto Prue tinha um emprego sem expectativa de crescimento e nenhum namorado.

Ela deixou de lado todos os pensamentos a respeito do James.

— Você é jovem. Eu não quero que você cometa erros.

— Eles são meus erros. Você não está me protegendo. Você está me sufocando, Verônica.

— Eu quero que você seja feliz. Que tenha o que eu tenho — disse Verônica.

— Eu não quero o que você tem.

Silêncio se seguiu.

— O que?

— Casamento, filhos, casa e a vida perfeita que você leva. Eu não quero isso. Nunca quis. Eu amo o que tenho. Você tem que parar de se intrometer.

A irmã olhou para ela de um jeito que fez Prue achar que lhe cresceram três cabeças ou algo assim.

— Você entregou minha carta para James?

— Sim. Entreguei para ele. Não sei se ele vai ler.

— Estou feliz por você ter saído bem do Ravage. Eu estava tão preocupada com você. — Verônica caminhou até ela, passando os braços em volta da cintura da irmã. Prue revirou os olhos. Ela a amava, mas isso era exagero.

Ela a afastou e fez uma xícara de chá para si mesma.

— Você trabalhou naquele lugar por anos e namorou o dono do clube. O Ravage não é problema. É tão perigoso quanto ir à biblioteca.

— Prue, você não tem ideia do que acontece lá dentro. Confie em mim, o Ravage não é um lugar seguro.

Balançando a cabeça, ela passou pela irmã.

— Você vai passar a noite aqui?

— Sim, se você não se importar.

— Fique o quanto quiser. Eu tenho que trabalhar amanhã, então deixe a chave na caixa do correio quando for embora — disse Prue, subindo as escadas em direção ao quarto.

— Você vai trabalhar em um sábado?

Ela parou para olhar para a irmã mais velha. A expressão chocada no rosto da irmã fez Prue rir. — Desculpe, mana, nós, os peixes pequenos**,** ainda temos que trabalhar

para manter um teto sobre nossas cabeças. Vejo você amanhã.

Prue fechou a porta do quarto antes de colocar a xícara ao lado da cama. Ela caminhou até o espelho sobre a cômoda. Pegando os lenços demaquilantes da gaveta, começou a remover a maquiagem lentamente.

Os pensamentos se voltaram para James. Só a presença dele foi suficiente para fazê-la derreter. Se ele não tivesse ficado com a Verônica. Não queria magoar a irmã ficando com o ex dela.

Terminou de tirar a maquiagem e vestiu o pijama macio estampado com ursinhos de pelúcia. Prue sentou no meio da cama bebendo o chá. Odiava discutir com a irmã. Quando a xícara ficou vazia, desceu as escadas e viu a irmã encolhida no sofá. Estava passando uma comédia romântica na televisão.

— Achei que você já tivesse dormindo — disse Verônica.

— Sinto muito por ter gritado com você. Eu sei que você se preocupa comigo.

Verônica desligou a televisão e se virou para ela. — Desculpas aceitas. Você está certa, eu me importo com você. Não quero que se machuque. Depois de tudo o que foi noticiado a respeito do James e do clube, não quero você perto dele.

Ela se sentou na outra ponta do sofá.

— Quando você usa esse tipo de coisa, eu esqueço que você é adulta.

Prue olhou para a roupa de dormir, sorrindo por causa do comentário da irmã.

— Eu sei. Eu estava me perguntando: o que aconteceu entre você e James? — perguntou Prue. Quando a irmã terminou com James, nunca falou sobre o que aconteceu.

— Nós queríamos coisas diferentes.

— Você o amava? — perguntou Prue, prendendo a respiração.

— Você tem um monte de perguntas esta noite.

— Fiquei surpresa com o misterioso envelope branco. Você nunca falou sobre ele e quando estavam juntos, parecia feliz.

Verônica olhou para ela por alguns minutos antes de responder.

— Eu era feliz, Prue. Ele é um homem incrível. Eu só não era o tipo de mulher que ele queria. Eu acho que vou para a cama.

Prue assistiu à irmã sair. O coração estava doendo. Ela queria James e sabia que a irmã ainda tinha sentimentos por ele. Verônica não respondeu à pergunta que Prue mais queria que ela respondesse. Ela o amava? Prue estava começando a pensar que a irmã não superou os sentimentos dela pelo James.



Capítulo Cinco

James observava Lucas Sanchez espancar uma sub. O homem estava aliviando o estresse e a sub diante dele amava cada segundo da atenção. James via a expressão de êxtase no rosto dela. Era frequentadora regular do Ravage e estava sempre procurando o Dom certo para lhe dar o que precisava.

Ele abriu e fechou o celular para manter as mãos ocupadas. Vários outros casais estavam espalhados pela sala pequena. O pequeno bar servia para os voyeurs e ajudava a deixar os membros mais novos à vontade. James tinha orgulho dessa parte do clube. O bar e a boate no andar de cima garantiam uma quantidade regular de clientes procurando por diversão, enquanto essa parte satisfazia muito mais necessidades dele e de outros.

Lucas estava batendo na mulher a mais de uma hora. O show atraiu muita atenção do seleto grupo de clientes do clube. Ele ficava maravilhado com a quantidade de pessoas que tinham esse estilo de vida.

Olhando para as mãos, ele não conseguia parar de pensar na Prudence. Como ele se sentiu com ela nos braços. Ele se perguntou como seria a sensação de enrolar o cabelo de duas cores no pulso e ver a submissão nos olhos dela.

Há muitos anos ele era capaz de detectar uma submissa a um quilômetro de distância. O pai o treinou para assumir o clube. Os pais dele e do Stephen foram amigos de longa data quando vivos. As famílias deles estavam ligadas há mais de cem anos. Quando morreram, Stephen herdou o Possession e James, o Ravage, apesar de ter sido um visitante frequente e treinado como Dom antes do clube ter se tornado dele.

Quando fez dezoito anos, o pai sentou e falou com ele aberta e honestamente. Naquele momento, a conversa o enojou, mas o assunto era importante. A partir do momento em que chegou a adolescência e a puberdade, soube que era diferente. A maneira como se sentia a respeito das mulheres e as necessidades dele durante o sexo o assustaram. Até que seu pai falou com ele.

Não pensava a respeito do estilo de vida dos pais; isso era demais para ele lidar. No momento em que o pai o levou para o clube, soube que era onde ele deveria estar. Treinou muitas subs ao longo dos anos e ajudou muitos casais a se encontrarem na vida BDSM.

Dominância era parte dele e aceitava isso.

Mas?

Ele balançou a cabeça. Mas nada. Não ia pensar nela. Prudence estava fora de alcance para um cara como ele. Não iria fazer nada a respeito disso.

Você sentiu a atração. A inegável necessidade de reclamá-la, tomá-la e fazê-la sua para o resto da vida.

Ela não é minha.

Ela poderia ser.

O som da sub chegando ao orgasmo o trouxe de volta a realidade. Ele observou Lucas limpá-la, abraçá-la e depois caminhar até onde ele estava sentado.

— Você a treinou bem.

James assentiu com a cabeça.

— Você geralmente estaria com uma sub agora, em treinamento. Qual é o problema? — disse Lucas.

— Não tem problema nenhum. Coloquei outro Dom para treinar as novatas. — James assumia as subs que precisavam encontrar um Dom experiente, que não as machucaria.

— Alguma coisa está preocupando você.

— Nem brinca. Como você pode sequer pensar direito com tudo o que está acontecendo por aqui? Dane e todos os problemas com Dominic. Sinto que vou explodir. — James desabafou com o outro homem. Ele não sabia por que estava achando difícil compreender tudo o que aconteceu nos últimos meses. Tudo o que sabia era como a sua vida estava sendo afetada. Nada era mais o mesmo. Nada parecia ser o mesmo para ele. Era um desperdício de tempo sem fim. O clube, o orgulho e a alegria não tinham mais qualquer encanto.

Era como se estivesse preso no limbo sem chance de escapar.

Ele resmungou e passou os dedos no cabelo. O que o pai faria nessa situação?

— Você não pode deixar isso afetar você, James — disse Lucas.

— É mais fácil falar do que fazer. Não posso me mexer sem pensar que a imprensa está no meu pé**.** Mais e mais membros querem entrar para o clube. Checar todos eles está se tornando um problema. Não quero colocar os meus em risco por causa de tudo o que está acontecendo.

— Você acha que Stephen não está passando pela mesma coisa?

— É diferente. Ele tem a Úrsula.

Lucas riu.

— Não tem nada diferente. Ela teve que parar de estudar por causa da imprensa a perseguindo na faculdade. Os professores não queriam ensinar alguém associado ao Stephen e muito menos prestes a se casar com ele. Cadeon é parte dessa bagunça também. Violet vai dar à luz ao primeiro filho deles em poucos meses e ele está atolado de trabalho.

James ouviu tudo o que Lucas tinha a dizer, chocado com as notícias. Ele pensou que sabia tudo o que estava acontecendo. Pelo que Lucas estava dizendo, não estava nem perto de saber. Lucas continuou.

— E nós temos o problema com Sean. Ele está ficando louco. Minha irmã Isabella ter voltado o perturbou. Ela passa a maior parte do tempo trancada no quarto se recusando a falar com alguém, piorou comigo. Então tem Rebecca. Ela está no Possession e tem pavor de dizer qualquer coisa errada. As pessoas ao seu redor estão sofrendo, James. Você apenas não está por perto para ver.

— Por que você não me disse? Nenhum de vocês me procurou.

— Por que nós procuraríamos? Você se fecha aqui e nunca dá a mínima para a dor ou para a dificuldade pelas quais seus amigos podem estar passando. O Ravage se tornou a sua vida. Você não vai a qualquer lugar. Quando foi a última vez que você visitou o Possession para simplesmente tomar uma bebida e conversar com os caras lá?

James pensou sobre a questão. Visitar o Possession não foi prioridade na lista de coisas a fazer dele. A menos que fosse para lidar com a droga em que eles se meteram, ele não foi lá há mais de dois anos.

— Olha, eu não conheço você como os outros conhecem e agradeço por você ter me ajudado quando eu não tinha dinheiro para fazer um nome, mas acho que você precisa dar um passo atrás e ver o que nós ainda temos.

Lucas terminou de beber o café e se levantou.

— Eu tenho que voltar para o Possession. Pense sobre o que eu disse.

— Eu vou.

Ele se sentou ali por mais alguns minutos antes que não pudesse mais aguentar. James saiu do calabouço e foi para o escritório.

No momento em que ele se sentou na cadeira para começar a olhar para as telas, o telefone tocou.

— James — disse ele, pegando o celular.

— Senhor, a irmã da Verônica está aqui de novo com as amigas — disse Léo.

— Onde?

— Ela está no bar enquanto as amigas estão na pista de dança.

James desligou o telefone xingando. Era segunda à noite e ela assolou os pensamentos dele durante todo o fim de semana. Sentia-se um bastardo doente por desejá-la. James foi até o armário no canto do escritório e pegou o arquivo da Verônica. Ele digitou o número dela no celular e ligou.

— Olá — disse ela. Ele odiava o jeito como a voz dela soou nervosa. Ela sabia que era ele.

— Sua irmã está aqui de novo. Eu fiz uma promessa para você, mas não posso continuar expulsando bons clientes.

— Eu sinto muito, James. Você recebeu a minha carta? — ela perguntou.

— Recebi. Não tive chance de abrir.

— Por favor, abra. É importante para mim.

— Vou abrir. O que você quer que eu faça a respeito da sua irmã?

Houve silêncio do outro lado da linha.

— Ela detesta que eu interfira na vida dela. Eu não posso forçar você a fazer nada. Só a mantenha segura, ok?

James apertou os dentes. Em outro momento, as palavras teriam machucado fundo, ao passo que agora, só o enfureceram.

— Nós não somos monstros, Verônica. Sua irmã está em boas mãos aqui.

Ela resmungou alguma coisa.

A raiva aumentou.

— Talvez da próxima vez você devesse trazer as suas porcarias você mesma, assim, não colocaria a sua irmã em perigo.

Fechando o celular, ele rasgou o arquivo, finalmente sentindo que encerrou o capítulo a respeito da ex. Ele não tinha vergonha de quem era, no entanto, as palavras de Lucas o fez pensar.

Ele se afastou por um ano. Não ficou sabendo de muita coisa e precisava saber. Não era culpa de ninguém. Os amigos precisavam da ajuda dele e começaria os ajudando.

Primeiro ele precisava deixar Prudence de lado. Ela estava bagunçando com a sua cabeça e ele e não gostava disso.



Outra noite e ela estava no bar esperando o dono aparecer e mandá-la embora. Estremeceu ao pensar no James tocando-a de novo. Becky e Anya a convenceram a ir ao clube depois do trabalho.

Ela queria ver James de novo. Seus pensamentos estavam constantemente se voltando para ele. Ele era um sonho molhado interminável.

Léo parou perto dela.

— Você pode ir fazer o seu trabalho, sabia?

— Eu acho que não. Eu a deixei sozinha da última vez e você escapou.

— Estou sob custódia ou coisa assim?

Ele olhou para ela, os braços cruzados, e olhou para a outra ponta do bar. Ela deu de ombros, bebendo a água gelada que Jermaine lhe deu.

— Eu não vou nem responder.

Tomou um gole da bebida olhando para as amigas na pista de dança. James veio e se sentou no banco ao lado dela. Léo saiu para voltar à posição de segurança. Prue se recusou a olhar para ele. Em vez disso, olhou para as amigas sendo o centro das atenções na pista.

— Você tem outra carta para me entregar? — perguntou.

— Não — Prue ainda não olhou para ele.

Era mais fácil responder quando ela tinha que olhar nos olhos dele.

— Por que você está aqui? — perguntou.

Ela ignorou a pergunta olhando para um dos caras tocando os quadris da amiga.

— Prudence — ele disse.

Quando nenhuma resposta foi dada, ele segurou a bochecha dela e virou o rosto para si.

— Eu vim porque gosto daqui.

— Você não deveria estar aqui.

— Por quê? Este é um bar legal. Um dos melhores da cidade e eu acabei de sair do trabalho. Estou aliviando o estresse. Não estou causando nenhum problema. Eu nem posso beber álcool — ela disse levantando a taça. — Olhe. Água.

— Eu prometi para a sua irmã.

A raiva aumentou ainda mais. Ela bateu o copo no balcão e se levantou.

— Estou cansada dessa merda. Tenho vinte e três, James. Não sou criança nem adolescente. Posso tomar as minhas próprias decisões. — Para provar, ela foi para a pista de dança com as amigas. Anya e Becky pegaram nas suas mãos.

— Você está bem? — Anya perguntou por sobre o som da música.

— Sim, só cansada da minha irmã e ele tentando me proteger. Eu não preciso de proteção. — Ela mexeu os quadris tentando se perder no ritmo da música.

— Eu acho que ele gosta de você mais do que deixa transparecer — Becky sussurrou no ouvido dela. — Ele está olhando para você, Prue.

— Você ainda o quer, Prue?

Ela deu uma olhada rápida na direção dele. Elas estavam certas, ele estava olhando para ela.

— Não importa. Ele está fora de alcance para mim. Eu acho que a minha irmã ainda está apaixonada por ele.

A música terminou e elas voltaram para o bar. Ela pegou o casaco e passou perto do James, que não saiu do lugar.

— Você não pode me ignorar, Prudence.

— É Prue e observe e veja. — Ela se soltou dele se aproximando das amigas. Jermaine trouxe outra água gelada, que ela bebeu.

— Sua irmã ainda está apaixonada por ele? Como você soube? — perguntou Anya.

— Quando eu a questionei e ela não respondeu a minha pergunta.

— O que aconteceu entre os dois? — perguntou Becky.

— Não faço ideia. Eu realmente gostava dele. Na verdade, eu mais do que gostava dele. Acho que a minha irmã sabia como eu me sentia. Ela nunca disse nada. — Prue esfregou as têmporas sentindo o calor do bar chegar a ela.

— Eu acho que ele gosta de você.

Dando de ombros, tomou um gole da bebida. Alguns caras caminharam até elas. As duas amigas sorriram e deram risinhos. Prue tentou ignorar o cara ao lado dela.

— Ei, linda. Tudo bem? — A voz suave a fez estremecer. Uma das mãos dele pousou no ombro dela.

— Bem, obrigada. — Ela empurrou a mão do ombro.

— Você gostaria de dançar?

— Não, obrigada. — As duas amigas estavam conversando enquanto esse cara tentava apalpá-la.

— Vamos lá, querida. Dance comigo. — Ele puxou a mão dela, o que a fez cair do assento. Os joelhos bateram no chão azulejado causando uma explosão de dor no corpo. Merda! Ela não imaginou que aquilo aconteceria.

Prue olhou para cima por causa do tumulto. No pouco tempo em que ela esteve de joelhos, James agarrou o cara pelo colarinho e bateu ele contra o balcão. Ficou chocada com a força bruta com que ele o fez.

— Quando uma mulher diz não, ela quer dizer não. — Ele levantou o punho. Léo o segurou antes que desse outro golpe.

James olhou para a cara com desprezo. Prue estremeceu quando levantou do chão.

— É melhor sair do meu clube e não voltar. — Ele a pegou do chão, uma das mãos sob os joelhos enquanto a outra mantinha as costas dela firmes. James a levou do bar para o escritório. O rosto dela estava vermelho de vergonha. Nem sequer olhou para os joelhos ainda. Estavam feridos, mas o seu orgulho estava ainda mais.

No momento em que a porta do escritório fechou, ela começou a se remexer nos braços dele.

— Ponha-me no chão, por favor — disse ela.

Ele não a soltou até que a colocou no sofá. James se ajoelhou na frente dela, puxando a perna dela para frente.

— Você não tem que cuidar disso, James. Eu posso voltar para o clube.

— Prudence, você bateu os joelhos no meu chão azulejado. Eu sei o quão doloroso isso pode ser. Deixe-me cuidar você — James disse.

Ele puxou a saia lápis acima dos joelhos. Ela fez uma careta por causa da dor súbita.

— Não tem sangue. Você tem uma hematoma feio. Seus joelhos bateram com força no chão.

— Joelhos sortudos.

Ele sabia que os dedos estavam acariciando os músculos da panturrilha dela? O toque era calmante e os dedos suaves.

Ela fechou os olhos saboreando o leve toque.

— Você é ruim para o meu negócio. Aquele foi o segundo cara que eu tive de expulsar do meu clube em questão de quatro dias. Nesse ritmo, eu vou fechar até o final do ano — James brincou.

Prue olhou para ele.

— Você que não gosta que outros homens me toquem — Ela disse, incapaz de se conter.

Ele parou no joelho dela.

— Não, eu não gosto.

A admissão não ajudou a aliviar a confusão dela em nada.

— Por quê?

— Porque eles não merecem você, Prudence. Eu conheço o tipo de homem que vêm aqui e não confio neles.

Ela lambeu os lábios. — Por que você é um Dom?

— O quê? — Ele olhou para ela surpreso. — A Verônica contou para você?

— Não. Saiu na mídia e um ex-namorado gostava desse estilo de vida. — Por que ela estava conversando com ele? Estava zangada com ele. Estava irritada e queria que ele a deixasse em paz.

A maneira como ele estava acariciando a canela dela a fazia querer dormir.

Ela viu a outra mão dele apertar a própria coxa. Os dedos estavam brancos por causa do que ela disse.

— Isso é errado — disse ele.

— O que?

— Eu namorei a sua irmã. Sou mais velho do que você.

— Nós estamos só conversando, James.

Ele olhou para ela.

— Você acha que eu não vejo o interesse nos seus olhos?

Prue baixou o olhar por causa do que ele disse.

— Eu acho que você deve ir embora — disse ele.

Ela levantou do sofá, sentindo falta do toque dele quando o fez. Os joelhos estavam machucados e estava ansiosa por um banho.

— Você precisa parar de afugentar os homens, James — ela disse esticando as mãos acima da cabeça.

— Eu não vi nenhum interesse da sua parte. Imaginei que eles estavam incomodando.

— Você sempre afugenta homens indesejados por outras mulheres no seu clube?

Ele ficou em silêncio e a pergunta não foi respondida. Ela olhou para ele, irritada com a forma como a fazia se sentir. Era injusto que ela fosse afetada por ele enquanto ele não mostrava sinais de ter qualquer interesse por ela.

— Você não é como as outras mulheres, Prudence. Eu tenho que proteger você — disse ele. Ela ouviu a determinação na voz junto com outra coisa que não sabia o que era e isso a surpreendeu.

Ela deu um passo em direção a ele. Um dedo encostando no peito do homem.

— Eu não sou responsabilidade sua, James. Eu posso fazer a porra que eu quiser.

Ele agarrou o dedo, virando-o para longe do peito.

— Não comece algo que você não pode terminar.

Prue não tinha ideia do que deu nela. Talvez tivesse sido a água gelada ou simplesmente estar próxima desse homem poderoso. Ela pressionou o corpo contra o dele. Os mamilos se endureceram por causa do pequeno contato. A boceta parecia estar pegando fogo.

— Quem disse que eu não posso terminar? Você não sabe tudo sobre mim, senhor Castleden.

Ela se aproximou dos lábios dele. Prue sentiu a respiração do James se misturar com a dela mesma.

— Você não está brincando com os seus garotos da faculdade, Prudence. — As mãos dele subiram, segurando os braços dela. Ela choramingou por causa da força dele.

Quem não gostaria de ser afetada por esse homem?

Ele se afastou dela a distância de um braço.

Prue esperou que a soltasse. Ela olhou para ele por alguns segundos tentando ver se havia algum sinal de que o afetou. Não havia nada visível.

— Vejo você por aí. — Ela se virou e saiu. As duas amigas estavam esperando ansiosamente no bar. — Vou sair daqui. Vejo vocês no trabalho.

Ela deixou o clube sem olhar para trás.



Capítulo Seis

James a viu sair. O balanço dos quadris e aquela bunda grande e arredondada o tentaram. Ele queria chamá-la de volta, tirar a saia do corpo dela e ver o tamanho que sua bunda tinha de verdade. Ela não deveria estar tentando-o assim. Passou a mão no rosto em uma tentativa de conter o desejo.

A pulsação do seu pau não estava diminuindo. Ele a xingou por invadir seus pensamentos. Dando uma olhada no escritório, tentou encontrar alguma coisa para ocupar a mente e parar de pensar nela. Todo o cheiro que sentia era do sutil perfume dela que permeava o ar.

— Porra — ele disse.

Vendo que não havia salvação no escritório, saiu da sala e foi para o calabouço, onde a ação de verdade estava ocorrendo. A batida da música no Ravage não era de forma alguma atrativa. Ele não sabia se ela foi embora ou se estava lá dançando com algum idiota.

Foi para a cabine de costume na parte de trás do clube para que pudesse assistir aos procedimentos. O andar de cima não tinha nenhuma ação de verdade. Uma mulher sub estava sendo punida pela indiscrição de esquecer o título de um Dom.

Assistir ao que se passava no clube normalmente o acalmava enquanto que agora tudo o que ele via era Prudence. Como seria se ela se a ajoelhasse aos pés dele ou se oferecesse para fazer qualquer coisa que ele quisesse.

Tate e Kevin se aproximaram interrompendo os pensamentos dele. Eles eram dois amigos que trabalhavam com segurança. Pelo que sabia, eram ótimos no que faziam e fizeram uma fortuna com os serviços prestados. Os dois homens também estavam apaixonados pela Rebecca. Desde o ataque, eles raramente iam à masmorra ou ao Ravage.

Sentaram-se de ambos ao lado dele, as expressões tristes.

— Estranho ver vocês aqui — disse James bebendo um conhaque que uma garçonete lhe trouxe.

— Precisávamos sair de lá. Estava foda demais — disse Tate.

James adivinhou que o lá era o Possession.

— Como estão as coisas por lá? — perguntou James, lembrando-se do que Lucas disse.

— Você quer dizer entre os pesadelos e o silêncio sem fim? Nada. Rebecca olha pela janela como se estivesse esperando ver alguma coisa. As malas dela estão sempre feitas e ela se recusa a voltar para a casa que Cadeon arrumou — disse Tate.

Kevin permaneceu em silêncio.

— Sinto muito em saber que está tão ruim por lá.

Nenhum dos dois falou.

— Ela conhece Dane — Kevin disse, depois de passado algum tempo.

— O quê? — perguntou James.

— Eles não falam um com o outro, mas vemos o reconhecimento nos seus rostos. Eles se conhecem e eu acho que é algo relacionado ao Lloyd Black. — Kevin virou um copo cheio de uísque antes de bater o copo na mesa. — Eu vou pegar outro. Algum de vocês quer?

Ambos os homens balançaram a cabeça e esperaram ele sair.

— As coisas estão ficando feias por lá. Stephen está tendo que lidar com clientes que se recusam a pagar. Além disso, a imprensa não sai de cima dele. Querem que ele fale a respeito do Possession e como você se tornou membro. Então, com mais essa história do Dane.

James escutou enquanto Tate continuou falando.

— Rebecca e Isabella não estão ajudando. Elas vivem lá permanentemente. Lucas e Sean estavam falando comigo no outro dia e não acham que essa coisa com Dominic Green acabou. Está na cara que estamos envolvidos. Kevin e eu aumentamos a segurança e recomendo que você faça o mesmo.

— Então eu vou deixar você e Kevin lidarem com a minha segurança aqui. Não tenho a menor ideia por onde começar.

Tate assentiu

— Nós vamos cuidar disso no fim de semana.

O som de uma sub gritando de prazer tirou a atenção deles da conversa. James viu a linda de cabelos escuros sendo levada ao clímax. De repente, a mulher mudou na cabeça dele. Ele viu o cabelo de dois tons. O castanho se tornou preto com o contraste do vermelho escuro por baixo.

Ele balançou a cabeça tentando colocar os pensamentos em ordem. Prudence não deveria estar nos seus pensamentos. Ela era muito jovem e era a irmã mais nova de uma das suas ex.

Voltando a atenção para a mesa, pensou a respeito de Prudence com o sorriso doce dela. Aquele sorriso doce se transformou em um cheio de promessa sexual alguns momentos atrás.

— Eu preciso que você faça mais uma coisa para mim — disse James.

— Do que você precisa? — Tate perguntou enquanto Kevin se juntava a eles.

— Quero que você cheque alguém. Eu quero saber dos namorados do passado, das notas na faculdade e onde ela trabalha agora.

Que porra você está fazendo? Ela é mais jovem do que você. Você não deveria estar fazendo isso.

Pare.

Ele não podia parar.

Tate pegou um caderno e começou a fazer anotações.

— Eu preciso de um nome.

— Prudence Star.

— Para quando você quer essas informações?

— Até o final da semana ou assim que você conseguir. — James tomou um gole da bebida. Uma sub parou perto da mesa olhando para o chão.

— Sim — James disse com um grunhido.

— Meu mestre me ofereceu a você — disse a voz.

— Diga a ele que eu não estou interessado.

Ela correu para longe.

— Você não é assim, James, dispensando uma sub.

Ele não disse nada enquanto bebia. Desde que Prudence entrou no Ravage na sexta-feira, não pensou em treinar ou tomar uma sub no fim de semana. Nenhuma delas tinha qualquer atrativo. Empurrou Kevin para fora do caminho e se levantou.

— Tragam essas informações para mim. — Ele deixou o calabouço sem olhar para trás. Algumas pessoas tentaram chamar a sua atenção. Ele as ignorou, fingindo não tê-las visto. James saiu do clube e pediu ao Léo para chamar um táxi para levá-lo ao Possession.

Esperou enquanto Léo falava com a empresa de táxi. Eles usavam uma que conhecia a situação e ficava de boca fechada.

Uma vez dentro do carro, o motorista não falou com ele ou interagiu de qualquer outra forma. James olhou pela janela tentando tirar a linda de cabelo preto e vermelho da cabeça.

No portão do Possession, ele digitou o número de doze dígitos que era o seu código de acesso. Os portões abriram e fecharam imediatamente quando o carro entrou no caminho

que levava até a casa. Quando o táxi parou, pagou para o motorista esperar enquanto ele estivesse lá dentro.

Ficou surpreso ao ver que não havia porteiro quando entrou. James não tirou o casaco e foi para o escritório do Stephen.

Lucas e Sean estavam descendo as escadas parecendo ter acabado de sair do inferno. Ele viu Lucas lhe dar um aceno de cabeça.

— Estou surpreso de vê-lo aqui — disse Sean. O homem parecia ter envelhecido vinte anos.

— Você ainda bebe da garrafa? — perguntou James.

— Não. Eu bebo do copo e deixo a garrafa por perto. — Sean saiu deixando Lucas e James sozinhos.

— Onde está o porteiro?

— Acho que você precisa falar com Stephen.

Lucas passou por ele, deixando-o sozinho.

Ele bateu na porta e ouviu a voz abafada do amigo dizendo que estava aberta.

Ao entrar na sala, James ficou chocado com o que o viu. Havia pilhas de papéis na mesa. Dane se sentava no meio da sala olhando alguns dos montes de papelada.

Stephen olhou para cima

— James? É você?

— O primeiro e único. O que está acontecendo? — perguntou James, andando pela sala.

— Eu finalmente esvaziei o porão da casa que o papai mantinha escondido. Estes são todos os arquivos sobre os membros do Possession. — Stephen voltou a ler.

— Por que você não tem um porteiro?

— Ele saiu quando foi atacado na porta por dois caras que conseguiram um código de acesso do portão. Eles não pareciam clientes regulares. Eram membros da imprensa. Após o ataque, pessoas que trabalhavam aqui foram expostas. Eu o compensei e ele ainda terá o emprego quando toda essa merda acabar — Stephen explicou sem olhar para cima.

James olhou para a papelada sem fim.

— Como eles conseguiram os códigos de acesso?

— Alguém hackeou o nosso sistema. Tate e Kevin aumentaram a segurança para mim. Estou esperando que dê conta de qualquer possível ameaça. Eu estou de saco cheio deles. — Stephen levantou a mão acima da cabeça.

Dane não olhou para ele. James não gostava do homem. Para ele, Dane representava toda a merda que estava acontecendo. Se não fosse por homens como ele, James não estaria nessa posição e talvez Prudence não estivesse invadindo os seus pensamentos.

— Eles vão aumentar a segurança para mim. Como a Úrsula está lindando com as coisas? — perguntou. Ele gostava da mulher. Ela acalmou Stephen e mostrou a ele o que significava ser um homem possessivo.

— Não está falando nada. Eu sei que ela odeia o fato de não poder terminar o curso. A família dela está sendo difícil. Eles estão preocupados a respeito dela estar comigo. É uma bagunça. Eugene realmente ferrou as coisas para nós.

Eugene Black era o homem responsável por colocar o Possession e o Ravage no centro das atenções.

Se James pudesse colocar as mãos no filho da puta, o teria matado mais uma vez.

— Por que você está olhando os arquivos antigos e todos os antigos membros? — perguntou James.

— Para ver se eu deixei alguma coisa passar. Estou seguindo meus instintos, James. Acho que tem uma resposta aqui. Não tenho a menor ideia do que é. A Úrsula acha que eu estou doido.

— Isso é por causa do Lloyd Black?

— Em parte. Você sabe que ele era amigo dos nossos pais, não é?

James balançou a cabeça. Ele não sabia. Franziu a testa ao se lembrar do que Stephen disse sobre os arquivos estarem no porão.

— Pensei que os arquivos estivessem ou no computador ou aqui — disse James.

— Isso é o que eu pensava. Somente nos últimos vinte anos as informações foram para o arquivo. Meu pai imprimiu tudo e guardou na casa. O Possession não era a casa original onde o clube se encontrava.

— Onde o clube normalmente se reunia? — perguntou James.

— Na minha casa, a que tem sido passada por cada geração dos Knox. Algumas coisas aqui estão escritas a mão. Acho que remonta facilmente a cem anos. — Stephen fechou um arquivo e jogou no chão.

— Alguma coisa sobre o Black e os Knox?

— Sim. Você não vai gostar. Este aqui tem os três arquivos dos Knox e dos Black, mas tem também dos Castleden, James. Alguma coisa aconteceu entre as nossas famílias e eu não faço ideia do que seja.



Dane os ouviu conversarem. Estavam chegando perto de descobrir a história. Ele descobriu no momento em que leu os arquivos. Estava em código. Um que ele decifrou facilmente. Esses dois homens não tinham ideia do quão envolvidos estavam com o nome Black ou o quão envolvidos o nome Black estava com o Green.

— Eu vou pegar uma bebida — disse Dane.

Stephen assentiu com a cabeça e continuou a falar com James.

Ele gostava dos dois homens e sabia que quando vissem a verdade, estariam num mundo de sofrimento. Dane saiu do escritório e foi até o bar. Ele viu Lucas e Sean bebendo, o que o fez hesitar. Olhando para o lance de escadas, caminhou até o andar superior. Deu três batidas e Isabella abriu a porta.

Ela olhou para Dane como se ele tivesse enlouquecido. Atrás da Isabella estava Rebecca.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou Rebecca.

— Eu poderia fazer essa mesma pergunta para vocês duas. — Ele passou por elas e bateu a porta olhando para as mulheres.

Nenhuma delas demostrou medo.

— Eu disse a vocês depois de sair, para cá. A presença de vocês aqui não é boa — disse Dane. Todos os três concordaram há alguns anos a respeito do que iriam fazer. Ele não gostava de como as coisas estavam acontecendo. Tudo poderia cair nas suas cabeças.

— As coisas mudam, Dane — disse Rebecca.

— Nosso plano não muda. As coisas vão ficar feias. Dominic foi apenas o começo. Ele virá e então vocês duas vão se arrepender. — Com a menção *dele,* ambas estremeceram. Ele odiava ver a dor nos rostos delas. Eram duas jovens que sofreram muito. Queria que elas vivessem as suas vidas sem medo. — O que vocês vão fazer quando eles descobrirem a verdade? Isabella? Rebecca?

— Sinto muito, Dane. Não podemos fugir. Há muita coisa em jogo — disse Rebecca.

— Sean e Lucas não vão me deixar fugir. Eu sou grata pela sua ajuda, mas não posso terminar isso. Esta é a minha casa.

— Eu não posso proteger vocês aqui. Estão muito vulneráveis. — Dane queria machucar alguma coisa. Todo o planejamento foi em vão.

— Nós sabemos que você quer salvá-la, Dane. Nós vamos ajudá-lo a recuperá-la de qualquer forma.

Ele fechou os olhos quando foi mais uma vez inundado pela dor.

— Nada vai ajudar se vocês duas ainda estiverem por aqui quando a bomba estourar. Eles estão vindo e vão pegá-las.

Com as palavras dele, o silêncio se instalou no ambiente.

— James e Stephen não tem ideia de quando essa coisa começou, não é?

Dane não disse uma palavra. Pelo que percebeu, nem os pais deles nem os avós tinham. O que quer que aconteceu entre o Possession e o Ravage, estava prestes a ficar muito pior.

— É melhor eu ir antes que alguém perceba que eu vim aqui. — Dane segurou os ombros das duas mulheres tentando confortá-las. — Por favor, saiam daqui antes que seja tarde demais. Vocês não serão nada além de peões nessa guerra de homens.

Ele as deixou, indo direto para o banheiro quando viu Sean subindo as escadas. Dane fechou a porta encarando o próprio reflexo. Ele precisava de mais tempo e de mais dinheiro.

Outra parte dele não queria que James e Stephen se machucassem.

Dane fechou os olhos, abafando as memórias dolorosas. Ele precisava deixar Isabella e Rebecca seguras. Essa era a única promessa que iria cumprir. A outra, ele morreria no lugar dela se precisasse.



— Você realmente acha que eles virão atrás de nós? — perguntou Isabella. Rebecca olhou para a mulher mais jovem desejando que pudesse lhe dar alguma coisa para ajudá-la a se sentir segura.

— Se Dane diz que ele vem, então ele vem. E se estivermos aqui, seremos mortas. — Rebecca pensou no Tate e no Kevin. Eles estavam apaixonados por ela. Viu o brilho possessivo nos olhos deles sempre que olhavam para ela. Queriam mantê-la segura e ela odiava o fato de estarem apaixonados por uma ilusão. Rebecca por quem se apaixonaram não era a pessoa que ela era de verdade.

Ela piscou para conter as lágrimas. Lloyd Black destruiu cada parte dela que era boa. Agora ela fazia tudo o que podia para sobreviver.

— Por que nós não fugimos? — perguntou Isabella.

— Eu acho que você deveria fugir. Eu não posso. Devo tanto ao Cadeon e ao Stephen. Eles me protegeram contra Lloyd quando a coisa ficou feia demais. E tem Tate e Kevin. — Ela interrompeu os pensamentos.

— Eles vão amar você não importa o quê — disse Isabella.

Ela balançou a cabeça

— Eles não vão. Não quando souberem a verdade. Quem poderia amar alguém como eu?

Isabella a abraçou. Ela aceitou o pouco de conforto que podia ter nos braços da mulher mais jovem. As duas deviam tanto ao Dane. Rebecca sabia que ele estava colocando a vida

em risco para ajudá-las e os homens que ajudaram a libertá-lo.

— Não posso deixar Lucas. Ele é tudo que eu tenho.

— Então parece que vamos ficar até o fim. — Elas se abraçaram por vários minutos. Era o único conforto que poderiam ter nesse momento perigoso. Rebecca sabia que era apenas uma questão de tempo até o Possession e o Ravage serem uma memória distante. Ela esperava e orava para que todos eles fossem fortes o suficiente para lidar com o perigo que estava à espreita.



Capítulo Sete

Outro dia sem sentido no trabalho e os pés dela estavam cansados do tanto que andou. Precisava encontrar sapatos mais adequados. Os saltos que calçava não eram como ela queria. Prue amava o jeito como os saltos faziam as pernas e a bunda dela ficarem, mas eram um pesadelo para os pés.

Inclinou-se para trás no sofá, ligando a televisão quando o telefone começou a tocar. Ignorou o toque estridente que queria interromper o sossego dela. O telefone foi ignorado pelos próximos minutos até que ficou em silêncio onde estava.

Quando começou a assistir uma comédia romântica na televisão, os pensamentos dela se voltaram para James. Era muito cedo para qualquer filme decente estar passando. Quatro dias se passaram desde que viu James. A segunda-feira parecia ter sido há uma eternidade. Anya e Becky iam ao Ravage toda noite depois do trabalho. Estavam viciadas no clube. Ela se recusava a ir, preferindo ficar em casa com um pote de sorvete de chocolate para lhe fazer companhia.

Prue zapeou pelos canais tentando encontrar algo para assistir quando o telefone começou a tocar mais uma vez.

Ela rosnou antes de levantar do sofá e atender a ligação.

— Olá — disse ela.

Não havia nenhum som do outro lado da linha. Ela desligou o telefone e ele começou a tocar de novo imediatamente. Franzindo a testa, pegou o telefone esperando a pessoa responder. Calafrios lhe percorreram os braços quando ouviu uma respiração pesada. O som a encheu de terror. Viu muitos filmes com caras respirando pesado do outro lado da linha.

— Quem é? — perguntou ela.

Nenhum som além da respiração pesada. Ela desligou o telefone e se virou para sentar no sofá.

O telefone começou a tocar.

Prue pegou o telefone e colocou no ouvido. A respiração pesada estava de volta. Fechou o telefone e desligou da parede. Ela olhou para o aparelho e gritou quando alguém bateu na porta da frente.

Colocou a mão na testa, sentindo o suor. O bairro em que ela morava era bom. Foi até a porta e ficou surpresa ao ver quem estava lá. James estava esperando por ela. Prue reconheceria aquela carranca em qualquer lugar. Ficou olhando para ele pelo buraquinho da fechadura.

— Abra a porta, Prudence. Eu sei que você está em pé aí. — Ela mostrou língua e fez uma careta antes de fazer uma expressão branda e abrir a porta.

— James, eu estou surpresa de ver você aqui. A Verônica não mora aqui. — O coração estava acelerado. Em parte por causa do telefonema e, principalmente, porque ter o seu sonho molhado na porta de casa faria qualquer corpo ter um colapso.

— Eu não estou aqui para ver a Verônica. Estou aqui para ver você. — Ele passou por ela sem lhe dar chance de convidá-lo.

— Você poderia ter esperado por um convite.

— Eu não sou um vampiro, Prudence. — Ele se virou na sala de estar, olhando ao redor. Ela olhou para ele na sala de estar dela. A casa tinha um bom tamanho. Com ele dentro da sala, a casa parecia ridiculamente pequena. — Lugar legal.

— Obrigada. Você quer alguma coisa para beber? — ela perguntou, puxando o rabo de cavalo e permitindo que as madeixas caíssem em volta da cabeça.

— Não. Eu quero que você saia do seu emprego. — disse ele, virando-se para olhar para ela.

— O que? Por quê?

— Eu sei onde você trabalha e não quero que trabalhe mais lá — disse ele, tirando o casaco.

No momento em que o casaco foi tirado, ela perdeu todo o sentido de argumentação enquanto apenas observava. O corpo dele era tão grande e musculoso.

Não é a primeira vez que você vê um corpo legal, Prue. Ele nem sequer está nu. Pare de sorrir desse jeito afetado, garota idiota.

— Você não pode me dizer onde trabalhar — disse ela, cruzando os braços sob os seios.

Ela viu.

O olhar dele desceu para o peito dela e rapidamente subiu de novo. Se ela estivesse olhando para outro lugar, não teria percebido. Aquela olhada lhe deu esperança.

Pelo que você está esperando? Ele é o ex da Verônica. Você não pode tê-lo.

Ela não o queria. Você quer.

Pegue o que você quer.

Prue se sentiu uma cadela e estava confusa. Verônica era uma mãe e estava muito bem casada. Por que ela não poderia ficar com James? A vida estava se transformando em um longo drama. Ela não poderia suportar isso por muito mais tempo.

— Dê-me uma boa razão pela qual eu deveria largar o meu trabalho — disse, atraindo a atenção dele de volta para si. Ela se perguntou o que ele faria se ela abrisse a blusa e mostrasse o sutiã de renda branca que usava.

Pare! Não seja má, Prue.

Ela queria tanto ser má com James.

— Você trabalha para Cadeon Ashwood — disse ele.

— Errado. Eu trabalho no prédio do Cadeon Ashwood. Eu nunca encontrei o cara. Eu conheci Violet, a mulher com quem ele é casado. Ela é uma coisinha calma. Eu não vou largar o meu emprego.

Ela o observou ranger os dentes. A mandíbula apertada por causa da raiva.

— Eu disse para você sair do seu emprego. — Ele se aproximou um passo.

Prue lambeu os lábios por causa da forma como o olhar dele a penetrava. Nunca o viu tão sério antes.

— Não, você não pode me dar ordens, James. — Parou de falar no momento em que ele ficou na frente dela. Olhou

para o corpo dele se perguntando o que estava se passando na mente do homem.

— Eu não quero que você trabalhe para ele.

— Ele é seu amigo. — Ela sabia a resposta. Os nomes dele e do Cadeon apareceram ligados no noticiário.

— Eu sei e não quero que você trabalhe para ele, Prudence.

— No caso de você não ter notado, senhor Castleden, os empregos estão escassos nesse mercado. O trabalho que faço para Cadeon é bom e eu recebo um salário decente. Não são muitas as mulheres que podem dizer o mesmo.

Seu coração estava acelerado puramente por causa dele. O sutil perfume masculino provocava as suas narinas. O cheiro de couro e de homem musculoso era inebriante. Ele usava calças de couro que o faziam parecer pecaminoso.

— Qual foi o seu nível de relacionamento com seu professor, Prudence? — perguntou.

Ela olhou para ele, encarando os seus olhos e soube. James fez uma checagem na vida dela. Prue sabia que deveria estar com raiva, mas isso a deixou satisfeita.

Prue afrouxou uma mão e apertou a palma contra a frente da camisa dele. Sentiu o músculo tenso contra o seu toque. Uma risada escapou entre os lábios dela.

Ela se aproximou mais um passo, fechando a pequena distância entre eles. A mão era a única parte dela o tocando. Foi o suficiente para sentir o calor exalando dele.

— Eu não sabia que era tão importante para você verificar minha vida. — seus mamilos estavam duros e sua

boceta estava em chamas. A necessidade aumentando em um curto espaço de tempo.

— Qual foi o seu relacionamento com o seu professor? — ele perguntou novamente.

Ela não disse nenhuma palavra. Apenas olhou para ele.

O que significava ele ter investigado sobre ela? No coração, ela pensava que significava tanto. Será que ele se preocupava com ela? A queria do jeito que ela o queria? A cabeça, no entanto, a fazia duvidar de si mesma.

Ele namorou a Verônica. Ela o viu feliz e sabia pelo olhar no rosto dele, que não estava feliz.

— Você me investigou, James. Você descobriu o que aconteceu entre o professor e eu.

Ela se afastou e sentou no sofá. Se não estivesse vestindo uma saia lápis, teria cruzado as pernas embaixo do corpo. Prue pegou o controle remoto e aumentou o volume da televisão. A mão tremia de nervoso. Ela queria desafiar James e lhe mostrar que podia.

— Você fodeu com ele, não foi?

O pulso dela deu um salto. Ela nunca o ouviu ser tão grosseiro antes. Prue gostava da forma como ele pronunciou a palavra “fodeu”.

Mais uma vez ela não respondeu, zapeando entre os canais ao invés disso.

— Ele era mais velho do que você, Prudence.

Ela sorriu, recordando a forma como o homem lhe mostrou as delícias do corpo. Foi a melhor maneira e mais sutil de dizer o quão bem o homem mais velho fodia.

Pelo canto do olho, viu a tensão no rosto dele por causa da ausência de palavras dela. Por que estava fazendo isso com ele? James sempre foi bom para ela.

Ele passou os dedos pelo cabelo preto com poucos fios cinza. Ela queria passar os dedos no cabelo dele. Como seria a sensação quando ela o segurasse enquanto James dirigia seu pau para dentro dela?

James se sentou à mesa de café na frente dela. Ela viu o volume na calça do homem e soube que ele a queria. Os sinais que ela estivera procurando na segunda-feira estavam presentes agora.

O que ela deveria fazer?

Prue não queria ser outro entalhe na cabeceira da cama dele. Nem uma foda da qual ele se arrependesse na manhã seguinte. Odiaria que ele se arrependesse de estar com ela.

Ele pegou o controle remoto da mão dela e colocou entre as dele. Ela viu o quanto ele era maior do que ela. Não estava com medo. O tamanho dele a confortava. No mundo moderno em que viviam, ela sabia que não deveria precisar de um homem para mantê-la segura, mas precisava. Prue gostava do pensamento de ser cuidada. A sua fantasia secreta era ter um homem que não só quisesse tê-la, mas que também precisasse possuí-la.



James sentiu a suavidade da mão dela. Desde o momento em que soube que ela trabalhava para Cadeon, alarmes dispararam na cabeça dele. Não queria que ela trabalhasse para ele e sabia que era bobagem. Ele o conhecia há muito tempo. Era totalmente devotado à mulher, Violet. Nenhuma das preocupações de James tinha fundamento. Ela estava segura com Cadeon como não estaria em outros escritórios.

Não importou quantas vezes ele tentou se convencer a não fazer isso, não conseguia parar o mal-estar dentro de si. Ela não deveria estar trabalhando para Cadeon dentro daquele escritório. E ainda por cima, o relatório que Tate lhe entregou explicava a relação bastante duvidosa que ela teve com o professor da faculdade, Michael Lovell. Ele reconheceu o nome e o homem. Foi um visitante frequente do calabouço por um tempo. O nome da Prudence não foi mencionado nenhuma vez.

James sabia que alguma coisa aconteceu entre eles e odiava isso. Ela era doce e jovem e Michael deveria ter mantido as mãos longe dela.

Por que você está aqui?

Por que você quer matar o homem por tocar em Prudence?

Por que você quer que ela olhe para você e que lhe diga que iria a qualquer lugar com você?

Tantas perguntas e ele se recusava a responder qualquer uma delas.

— Eu conheço Michael Lovell. Eu sei do que ele gosta.

O olhar dela voltou para o dele. O rubor no rosto dela era inconfundível.

— Você não tem o direito de questionar os homens da minha vida.

Sabia que ela estava atraída por ele. James sempre soube dos sentimentos que evocada na mulher diante de si. Quando era mais jovem, ele viu a admiração e o desejo, o desejo de uma jovem que não tinha ideia do que era a vida real. A mulher diante dele conhecia o verdadeiro desejo. Ela olhou para ele. O fogo dançava nos olhos azuis.

James viu o desafio no olhar dela e o que era pior era o fato de que o Dom dentro dele queria responder a esse chamado.

— Eu nunca perguntei a você sobre qualquer uma das suas conquistas, James. Sobre as muitas mulheres que você fodeu.

Nenhuma das conquistas dele vingou. A relação que mantinha com as mulheres era estritamente profissional. Ele as treinava na arte da submissão até encontrar o Dom certo para elas. O tempo que passavam juntos era bom, mas não incrível. Nunca sentiu nenhuma conexão de almas como os dois amigos descreveram. Nem mesmo com Verônica. Ela era a única anomalia na vida dele. Nunca a tomou ou treinou. Ela foi uma fantasia passageira que apenas o tempo revelou a verdadeira natureza.

Ele nunca sentiu essa necessidade de mantê-la por perto. Olhando para Prue, ele sentia a necessidade.

— Você pode trabalhar para mim — disse ele, odiando as palavras no momento em que as disse.

— Por que eu trabalharia para você? — ela perguntou.

Ela não puxou a mão. James segurou a mão dela se recusando a soltar. Precisava mantê-la próxima e a única maneira de fazer isso era mantendo-a perto de si o tempo todo.

Era um erro. Verônica provavelmente iria matá-lo se descobrisse. Ele não se importava. James iria fazer o que diabos quisesse.

— Eu posso dobrar o seu salário — disse. Ele viu todos os detalhes pessoais dela. Tate fez uma investigação completa. James esperava isso, especialmente depois do erro que ele cometeu com Violet.

— Até onde exatamente foi a investigação? Você sabe que eu ganho bem no meu emprego.

— Vou garantir que você possa pagar o seu financiamento estudantil e quitar esta casa nos próximos cinco anos — disse. A riqueza dele poderia mantê-la no luxo pelo resto da vida. Não queria que ela se sentisse uma mulher sustentada. Prudence era independente. Ele viu isso, entendeu e respeitaria. Pelo menos pelo tempo que conseguisse lidar com a veia independente dela.

— Eu não quero trabalhar para você, James. Acho que você deveria ir embora antes que nós digamos alguma coisa de que possamos nos arrepender.

James sentiu uma onda de excitação percorrer o corpo por causa do desafio. Será que Prudence não sabia o que as palavras dela estavam fazendo com ele?

— Tem certeza de que não quer trabalhar para mim? — ele perguntou.

— Tenho.

Ele se levantou puxando o casaco. Outro plano já começou a se formar na sua cabeça. Ela se recusava a trabalhar para ele e ele iria encontrar outra maneira de conseguir o que queria.

Ela o seguiu até a porta. Ele se virou, segurando a bochecha dela na palma da mão.

— Você vai ser minha em breve.

Antes que ela tivesse a oportunidade de falar, ele voltou para o carro. O motorista do táxi estava esperando. Sentou no banco de trás esperando que ele dirigisse para o clube. Enquanto estavam no caminho, pegou o telefone e ligou para Cadeon.

Cadeon respondeu no quinto toque.

— Qual é o problema? — Cadeon perguntou como forma de saudação.

— Eu quero que você faça algo para mim.

— O que?

— Eu quero que você demita Prudence Star na segunda-feira.



Capítulo Oito

O fim de semana não poderia terminar rápido o suficiente para Prue. Os sonhos ao longo das últimas três noites foram preenchidos por James e pelas últimas palavras que ele disse antes de ir embora.

— *Você vai ser minha em breve.*

Essas poucas palavras foram o suficiente para fazer a frequência cardíaca dela subir como um foguete. Ninguém nunca falou com ela com tanta possessividade antes. Infelizmente, por causa dos sonhos, acordou tarde e estava atualmente correndo em direção ao prédio Ashwood na chuva e encharcada.

No momento em que atravessou as portas, espremeu o cabelo e foi até o elevador. Prue viu o próprio reflexo no aço e gemeu. Ela estava uma bagunça. Abrindo a bolsa, tirou uma escova de cabelo e tentou ao máximo parecer apresentável. A saia estava incrivelmente apertada em volta da barriga e o sutiã estava lhe apertando os ombros e seios.

As portas se abriram e ela caminhou até a sua mesa. Anya e a Becky estavam esperando por ela.

— O senhor Ashwood exigiu a sua presença no escritório dele imediatamente, Prue. O que você fez? — perguntou Anya.

Ela franziu a testa. Prue nunca conheceu o dono do edifício onde trabalhava. Não havia nenhuma razão para ela conhecê-lo.

— Não faço ideia. É melhor eu ir, apesar de estar horrível.

Passou os dedos no cabelo molhado e voltou ao elevador para que ele a levasse até o andar superior.

Prue andou pelo chão do escritório em direção a sala dele. O coração estava acelerado. A assistente pessoal de Cadeon Ashwood lhe pediu para esperar. Ela olhou pela janela para onde as pessoas estavam se molhando na chuva.

Seus pensamentos se voltaram para James e a inesperada visita na sexta. Ela também se lembrou do volume na calça dele. A excitação foi difícil de não se ver. Ela cruzou as pernas tentando conter o próprio desejo. Quando se tratava de James, as suas necessidades estavam ficando cada vez mais difíceis de ignorar.

— Senhorita Star? O senhor Ashwood vai vê-la agora.

Prue seguiu a mulher. Cadeon estava sentado atrás da mesa dele. Ela o reconheceu por causa das fotografias tiradas durante o último ano.

— Senhorita Star, obrigado por me ver.

Ela assentiu com a cabeça, sentando-se na frente dele. As mãos tremiam quando olhou para o homem. Era bonito. Não tão bonito quanto James, mas poderia rivalizar com a maioria dos homens na questão da aparência.

— Eu não sei do isso se trata, senhor Ashwood.

Ele parou e ela viu que ele não estava fazendo contato visual.

— Receio que tivemos algumas dificuldades ultimamente e temos que dispensar alguns empregados. É com grande pesar que informamos que a sua posição aqui terá que ser encerrada.

Tudo se encaixou. Prue sabia que ele e James eram bons amigos e também sabia que James faria qualquer coisa para conseguir o que queria.

Ela viu as intenções dele e não podia acreditar até onde ele foi para conseguir o que queria.

Recostando-se na cadeira, ela olhou para ele, vendo o quão desconfortável estava. A amizade dele estava sendo testada ao máximo.

— James colocou você nisso, não foi?

Cadeon olhou para ela. Os olhos estavam cheios do mesmo tipo de calor que James possuía. Ela soube que esse homem estava completamente tomado pela própria esposa. A extensão da possessividade que os noticiários informaram não era mentira. Ela sabia disso agora mais do que nunca.

— Temo que não haja como impedir de conseguir o que ele quer, senhorita Star.

— Por favor, me chame de Prue. Ah, ele vai conseguir o que quer, só que não do que jeito que pensa. — Ela se levantou e se inclinou sobre a mesa para apertar a mão dele. — Foi um prazer conhecê-lo, Cadeon. Cuide bem de Violet.

Ela deixou o escritório momentos depois, caminhando de volta para o elevador que a levou ao andar onde

trabalhava. Quando chegou lá, foi até a mesa dela e empacotou os poucos itens pessoais antes de sair pela porta.

A raiva estava aumentando a cada passo que dava. Ignorou o táxi esperando por ela e insistiu em pegar outro, que a levou direto para o Ravage. O clube estava fechado. Ela viu Léo do lado de fora fumando um cigarro.

Depois de pagar o táxi, esperou até ter a atenção do Léo.

— Onde ele está? — perguntou ela.

Léo a acompanhou para dentro.

— Receio que você vai ter que esperar no escritório dele. James está um pouco ocupado no momento.

Ele a deixou no escritório de James. Ela observou o espaço ao redor de si. Prue sabia onde ele estava e iria confrontá-lo. A masmorra poderia estar fora de alcance para ela, no entanto, James acabou de lhe custar o emprego. Ele iria ouvir, gostasse ou não.

Ela escutou na porta para ver se Léo estava de guarda. Prue abriu a porta um pouco para olhar para fora. Não havia ninguém por perto. Fechou a porta atrás de si e decidiu encontrar o calabouço. Caminhou até o final do corredor e encontrou uma porta que levava a uma sala de espera.

Prue sabia que se fosse à noite, haveria guardas na porta para que ninguém tivesse acesso. Abriu um conjunto de portas que levava a um lance de escadas. Por uma fração de segundo, ficou em dúvida. Não deveria estar fazendo isso. James não gostaria que ela fosse lá em baixo.

Ele acabou de fazer você perder o emprego. Ele merece o vai acontecer com ele.

O que iria acontecer com ele, ela não sabia.

Dando passos lentos, desceu o último degrau até chegar a outro conjunto de portas. Prue abriu as portas e olhou para um mundo totalmente novo. Ela foi a clubes BDSM antes. Aqueles clubes não se pareciam nada com esse. O lugar todo era como estar imerso em um mundo diferente.

— Você precisa mostrar a ela que pode confiar em você. Você é o responsável por ela. Ela é sua responsabilidade.

Ela ouviu a voz dele dando instruções. Havia outro homem e uma mulher no meio do clube. A mulher estava presa a uma mesa com a bunda para cima. A boceta estava exposta para que todos pudessem ver.

Prue não pôde se conter. Ela engasgou. Fazia muito tempo desde que foi a um clube BDSM. O estilo de vida não fazia parte dela porque nenhum dos Doms a atraiu por causa do homem com quem estava na época e porque receber ordens a excitava.

O pequeno engasgo atraiu a atenção do James e do misterioso Dom.

— Eu disse ao Léo para colocá-la no meu escritório — disse James.

— Muito ruim para o Léo que ele tivesse que tomar conta de uma mulher puta da vida. — Ela andou até onde James estava. O peito dele estava nu e usava calça de couro. Estava tão lindo. Ela queria ficar lá e admirá-lo. Em vez disso, forçou-se a subir o olhar com ele.

James andou na direção dela. Ele se abaixou, colocando os ombros contra a barriga dela e levantando-a. O movimento foi tão inesperado que ela deixou escapar um grito.

— Continue com o seu treino. Lucas vai supervisionar você — disse James, apontando para outro homem que entrou na sala.

— Coloque-me no chão, seu macaco desgraçado. Projeto de homem desgraçado. — Ela se contorceu no ombro dele tentando fazê-lo colocá-la para baixo. Nada do que fez o fez se mexer.

— Cuidado com a cabeça — disse ele, saindo pelas portas pelas quais ela acabou de entrar. Ela se enrolou o melhor que pôde enquanto ele a levava de volta ao escritório. Prue aproveitou para bater e estapear as costas dele com toda a raiva que sentia.

— Desculpe, chefe. Eu não consigo mantê-la num lugar — Léo disse quando James passou por ele.

— Sem problemas, Léo. Eu dou um jeito nela.

Ela bateu nele, xingou e fez tudo que podia para fazê-lo colocá-la no chão. A porta do escritório se fechou, dando-lhes a privacidade tão necessária. Só então ele a colocou de pé no chão.

No momento em que seus pés tocaram o chão, ela tentou dar um tapa nele. Ele lhe segurou a mão, puxando-a com força contra o próprio corpo.

— Nem sequer pense em tentar me bater. — Ele avisou.

Ela pisou no pé dele o mais forte que pôde. A expressão no rosto do James não mudou de forma alguma. Prue olhou para os sapatos dele. Pareciam botas de trabalho pesado.

Quando ela olhou de novo para o rosto dele e viu o brilho nos olhos, soube que estava certa.

— Pare de agir como um gato irritado — disse ele.

— Você me fez ser demitida, James. Eu gostava do emprego. Tudo bem, era apenas um emprego, mas era um que significava que eu era capaz de manter um teto sobre a minha cabeça e comida no meu estômago.

— O que faz você pensar que fiz você perder o emprego?

Ela socou o braço dele com a mão que estava livre. — Sei que você e Cadeon Ashwood são amigos. Eu leio jornal, James. Não sou estúpida, mesmo que você goste de me tratar como se eu fosse.

Ele segurou a bochecha dela na palma da mão. A ação estava cheia de tanta ternura que a fez parar. Prue olhou para ele chocada com o que James fez.



Os lábios dela tinham formato de coração. James pensava que eram tão lindos. Queria beijá-los desesperadamente. Cadeon fez o prometido. Não sabia por que era importante para ele que ela estivesse por perto, só que precisava que ela estivesse.

— O que mais você sabe? — perguntou.

Ele via mais conhecimento nos olhos dela. O relatório que recebeu do Tate na última sexta mostrou a ele o quanto Prudence sabia. James bloqueou todos os outros pensamentos. Não queria pensar nela com outro homem.

A mão dele continuou na bochecha dela. A pele dela era macia. Ele se recusava a soltar tal beleza. Olhando para baixo, viu que os mamilos dela estavam duros e apontando para ele. O que não daria para senti-los na palma da mão?

Os lábios dela o tentavam. James queria prová-los, só provar. Ele abaixou a cabeça, bloqueando todos os pensamentos.

James reivindicou os seus lábios. Prudence não lutou contra ele. No instante em que seus lábios estavam nos dela, o fogo se acendeu dentro dele. Tirou a mão da bochecha dela, afundando os dedos nas mechas do cabelo de duas cores. Ela colocou os braços em volta dele, pressionando as curvas contra o corpo masculino. O pau duro ameaçava rasgar a calça e sair.

Ainda assim, ele afundou a língua entre os seus lábios, saboreando-a pela primeira vez. Paraíso era tudo em que ele podia pensar.

Prudence era o paraíso. O corpo dela o aceitou como se tivesse sido feito para ser dele e só dele. Beijou-a como um homem faminto devoraria sua última refeição.

Mesmo quando o corpo estava em chamas, a mente sabia que encontrou a mulher certa. Prudence Star era a mulher para ele e acabou de virar o seu mundo cuidadosamente organizado de cabeça para baixo.

James se afastou para respirar e olhou para o rosto dela. Os olhos estavam fechados e tinha um pequeno sorriso brincando nos lábios. Ele moveu o corpo para mais perto e ela se derreteu contra ele.

Naquele momento ele pensou na Verônica. Ele nunca sentiu nada com ela. Os poucos beijinhos que eles compartilharam foram bons, mas nada comparados ao que ele sentia agora.

— Qual é o problema? — perguntou ela, finalmente abrindo os olhos.

— Nós não deveríamos estar fazendo isso — disse ele, mesmo quando o corpo protestava.

— Foi você quem me beijou, James.

Ele sabia, assim como sabia que era ele que ainda estava a segurando nos braços sem querer soltá-la.

— Eu disse que não queria que você trabalhasse para ele.

— E agora eu não trabalho. O que você vai fazer comigo? — perguntou ela lambendo os lábios. Ele provou aqueles lábios. Eles não saciaram o desejo dele. Aumentaram a sua necessidade.

James sabia de muitas coisas que ele poderia e queria fazer com ela.

Ele afrouxou os braços e deu um passo atrás.

— Você pode trabalhar aqui e eu vou levar você para casa todas as noites.

— Você está brincando comigo? Você me fez perder o emprego para que eu pudesse ser garçonete? — ela perguntou.

Ele deu de ombros.

— Não há nada de errado em ser garçonete.

— E não havia nada de errado com o que eu fazia. Eu não quero servir bebidas para me sustentar.

Uma batida vinda da porta interrompeu os pensamentos dele. Léo olhou em volta da porta e fez um gesto para ele vir. Olhou para Prudence antes de seguir o homem para fora. James sabia que fez merda. Ele só esperava que ela achasse o trabalho agradável.



Capítulo Nove

Prue foi para casa disposta a não se render sem lutar. James não iria conseguir o que queria. Devia haver um monte de empregos por aí. Tudo o que ela precisava fazer era procurar nos lugares certos. No caminho para casa, comprou um jornal com a intenção de procurar algum trabalho. Em casa, colocou a chaleira no fogo e se sentou à mesa da cozinha circulando ofertas de emprego.

Enquanto fez ligações e descartou algumas ofertas de emprego, ela esfregava os lábios pensando no beijo. No começo, por alguns poucos segundos, foi a mais leve das carícias e então, em um instante, se intensificou.

— Pare de pensar nele, Prue. Ele não vale a pena. Procure outro emprego e pare de pensar nele.

Pegou o telefone para ligar para outro número. O aparelho começou a tocar. Prue pegou o telefone e atendeu à chamada.

Não havia nenhum som vindo do outro lado da linha. Ela colocou o telefone no gancho e tirou de novo para discar o número da outra vaga de emprego.

À tarde, ligou para vários lugares e marcou três entrevistas para a próxima semana. Ela preparava outra xícara de chá quando o telefone tocou mais uma vez.

Pegando o aparelho, ela respondeu e esperou. Não havia ninguém na linha além da respiração pesada.

Ela parou com a caneta sobre o jornal.

— Eu não sei quem você é, mas, por favor, pare de me ligar. — Prue bateu o telefone e o deixou ao seu lado. Odiava as ligações. Será que deveria chamar a polícia?

Ela balançou a cabeça. Uma respiração pesada não significava nada. Para aliviar a cabeça, manteve o telefone fora do gancho pelo resto da noite. Anya e a Becky a visitaram mais tarde naquela noite tentando conseguir todos os detalhes interessantes. Disse a elas o que sentiu vontade. Por alguma razão, queria manter o envolvimento com James fora da conversa.

O que ele fez era entre os dois. Ela não iria dizer para todo mundo o que aconteceu.

Quando foram embora, ela conectou o laptop a internet e digitou o nome dele. Haviam várias informações relacionadas com o nome. Ela acrescentou a palavra “Possession” e depois “Ravage” para ver o que mais aparecia. A maioria dos links estava repetindo o que a mídia disse sobre a sociedade secreta.

Rolou a página de links e encontrou uma pequena que era algo semelhante a um fórum. Prue clicou nos detalhes e leu a maioria dos posts disponíveis. Sabia o básico, mas nada da pesquisa ajudou. Se fosse conseguir respostas, então precisava consegui-las ela mesma.

Prue conectou o telefone de volta e ligou para o número do James. Ele atendeu imediatamente.

— Eu estava me perguntando quando você ligaria — disse ele.

— Eu tenho três entrevistas de emprego marcadas. Não estou ligando por causa do emprego. Estou ligando porque quero algumas respostas. — Ela lambeu os lábios olhando o próprio reflexo no espelho sobre a lareira. O cabelo preto e vermelho estava bom. Ela não precisaria fazer um retoque por mais algumas semanas.

— E você acha que sou eu quem pode dar essas respostas para você?

— Você é quem eu conheço que está relacionado ao Possession e ao Ravage. Eu quero saber do que a mídia está falando — disse, sabendo que ele poderia explodir com ela.

Ele suspirou.

— Por que você quer saber? — perguntou.

— Se essas entrevistas não derem certo...

— E não vão dar — disse ele, interrompendo-a.

— Você não sabe. Pare de me interromper. Não é justo. — Ela passou os dedos no cabelo, ficando agitada. — Eu quero que você me conte o seu lado da história.

Ele ficou em silêncio.

— Tudo bem. Vou buscar você para jantar. Eu escolho o lugar.

— Ok. Vou estar pronta.

— Prudence?

— Sim?

— Vista alguma coisa legal e deixe o cabelo solto. — Ele desligou o telefone antes que ela tivesse chance de discutir.

Ela subiu as escadas e preparou um banho.



James desligou olhando ao redor do clube. Ele salvou o número da Prue no telefone para que soubesse que era ela no momento em que ligasse. Fez algumas ligações, reservando um lugar no restaurante que preferia por causa do conforto. O dono do lugar garantiu que a mesa estaria disponível.

Léo se aproximou dele. — Eu vou ficar fora pelo resto da noite. Por favor, fique de olho nas contas.

— Claro que sim, chefe. Tenha uma boa noite com a dama. — disse Léo.

James assentiu com a cabeça e saiu do clube para ir se trocar. Ele passava a maior parte do tempo no clube agora. A casa estava sendo cuidada por vários empregados na ausência dele. Depois que a imprensa o abordou fora da própria casa, não quis voltar para lá.

Ele trocou de roupa antes de chamar um táxi. Fora do clube, viu a fila de pessoas que tentavam entrar. Léo estava na porta, mais uma vez, olhando os documentos de todos. O homem veio até ele procurando trabalho logo depois que a imprensa apareceu como um bando de lobos. Contratá-lo foi uma boa decisão.

O táxi parou alguns minutos mais tarde. Ele entrou e deu ao motorista o endereço da Prudence.

Ela estava na porta. Ele a viu trancá-la e andar até o táxi. Sentou-se ao lado dele. O casaco que usava impedia que ele visse o seu corpo. Juntos eles foram para o restaurante em silêncio. James queria chegar mais perto e garantir a ela que não era algum tipo de animal. Em vez disso, olhava pela janela tentando distrair a mente e o corpo da tentação ao lado. Era uma tentação difícil de resistir. Ele estava determinado a fazê-lo.

Ajudou-a a sair do carro no momento em que pararam no restaurante. Não tinha imprensa, o que ele gostava. Esse era o lugar onde os ricos podiam comer sem os flashes das câmeras.

James segurou a sua mão, levando-a para dentro do ambiente escuro. O maitre os levou até a mesa. Ele gostava de uma mesa isolada, longe de todos os olhares indiscretos. Sendo um homem rico, detestava ser interrompido durante a refeição.

Prudence se sentou e ele a ajudou a se acomodar na mesa. O casaco dela, bem como o dele, foi levado pelo maitre. O garçom lhes entregou os cardápios e os deixou em silêncio.

— Você está linda — disse ele.

— E você também.

Ele riu quando ela ficou vermelha e olhou para o cardápio.

— Isto é muito caro, James. Eu quero pagar pela minha própria refeição — disse ela. A honestidade dela foi refrescante. O dinheiro significava pouco para ele. Outras

mulheres teriam adorado os preços enquanto ela parecia nervosa a respeito do custo.

— Eu forcei você a vir aqui, Prudence. Acho que é justo que eu pague pela sua refeição também.

Ela assentiu e voltou a ler.

— Obrigada por concordar em me ver, James.

— Foi bom você ter ligado.

Prudence olhou para ele.

— Eu nunca pensei no quão terrível deve ser para você. Ter toda a sua vida exposta para o mundo ver.

— Tem sido difícil. Eu nunca tive vergonha de quem eu sou. Ao contrário de algumas pessoas — disse ele.

— O que você está tentando dizer? — perguntou ela.

Ele fechou o cardápio sabendo o que ele pediria no momento em que entrou no restaurante. James queria deixá-la à vontade no lugar novo. Desde o momento em que ela ligou, queria levá-la a um lugar de que se recordasse. Ela estava absolutamente deslumbrante com o vestido preto na altura do joelho que usava. O cabelo caia ao redor dos ombros e ele viu o vermelho escuro aparecendo nas pontas.

— Eu estava falando sobre o seu relacionamento com o professor. Michael não deveria estar se aproveitando das alunas.

— Posso assegurar a você que ele não estava. Eu não tenho vergonha do meu relacionamento com ele, James. Michael e eu tivemos uma coisa e com o tempo, acabou. Não era nada além de duas pessoas se divertindo juntas.

O garçom voltou. James pediu bife Wellington com batatas e legumes. Ela pediu frango e macarrão com espinafre e muito molho.

— Michael não deveria ter feito nada com você em primeiro lugar — disse James. Ele não podia deixar o relacionamento dela com o outro homem passar. A dor que ele sentia no peito por causa do pensamento do Michael a tocando, machucava.

Ela estendeu o braço sobre a mesa e pegou a sua mão.

— Eu não o vejo há mais de três anos. Não quero falar sobre nossos amantes do passado.

James sabia que ela queria falar sobre o Ravage e o Possession.

— O que você sabe exatamente? — ele perguntou, tomando um gole de água.

— Nada. Apenas as bobagens que ouvi da mídia.

— Parte das bobagens é verdade, mas não tudo. — Ele colocou o copo de volta na mesa. Prudence ia se afastar; ele manteve um aperto firme na mão dela. James queria tocá-la enquanto falava com ela.

— Então me diga o que é verdade.

Ele respirou fundo. Cadeon e Stephen passaram por essa fase com as mulheres deles. E se ela lidasse mal com isso? Ser possuída por um homem não era a forma mais moderna de seduzir uma mulher.

Agora você a está seduzindo?

— A parte sobre o Possession e o Ravage serem clubes exclusivos é verdade. Stephen Knox é o dono do Possession enquanto eu tenho o Ravage.

Ela não se afastou da sua mão. Ele olhou ao redor do restaurante vendo alguns rostos familiares entre as pessoas jantando. Havia mais homens possessivos por aí do que as pessoas se davam conta.

— Eu não sei como falar sobre isso, Prudence. Aprendi a aceitar o que é.

— Comece pelo seu próprio clube. Eu quero saber mais sobre você e com o que está ligado.

O garçom veio com a refeição. James soltou a mão dela para que fosse capaz de comer sem obstáculos causados pelo toque dele. Quando o garçom desapareceu, ele começou a explicar.

— O Ravage já fazia parte da minha família. Meu pai o construiu para ser um clube de cavalheiros muito parecido com o Possession. Quando me tornei dono, o alterei para que a parte principal do clube fosse aberta a todo mundo, enquanto o porão, ou calabouço, pudesse ser usado para fins mais exclusivos. Isso deu dinheiro e manteve um controle rígido a respeito da identidade dos clientes. Se quisessem, poderiam andar pelo clube sem perguntas. — Ele parou para comer um pedaço do bife.

— Então o Ravage é o seu único negócio?

— Não. Castleden tem muitas ações e participações em empresas em todo o mundo. Eu cuido delas no meu tempo livre. Meu pai colocou uma equipe para supervisionar esses

investimentos. Eu sou chamado quando as coisas ficam complicadas. — Ele tinha uma vida boa. O pai garantiu que ele tivesse o que quisesse. James preferia ficar no clube. O Ravage era a sua vida. Era quem ele era e definia o homem em que se transformou.

— Stephen também cuida de alguns dos nossos investimentos conjuntos.

— Você e Stephen são amigos?

— Nós crescemos juntos. Nossas famílias, ao longo das gerações, começaram os clubes exclusivos. Meu pai ajeitou tudo quando eu era mais jovem.

Ela estava comendo o macarrão quando o garçom voltou com uma garrafa de vinho. Prudence cobriu o copo dela balançando a cabeça. James pegou um pouco.

— Você é dono do clube BDSM na parte de baixo? Você é um Dom?

— Eu não sei se são perguntas ou afirmações — disse ele.

— Você é o dono do clube BDSM sob o Ravage? — perguntou ela devagar.

— Sim.

— Você é um Dom? — perguntou ela, devagar mais uma vez.

— Sabe o que é um Dom?

— Responda a pergunta, James.

Ele olhou para ela. James queria puxá-la para o colo e marcar a bunda dela com a palma da mão. Ficaria vermelha com as marcas da mão dele quando tivesse terminado.

— Tenha cuidado, Prudence. Eu não gosto que falem assim comigo.

Ela colocou o garfo no prato, entrelaçou os dedos e olhou para ele. Ele sentiu a avaliação dela direto na alma. Prudence viu através das camadas que ele construiu até chegar ao homem por baixo. Ele não sabia como sabia disso, apenas a maneira como ela o fez se sentir quando olhou para ele.

— Perdoe a minha impaciência. Você é um Dom, senhor?

James se lembrou de novo. Michael deve ter compartilhado mais com ela do que ele previu. Será que ela tinha ideia do que o título significava para ele? Pelo olhar de Prudence, James só podia imaginar que ela sabia.

O pau dele aumentou de tamanho. O olhar dela baixou para o prato, a cabeça inclinada em obediência. Para alguém que olhasse para a mesa, parecia que ela estava fazendo uma pequena prece. James sabia que a cabeça inclinada significava muito mais.

— Você está perdoada. Sim, eu sou um Dom. — James estendeu a mão e tocou a dela. Ela olhou para ele e começou a comer quando ele assentiu com a cabeça.

— O que você sabe? — perguntou.

Ela sorriu.

— Mais do que você imagina, senhor.

Ele observou enquanto ela enfiou o garfo no macarrão e colocou na boca. Ela não estava fugindo. Prudence olhava para ele como se ela estivesse esperando alguma coisa.

— Você não está com medo? — perguntou, precisando saber a resposta.

— Não tenho nada a temer, James. Eu estava mostrando que eu entendo o seu estilo de vida e respeito.

— Você é jovem demais — disse. As palavras adequadas sumiram da cabeça dele. O que poderia dizer a ela?

— Eu tenho vinte e três anos, James. Não há limite de idade para isso. Eu não fiz parte desse estilo de vida. Mas experimentei um pouco.

James ficou intrigado.

— O que você fez?

— Conte-me sobre a sua conexão com o Possession e eu conto para você o que fiz.

Ele sorriu. Prudence sabia muito mais do que ele pensava. James desejou que tivesse sido ele a ensiná-la.

— O Possession foi criado para homens que se sentiam possessivos com suas mulheres.

— Não são todos os homens que deveriam se sentir assim com as suas mulheres? — perguntou ela.

— Esse tipo de possessividade era para os homens...

— Com dinheiro — disse ela, interrompendo-o.

— Com dinheiro para ficar perto de pessoas como eles mesmos. Eu já vi isso, Prudence. A forma como os homens agem em torno das suas mulheres. Stephen, por exemplo, ele não acreditava nesse tipo de coisa, mas se tornou obcecado pela sua mulher. Ele precisava saber onde ela estava e quando outro homem estava por perto dela, ele queria matá-lo.

— Isso parece coisa de perseguidor para mim.

James riu.

— Eu concordo. Parece sim, mas quando você vê, não pensa que ele é um perseguidor. Há um amor enorme faiscando entre eles. Eu vi Cadeon e Stephen com as mulheres deles e é como se houvesse pequenos relâmpagos entre eles e as mulheres. É incrível de se testemunhar.

— E o Possession fornece a esses homens um lugar para todos esses sentimentos. Eles podem levar as mulheres e se sentir à vontade, porque os homens que vão lá sabem que tem que deixar as mulheres em paz? — perguntou ela.

James assentiu.

— A imprensa mentiu que estávamos forçando as mulheres a participar de algum tipo de orgia do caralho. Eu vi a maneira como esses homens são com as mulheres e o Possession é perfeito para eles. Eu acredito nisso.

— Alguma vez você já sentiu esse tipo de necessidade por uma mulher, James? — perguntou ela.



Capítulo Dez

Prue sentiu um novo anseio dentro de si. Ela assistiu e ouviu a maneira como James falou. Por fora, parecia algo como um perseguidor extremo, mas ela desejava ser completamente tomada por um homem. Ela se perguntava como seria ter um homem completamente possessivo que ligasse só para ouvir sua voz.

Ela esperava por ele responder a última pergunta. Os pensamentos estavam se voltando para o que ele lhe disse. Onde ela trabalhava, os rumores a respeito do Cadeon foram similares sobre a maneira como ele tratava Violet até ela se casar com ele. Cadeon foi descrito como um demônio obcecado para ficar com a sua mulher.

Olhando para a comida, perguntava-se se haveria um homem assim para ela lá fora.

— Não. Eu nunca senti essa necessidade possessiva por outra mulher.

As palavras pairaram no ar entre eles. Ela pegou um pouco de macarrão e comeu.

— Deve ser bom para as mulheres que tem isso — disse ela.

— O que?

— As mulheres que sabem que os seus homens as adoram tanto. Deve ser bom. — Ela sentiu um caroço se formando na garganta. — Você poderia me dar licença? Eu preciso usar o banheiro.

Prue deixou a cadeira e seguiu as indicações que um cara lhe deu para o banheiro. O lugar estava vazio. Ela andou até os espelhos e molhou as mãos com água. Sacudiu o excesso e pressionou os dedos no pescoço.

Ela precisava se acalmar.

Sentia o pulso acelerado no pescoço e o corpo estava um tumulto por causa do que ela acabou de ficar sabendo. Como ela poderia pensar em encontrar um homem para amar, sabendo que havia alguém lá fora que iria possuí-la?

Um par de mãos envolveu a sua cintura. Ela engasgou, abrindo os olhos e vendo James atrás de si.

— Você não deveria estar aqui — disse ela.

— Eu garanti que o garçom não deixasse ninguém entrar.

A mão dele se moveu para o seu pescoço. Ela mordeu o lábio por causa da imagem que viu. A mão grande cobria uma grande parte do seu pescoço. Os dedos dele deslizaram sobre a pulsação dela.

— Diga-me qual é o problema? — perguntou.

Ela balançou a cabeça.

— Eu só quero que você tenha certeza, Prudence. Chamamos a nós mesmos de “Os proprietários”. — Ele sussurrou as palavras no ouvido dela. A forma possessiva como segurava o seu pescoço estava fazendo os mamilos

endureceram e a boceta apertar querendo mais. — Nós possuímos nossas mulheres. Elas são nossas para manter.

— Por que você está dizendo isso?

— Estou dizendo isso porque existem algumas mulheres que não conseguem lidar com serem realmente tomadas por um homem. Há momentos em nossa possessividade que não dá certo

— Nem sempre?

— Não. Eu só ouvi a respeito uma vez, mas já foi o suficiente. A mulher em questão ficou permanentemente marcada por causa do que aconteceu. Cuidado com o que você deseja.

O toque dele não a acalmou.

— Eu vou voltar para a nossa mesa. Quando voltar, quero discutir o que você fez. — Ele beijou a bochecha dela e a soltou. Os braços se soltaram dela. Prue o observou andar de volta até ter saído pela porta. Ela nunca ficou tão ligada em toda a sua vida.

Prue segurava na pia tentando apoiar os membros trêmulos.

Se isso é o que ele poderia fazer com pequenos toques, ela se perguntava o que ele poderia fazer se ela ficasse mais tempo nos braços dele.

Deu uma rápida olhada no espelho antes de voltar para a mesa.

O prato dela foi retirado enquanto esteve no banheiro.

— O cardápio das sobremesas estará aqui em breve — disse James.

Assentindo com a cabeça, tomou um gole de água desejando que tivesse deixado o garçom encher o copo dela de vinho.

— Como você está se sentindo? — perguntou.

— Estou bem.

— Bom.

O garçom lhes entregou os cardápios das sobremesas. Ela deu uma olhada rápida e se decidiu por um cheesecake de chocolate com chantilly. Fechando o cardápio, esperou que ele terminasse.

— Sabe o que é uma palavra de segurança? — ele perguntou, ainda olhando para o cardápio.

— A minha é “rosa” — ela respondeu à pergunta sem hesitação.

Ele olhou para cima.

— É a minha flor favorita.

— O que mais você fez? — perguntou.

— Eu não sei de tudo. Uma vez fui amarrada a uma cama por pouco tempo e a minha bunda foi espancada. — Prue não sabia por que estava dizendo tudo a ele. Queria mostrar a ele que não era uma garota com um sorriso afetado. Ela conhecia a própria cabeça e sabia do que gostava no quarto.

— Você já precisou usar a sua palavra de segurança? — perguntou.

Ela balançou a cabeça.

— Você já esteve em um clube BDSM?

— Apenas alguns poucos e nunca participei. Tudo que experimentei foi em casa, na privacidade do meu quarto.

— Você gostaria de ver?

Prue sorriu.

— Eu adoraria.

O garçom anotou os pedidos das sobremesas. Eles não falaram. James segurou a mão dela e acariciou o pulso com o polegar.

Quando a sobremesa veio, ela deu uma garfada no cheesecake sem soltar a mão dele. Gostava do conforto que ele lhe dava. Os dedos continuaram a acariciá-la e acalmá-la. Quando a refeição terminou, James pegou a carteira e tirou um cartão.

Ela sentiu o rubor nas bochechas.

— Qual é o problema? — perguntou. O garçom tinha ido embora.

— Eu prefiro pagar a minha parte.

— Eu não quero que você pague. Quando estiver comigo, não vai pagar nada. Eu vou cuidar de você. — Ela assentiu com a cabeça e esperou o homem voltar.

Ele voltou e entregou o cartão para James. Prue começou a se levantar. James olhou para ela de um jeito que a fez se sentar de novo. Ajudou-a a se levantar da cadeira e a acompanhou para pegar o casaco. O ar frio da noite os atingiu quando saíram. O táxi em que chegaram estava esperando perto do meio-fio.

James a ajudou a entrar e depois entrou. Ela não disse nada quando ele pegou a sua mão mais uma vez. O carro se

afastou do meio-fio e começou a curta viagem até o clube. Uma vez que eles chegaram lá, Léo abriu a porta para o chefe. James o tirou da frente para ajudá-la a sair do táxi.

— Você não precisa pagar o motorista? — perguntou ela.

— Eu tenho uma conta com eles. Eu não gosto de dirigir mais pela cidade. Prefiro pegar táxi.

Léo permaneceu na porta enquanto James a escoltou pelo clube. Ela sentiu olhares os acompanhando ao redor da sala. Ele manteve o aperto firme, levando-a de volta para a sala que ela o encontrou mais cedo naquele dia. Os guardas estavam nas portas e James pegou o elevador ao invés de descer as escadas. Quando as portas se fecharam, ele se virou para ela.

— Quando você entrar, vai ser como minha convidada. Eu vou deixá-los cientes de que você é um membro novo e está aprendendo.

— Ok.

Ele segurou o rosto dela entre as mãos.

— Prudence, por esse curto período de tempo, preciso que você seja a minha sub.

Ela lambeu os lábios se perguntando como seria entrar nessa parte do clube como sub dele.

— Eu posso fazer isso.

— Nenhum Dom vai se aproximar de você se estiver comigo. Você vai poder olhar ao redor livremente.

Prudence assentiu com a cabeça.

— Eu não preciso usar alguma coisa? — perguntou ela.

— Sim. — Ela assistiu a ele pegar uma corrente de prata com uma cruz.

— Você pode usar isso.

Ela nunca viu o colar antes.

— Eu o uso sempre que saio. Foi do meu pai e, quando eu tiver um filho, vou dar a ele.

Prudence assentiu, tirando o cabelo da parte de trás do pescoço para que ele pudesse colocar o colar.

— Deixe-me tirar seu casaco.

Ela se virou para ele, deixando-o tirar o que queria. Ele puxou as mangas do vestido para cima para cobrir mais do peito dela.

— Eu não quero os outros homens olhando para o que é meu.

Que palavras seguiram esse comentário?

— Eu vou apertar o botão para abrir as portas. Preciso que você mantenha esse lugar em absoluto segredo. As pessoas e a localização.

— Eu nunca diria a ninguém, James. Eu prometo.

— Bom.

A palma dele bateu no botão.

— Hora do show.

James a puxou para o seu lado. Ela manteve o olhar baixo, pressionando o corpo contra o dele. A mente dela era um turbilhão de atividade. Tudo o que ele lhe disse estava sendo repassado na sua cabeça. Ser possuída por um homem e, no caso do James, ser possuída e dominada. Ela

estremeceu, sentindo a emoção do pensamento produzir efeitos em todo o corpo.

Sabia que era uma submissa. O pensamento de dominar um homem ou uma mulher não tinha nenhum apelo pra ela. Ser dominada por um homem em quem confiasse e amasse era diferente. James, com suas palavras, a encheu com um profundo desejo que ela não conseguia parar.

Ele era um sonho tornado realidade.

Foram para a mesa dele. Ele se sentou e deu um tapinha na cadeira ao lado.

— Você pode olhar em volta — disse ele.

Ela levantou a cabeça vendo que a suave iluminação da sala só destacava o que precisava.

— O que acontece aqui? — perguntou ela.

— Tudo e nada. Aqui é onde mantemos um *munch*, um lugar para submissos e dominantes se encontrarem sem expectativas.

Ela nunca foi a um. As experiências dela estavam puramente limitadas as tidas em sua casa.

— Eu também dei aulas aqui. Doms trazem as suas subs e dão certos tipos de aulas.

— Como o quê?

— Jogos com corda, encenação, espancamento e depois as aulas extremas.

— Aulas extremas? — perguntou ela.

— Sim. E eu não vou contar sobre elas para você.

Ele bateu no joelho olhando para a multidão.

— O que vai acontecer hoje?

— Nada. Esta é apenas uma reunião social onde podem ser eles mesmos.

Prue olhou em volta vendo vários casais espalhados pela sala. Ela viu uma mulher sub sentada aos pés do mestre com a cabeça baixa e o cabelo sendo afagado. Outro mestre tinha uma sub ao seu lado. Ela acariciava o pau dele enquanto ele falava com outra pessoa.

— Este lugar é livre, Prudence. Não há julgamento aqui.

Ela gostou e pressionou o corpo contra o dele.

— Verônica não gostou daqui, não é? — ela perguntou.

Ele enrijeceu ao lado dela.

— Não. Não gostou.

— Eu gosto daqui. — Ela se aconchegou contra a lateral do corpo dele, observando e apreciando a sensação de James ao seu lado.



James olhou para a sala sentindo Prudence se aconchegar a ele. Ela o surpreendeu desde o telefonema até essas últimas palavras. Nunca esperou que ela gostasse do lugar. Esse era o mundo dele. Sentia-se feliz e contente quando estava aqui. O clube no andar de cima era ótimo para fazer dinheiro, mas isso era a vida dele.

Dois companheiros Doms levantaram os copos para ele. Franziu a testa se recusando a reconhecer sua nova sub. Quando essa noite acabasse, não seria permitido Prudence

voltar aqui embaixo. Ele não queria assistir a outros homens disputarem a atenção dela. Ela iria trabalhar no bar do Ravage.

O corpo dela foi ficando mais pesado ao lado dele. Olhou para baixo e viu que ela adormeceu nos seus braços. O rosto relaxado durante o sono. Parecia mais jovem e ele se sentiu um bastardo por fazer isto com ela. Ele queria assustá-la e fazê-la correr para longe.

Balançando a cabeça, ele olhou para as outras pessoas. Este era quem ele era. Nunca seria capaz de mudar quem era.

Ele a deitou na almofada de pelúcia da cabine e encontrou as chaves de casa no bolso dela. Quando pegou as chaves, levantou-a e saiu do clube. Dois Doms o ajudaram.

O táxi foi chamado de volta. O motorista não mostrou sinais de estar irritado por causa das chamadas constantes. James fez uma nota mental para pagar uma gratificação para o motorista. Ele se perguntou o que o cara acharia de ser o seu motorista particular.

Pensaria nisso em outra hora. Queria deixar Prudence em casa. Ela abriu os olhos e se aconchegou mais perto antes de cair no sono de novo. James a abraçou durante a ida para a casa dela. A noite estava coberta de névoa e ele sabia que estaria congelando no dia seguinte.

Os dedos dela se apertaram no músculo da perna dele. Olhou para ela dormindo. Realmente parecia muito jovem para ficar com ele. James sabia que era velho. Deveria levar um tiro pela forma como se sentia a respeito dela.

De jeito nenhum ela seria submissa dele.

Você quer que ela seja.

Você quer que ela olhe para você com tanto amor e confiança que nenhum homem tenha chance.

Você pode viver consigo mesmo se ela acabar com algum Michael?

Ele sabia que ela era uma mulher apaixonada. James não sabia o quão apaixonada estava. Não poderia ver outra mulher olhar para ele com a mesma repulsa com que Verônica o olhou.

Não Prudence.

O carro parou em frente à casa dela. Fazendo movimentos cuidadosos, James conseguiu tirá-la do carro sem acordá-la. Alguém deveria estar olhando para eles lá de cima. O motorista saiu e pegou a chave para abrir a porta. James o agradeceu e pediu a ele que esperasse. Ele subiu a escada com ela. O som da porta fechando não o preocupou. Ele encontrou o quarto de Prudence. A cama de casal parecia convidativa. Ele gostou da cama de dossel. No quarto dele, ele mantinha laços de seda para amarrar uma mulher à cama.

— Pare de pensar nisso — disse para si mesmo.

Ele a deitou na cama, tirou os sapatos e lentamente tirou o vestido. Ela usava um sutiã preto de renda. A visão do corpo cheio dela vestido com lingerie preta fez o pau dele enrijecer dentro da calça.

James a colocou sob os lençóis e viu a tatuagem de uma rosa negra ao longo da base das suas costas. Ele viu no clube, mas naquela luz não conseguiu identificar o desenho. Havia

também caules e espinhos. O desenho escuro se destacava contra a pele pálida.

Ele teve o cuidado que ela estivesse aquecida o suficiente antes de sair do quarto. Quando desceu a escada, foi à cozinha para definir o temporizador para o aquecedor e para a água quente.

Na mesa, encontrou o papel com as entrevistas de emprego. Ele o pegou e escreveu um recado. Ela não iria trabalhar para ninguém além dele.



Capítulo Onze

Uma semana depois

O bar estava cheio. O ruído dos clientes era ensurdecedor para os ouvidos dela. Jermaine estava fazendo tudo o que podia para ensiná-la o trabalho do bar. Nada que ela fazia dava certo. Desde o momento em que perdeu o emprego, James foi onde quer que ela fosse. Na noite em que eles saíram, ele a levou para casa e roubou o papel com todos os detalhes das entrevistas. Tinha deixado um bilhete dizendo que o único trabalho de que ela precisava era no Ravage.

Prue derramou a cerveja fora do copo e xingou. Jermaine atendeu outro pedido enquanto ela tentava fazer dois coquetéis para outras duas mulheres.

Ela pegava o dinheiro e devolvia o troco errado. Jermaine teve que digitar a senha para abrir a caixa registradora.

— Estamos sempre ocupados, Prue. Você vai pegar o jeito — disse ele.

— Eu estou dando mais trabalho para você. Você deveria fazer James me despedir.

— Eu não vou fazer isso. Pegue umas bandejas e tire os copos vazios das mesas. — Jermaine estava fazendo de novo. Sempre que ela fazia merda numa noite movimentada, ele a mandava para longe do bar. Prue não discutiu. Quanto mais longe do bar estivesse, menos confusão causaria. Ela nunca pegaria o jeito de ser uma garçonete.

Prudence andava em torno das mesas, pegando copos que estavam vazios e embalagens de comida. Odiava esse trabalho. James não mentiu sobre o salário. Ele pagava o dobro do que ela recebia trabalhando no escritório do Cadeon Ashwood.

O dinheiro não a impedia de odiar o trabalho. James não foi vê-la desde o jantar. Eles conversaram no telefone e ela o viu de passagem. Ele não disse nada sobre o tempo que passaram juntos. Era como se o encontro nunca tivesse acontecido. Ela não sabia o que era pior: o fato de que ele a ignorava ou de que a tratava como se ela não existia mais.

Prue pensou que eles se conectaram naquela noite. Ela sentiu o domínio do homem e o corpo respondeu a ele.

— Estúpida— disse, sacudindo a cabeça.

Ela pegou as bandejas e começou a se virar. Um cara passou, batendo nela com o quadril. O que derrubou a bandeja de copos no chão. Todos os olhos se voltaram para ela. O som era ensurdecedor. As bochechas dela enrubesceram. Ergueu os olhos e viu James olhando para ela.

Em vez de limpar a bagunça, ela passou por ele, sem querer vê-lo.

A vaia alta a seguiu. Ela ignorou os comentários enquanto lágrimas lhe encheram os olhos. Nunca, em toda a vida, ela pareceu tão incompetente.

Abriu e fechou a porta. Um tempo sozinha era do que ela precisava mais do que qualquer outra coisa.

As lágrimas rolaram pelo rosto. Ela as secou, frustrada.

A porta se abriu. Prue virou as costas para quem a seguiu.

— Olhe para mim, Prudence — disse ele.

Ela balançou a cabeça. Prue estava numa sala escura. Não parecia ter nenhuma luz acesa.

Ótimo, eu nem consigo achar uma sala com luz.

— Eu preciso de um tempo sozinha. Por favor, me deixe em paz, James.

— Você está num armário de vassouras.

— Não me importa onde estou. Eu preciso de um tempo sozinha. — Ela cruzou os braços sob os seios e se virou para encará-lo. — Era isso que você queria ver? Você queria me ver infeliz por não conseguir fazer esse trabalho? Eu nunca quis trabalhar aqui. Estava feliz onde eu estava.

A mão dele cobriu a boca dela e parou o fluxo de palavras. A luz se acendeu. Ela piscou vendo a mão dele no pedaço de corda que acendia a luz.

— Por que você está chorando? — perguntou.

James tirou a mão da sua boca. Ela lambeu os lábios repentinamente secos. Um gemido escapou dele. O som foi tão sutil que ela pensou que não ouviu.

— Eu não consigo fazer nada direito — disse ela quando nenhum outro som veio do James.

— Você pode fazer tudo o que decidir que pode.

Ela balançou a cabeça, tirou o elástico do cabelo e se afastou. O armário tinha cheiro de desinfetante e produtos de limpeza.

— Você não está ouvindo. Por que você está fazendo isso comigo, James? Por quê? — ela perguntou, as mãos nos quadris quando se virou para ele.

Os olhos dele foram descendo pelo corpo dela. O olhar parecia uma carícia na pele. Como tantas vezes antes, os mamilos endureceram e a boceta se apertou com a excitação. Ver James e não fazer nada a deixava em um estado constante de excitação. Não se passou nenhum dia sem que ela pensasse nele de alguma forma.

Trabalhar para ele fazia os pensamentos dela se tumultuarem com imagens de James. Não havia brecha entre fantasias e necessidade.

James estava lá o tempo todo.

— Eu gosto de ter você aqui, Prudence.

— Por que você usa o meu nome completo? Por quê? Por quê? Por quê? — ela perguntou se sentindo frustrada com a falta de respostas.

Caminhou até ele, ficando na sua frente com os braços cruzados.

— Eu só quero você.

O coração deu um salto no peito. Ela mordeu o lábio, olhando para além do ombro dele. Nada que fizesse poderia fazê-lo lhe dizer qualquer coisa.

O que você esperava? Uma confissão de amor eterno?

— Não faça isso!

Ela franziu o cenho para ele.

— Fazer o que?

— Isso.

A mão dele subiu, puxando o lábio inferior de entre os dentes dela. Ela prendeu a respiração quando ele passou os dedos ao longo dos seus lábios.

— Eu preciso provar só mais uma vez — disse ele.

Em um instante, ela estava de pé com os braços cruzados e no próximo, os dedos estavam enfiados no cabelo dele enquanto os lábios dele reivindicavam os dela.

Esse beijo não foi gentil. O homem na sua frente era duro e implacável. Estava tomando o que queria sem autorização. Ele possuiu a sua boca tão facilmente quanto possuiu o coração.

Prue lhe deu tudo, pressionando o corpo contra o dele. Ele se afastou, os dedos se afundando no cabelo dela e ela sentiu ele apertar as mãos em punho. O cabelo foi puxado quando ele aumentou o aperto.

A excitação dela era intensa e forte.

— Seus olhos estão dilatados, Prudence. Aposto que se eu tocasse a sua doce boceta, você estaria toda molhada para mim — disse ele.

Ela gemeu.

— Por favor — disse ela, implorando por ele.

Ele a puxou para perto, pressionando uma perna entre as dela. Ela usava uma calça jeans, mas a perna dele contra a sua boceta fez com quem desejasse que estivesse vestindo uma saia. Se estivesse de saia, isso poderia se transformar em muito mais.

James tomou os lábios dela mais uma vez esfregando a coxa entre as dela. Ela o beijou de volta e se esfregou na sua coxa. A boceta estava ensopando a calcinha. Não queria que ele parasse. Prue abaixou uma das mãos até a camisa dele, abrindo os botões de cima para expor o peito.

De repente ele se afastou. A camisa expôs o colar que ela ainda mantinha em torno do pescoço.

Ele não disse nada quando pegou a cruz de prata.

— Você está usando.

Ela lambeu os lábios e o provou na própria língua.

— Você não me deu permissão para tirar.

James colocou a cruz fora da camisa.

— Nunca a esconda quando estiver no meu clube.

— James?

Ele foi embora. Prue bateu o pé. O fato dele ter desparecido a irritou mais do que o trabalho. Ele nunca lhe deu a chance de falar sobre o emprego. Ela passou os dedos no cabelo e depois o amarrou com o elástico.

Perguntava-se o que James estava pensando quando a contratou. Ele estava agindo como se não a quisesse por perto.

Prue deixou a segurança do armário. O vidro quebrado já havia sido limpo. O bar continuava cheio e Jermaine continuou a treiná-la.

Durante todo o tempo, ela sentiu olhos sobre si.



James a assistiu trabalhar pela tela do computador. Ela passou boa parte do tempo xingando. Ele se perguntou se ela xingava o trabalho ou ele. A maior parte das noites dele eram passadas observando-a no bar. O treinamento continuava a ir devagar. Na primeira noite que trabalhou, Jermaine perdera a paciência. James disse ao homem para ser paciente ou arrumar outro emprego. Agora, Jermaine a tratava apenas com bondade e paciência.

O beijo que ele compartilhou com ela foi um erro. Ele não foi capaz de se segurar. Ver aquele lábio inferior cheio entre os dentes dela o provocou. Precisava provar de novo os lábios quentes e o corpo macio.

A cruz que ela usava capturou a sua atenção. Ela usava o símbolo da sua dominância. Vários membros veriam o símbolo e a deixariam em paz. Saberiam que ela pertencia a ele e a mais ninguém.

Ele balançou a cabeça. Na última semana, foi várias vezes ao Possession. Não havia novidades sobre a papelada. Ele olhou os arquivos e não viu nada. Dane continuava sob os cuidados deles, sem mais nenhum desaparecimento. Ele

se perguntou o que estava acontecendo lá. Era noite e Stephen raramente tinha clientes à noite. James abriu a gaveta da mesa e encontrou a pasta com a papelada que solicitou. Tudo o que precisava fazer era colocar a assinatura dele na página e Prudence nunca mais teria dificuldades na vida. Assinou o documento sem se importar com o valor.

Ele faria qualquer coisa para mantê-la segura. James sabia para onde os pensamentos o estavam levando. Era assim que começou para os outros. Os sentimentos possessivos, a necessidade de tomá-la como dele só aumentavam à medida em que ela ficava perto. Ele lutava para ficar no escritório quando via outros homens flertando com ela.

Ela não era dele.

Você quer que ela seja.

Você pode tê-la. Reclamá-la. Possui-la.

Abriu a gaveta da mesa e colocou o arquivo dentro. O envelope branco permanecia fechado na mesa. Ele olhou para a coisa que era responsável por trazer Prue de volta à sua vida. James não tinha aberto a carta.

Passando os dedos pelo envelope, decidiu não abrir a carta ainda. Verônica se enganou sobre ele. Não era um monstro e se recusava a ser tratado como um.

Olhou para o computador e viu Prudence servindo outra pessoa.

Na semana anterior, ele deixou o taxista levá-la para casa. Hoje, ele iria acompanhá-la. Gostava de saber que ela chegaria em casa segura.



Dane esperou Rebecca trancar a porta. Isabella se sentou na cama. Quanto mais ele via as duas mulheres, mais difícil era ficar quieto. Havia homens nas vidas delas que poderiam mantê-las seguras. Sabia que podia confiar o que sabia a eles. Ambas as mulheres exigiram que ele continuasse em silêncio. O silêncio delas mataria a todos. Ele olhou pela janela que dava para as florestas que rodeavam a propriedade. A cela dele tinha barras quando estava na Inglaterra. Essa era uma prisão aberta. A liberdade nunca era de graça. A liberdade sempre teve um preço.

— O que você descobriu? — perguntou Rebecca.

— Eu posso pegá-la, mas o preço subiu para mais de um milhão — disse ele sem se virar. Dane recebeu o e-mail no início do dia. — Eu não posso conseguir tanto dinheiro pelas próximas semanas.

— Nós nem sequer sabemos se ele a tem, Dane. Ela poderia estar perdida — disse Isabella.

— Não. Ela tem valor. A virgindade vai mantê-la segura. — Dane passou a mão no corpo. Ele precisava acreditar que ela estava a salvo.

Dane não seria capaz de viver se achasse que ela estava sendo ferida.

— Isso precisa parar — disse Rebecca.

— Como é que vamos parar isso? — perguntou Isabella.

— Mary...

— Não diga o nome dela! — Dane gritou com Rebecca.

Ambas as mulheres olharam para ele. Estava ficando louco.

— Não existe nenhum jeito de sair disto. Uma vez que você é parte, permanece parte disso.

— O que aconteceu com os arquivos? — perguntou Rebecca.

— Eles não descobriram a ligação ainda. É apenas uma questão de tempo até que descubram — disse Dane.

— Eu sei que isso tudo começou com Violet. No momento em que ela entrou na história, tudo explodiu.

— Ela não é culpada, Rebecca.

Rebecca balançou a cabeça.

— Eu sei. Ela é uma garota doce. Isso tem a ver com o Possession, o Ravage, o Green e o Black.

— Eles não fazem ideia de que estavam levando as meninas de ambos os clubes. Eu não acho que os pais deles sabiam a respeito, mas pelo que vi, o Possession e o Ravage foram usados como uma forma de contrabandear as mulheres para dentro e para fora dos Estados Unidos — disse Dane.

Isabella ofegou.

— Isso não pode ser possível.

— Eu acho que essa é a isca. Meninas bonitas que estão encantadas com a ideia desse lugar e são drogadas e levadas. Acho que é a ligação.

— Stephen e James não são assim.

— Mas e os pais deles? — perguntou Dane.

Isabella permaneceu quieta.

— Eles estão mortos — disse Rebecca.

— Sim, como eles morreram? — perguntou Dane.

— Eu não faço ideia.

— De onde eu venho, pessoas morrem o tempo todo e não é preciso muito para fazer parecer acidente — disse Dane.

— Você realmente acha que os pais do James e do Stephen estavam envolvidos com o tráfico de mulheres? — perguntou Rebecca. Esse pensamento soava ridículo mesmo para ele.

Ele deu de ombros.

— Eu não faço ideia. O que posso dizer, pela papelada que eles estão examinando, é que qualquer advogado vai ser capaz de ligar Dominic Green com Stephen e James e com todos os homens lá embaixo. Estou falando do Tate, do Kevin, do Sean e do Lucas. Todos eles podem se ferrar.

— Eles não fizeram parte disso — disse Isabella, ficando de pé.

— Não? — perguntou Dane, caminhando em direção Isabella. — Então me diga, Isabella. Por que você se jogou em cima do Eugene Black? O que aconteceu quando Sean rejeitou você? Lucas, sendo o irmão dedicado que é, por que ele não encontrou você?

Dane sabia que a machucou com essas as palavras. Ele precisava que elas vissem o quão facilmente tudo poderia implicar as pessoas que mais amavam.

— Você está distorcendo tudo — disse Isabella. Lágrimas estavam rolando pelo rosto dela.

— Eu estou dizendo a você como os outros vão ver isso. Ninguém está a salvo, nem mesmo eles. Todos podem ser acusados de tudo, vocês não veem?

— O que nós devemos fazer? — perguntou Rebecca.

— Nós precisamos contar tudo. Precisamos que eles se envolvam antes que seja tarde demais.

— Eu não estou pronta — disse Isabella.

— Então é melhor você se preparar. Quanto mais nós esperarmos, pior será.



Capítulo Doze

Duas semanas depois

Prue se encostou no nicho observando os casais se moverem. O intervalo dela terminaria em breve. Tomou um gole da bebida desejando que fosse ela quem estivesse nos braços de alguém querido. Trabalhar no Ravage não era o melhor dos empregos, mas como James prometeu, o salário era bom. As duas últimas semanas foram um sonho. O Ravage abria toda noite e ela trabalhava toda noite. James gostava de mantê-la por perto. Notou a forma como ele se movia pelo clube sempre que ela estava trabalhando. Toda noite, quando o clube fechava, ele a levava para casa. O motorista lhes dava privacidade. Adorava quando ele a levava para casa. Eles davam as mãos e James a puxava para perto. Ela se esquecia de tudo nos braços dele. A irmã era esquecida, assim como todas as preocupações.

James era parte do mundo dela. Ele fez questão que a cruz que lhe deu estivesse sempre exposta para os outros verem. Ela sabia por que ele fez isso. Estava avisando aos outros Doms para ficarem longe dela. Ela encontrou umas

informações online. À maneira dele, James estava afirmando a posse dele sobre ela. Prue gostava disso. Ela tocou o colar, desejando que mais do que o símbolo da posse dele estivesse ao redor de si.

— Você está sozinha de novo — disse ele no ouvido dela.

Fechou os olhos sentindo um arrepio na espinha. O corpo dele pressionou contra as suas costas. Ela sentiu a ponta dura do pau pulsar contra a bunda.

Nenhum deles cruzou aquela linha invisível. Toda noite ela deitava na cama pensando em como poderia ser com ele. O que faria se as mãos dele se movessem pelo seu corpo e lhe segurassem os seios. As próprias mãos já não satisfaziam os desejos dela. Ela precisava de mais e se sentia uma cadela por causa das próprias necessidades.

Os beijos começaram algo que nenhum dos dois sabia como parar. Pelo menos, ela não sabia como parar. Quanto mais tempo passava com ele, mais difícil estava ficando se afastar. A química entre eles estava mais forte do que nunca.

— Estou no meu intervalo — disse ela, inclinando-se para trás para sentir o calor dele. Um dos braços dele envolveu a sua cintura. Os dedos provocaram a carne que ficava onde a camisa terminava e começava a calça jeans.

Ela chegou ao trabalho no dia seguinte após eles terem passado um tempo no armário com uma saia que ia até o joelho. James fez com que ela passasse o turno todo longe de dedos bisbilhoteiros e olhos persistentes. Ele sequer percebia o quão possessivo estava se tornando com relação a ela?

— Eu não gosto que você fique sozinha. Qualquer um poderia estar aqui. — Os dedos se moviam sob a sua blusa. Ela fechou os olhos, mordendo o lábio.

Os pensamentos dela se voltaram para o *mush* enquanto o corpo derretia sob o toque dele.

A outra mão dele roçava na lateral no seu corpo. As pontas dos dedos roçaram seus seios. Ela engasgou e se virou para encará-lo. A mão deslizou para as costas dela enquanto a outra pegou a bebida dos seus dedos. A batida da música os alcançava no nicho particular.

— O que você está fazendo? — ela perguntou.

— Dançando. Uma dama bonita como você não deveria ficar sozinha.

Prue olhou para ele espantada, depois relaxou o corpo contra o dele. A confiança que tinha quando se tratava dele a surpreendia. Sabia que ele nunca a machucaria. Mordendo o lábio, fechou os olhos apreciando o cheiro dele a envolvendo. Estava ficando viciada no cheiro masculino misturado com um pouquinho de couro.

— Eu quero voltar ao calabouço — disse ela.

Ele ficou tenso.

— Você não sabe o que está pedindo.

Ela recuou olhando-o nos olhos.

— Eu uso o seu símbolo, James. Isso deve significar alguma coisa.

James recuou. Ela viu e sentiu isso.

— Isso significa que eu ainda estou cuidando da irmã mais nova da Verônica.

Ai. Essa doeu.

Prue se afastou e tirou o colar com a cruz de prata. Bateu a joia no peito dele.

— Eu não sou criança. Não preciso de alguém cuidando de mim.

Sem esperar que ele falasse, Prue se afastou. Foi em direção ao bar e ajudou Jermaine a atender os clientes. James foi ao bar para tentar falar com ela. Recusou-se a falar com ele. Era um maldito covarde e ela não conseguia acreditar que tivesse esperado algo mais dele.

James tentou ganhar a sua atenção. Ela o ignorou, recusando-se a lhe dar satisfação. Ela entregou as bebidas de um casal quando James segurou o seu pulso.

— Não me ignore — disse ele.

— Vá se foder, senhor. — Ela puxou a mão olhando para ele.

Estava de saco cheio de esperar. Se ele não queria nada com ela, então não perderia tempo. James era o homem para ela. Sabia disso, mas ele não.

— Eu me demito — disse ela quando viu Anya e a Becky na pista de dança.

— Você não pode se demitir — disse Jermaine.

— Sim. Eu posso.

Deixou o bar, indo para a multidão. O olhar dele estava sobre ela. Ela sentiu e o coração acelerou dentro do peito.

— O que você está fazendo aqui? — Anya perguntou.

— Mostrando a um cara que eu posso viver sem ele e cuidar de mim mesma. — Ela jogou as mãos para cima e

mexeu os quadris com a batida na pista de dança. Verônica, James e até mesmo Léo poderiam se foder. Ela tinha vinte e três anos e podia cuidar de si mesma. Até James entrar na sua vida pela segunda vez, tinha alugado uma casa decente com a esperança de comprá-la.

— Ele está olhando para você.

— Bom.

Ele deveria olhar. Eu não vou aturar as suas bobagens e ele vai aprender a não se aproveitar.

Sabia que ele não precisa se aproveitar. A resposta dela a ele não era forçada. Ele era tudo para ela.

Prue queria que ele a possuísse. Queria que ele fosse como os homens que descreveu. Prue desejava a posse completa.

As fantasias dela estavam cheias da possessividade dele. Ansiava, precisava e pedia para ser dele.

Mordendo o lábio, ela se manteve de costas para ele esperando que entendesse a mensagem.



James olhou para a bela curva da sua bunda. Por que ele arruinou o momento dos dois? Verônica e a idade dela foram as últimas coisas na cabeça dele. Sabia que o que estava fazendo com ela era errado. Quando ela pediu para voltar ao calabouço, o corpo todo dele entrou em super

atividade. Queria levá-la até lá e lhe ensinar o que significava pertencer a ele.

Ela não estava mais usando o seu símbolo. Qualquer homem poderia clamá-la como dele.

Não gostou disso. Homens cercaram o grupo dela como mariposas cercam uma chama. Toda a aura dela fazia homens se moverem em sua direção. Ao contrário das duas amigas, ela provocava um fascínio e tinha uma sexualidade que atraia homens para si. Ele viu a beleza dentro dela quando ela tinha apenas dezoito anos, a doçura que dava a todos com quem entrava em contato.

Você a quer. Tome-a antes que alguém tome o que é seu.

Um dos homens do grupo estendeu a mão para tocar os quadris dela. Prue sorriu e o empurrou. A ação foi sutil, mas ele viu. Ela estava na pista de dança para lhe mostrar que podia cuidar de si mesma. Ele entendeu a mensagem. Ela não queria a atenção dos homens.

O olhar dela o pegou quando um homem substituiu o outro.

Ela precisa de você.

James foi até a pista de dança. Ele empurrou o homem fora do caminho e segurou os quadris dela com as mãos. Ela colocou as mãos em cima das dele, pronta para empurrá-lo, tinha certeza.

— Antes de me afastar, me deixe pedir desculpas — disse ele. James sussurrou no ouvido dela. Ele só queria que ela ouvisse o que ele tinha a dizer. As duas amigas sorriram para ela e foram embora.

— Você as mandou embora.

— Elas sabem que eu não deixaria nada acontecer com você.

— Você não me quer, James. Estou cansada de mostrar para você o que eu quero.

Ele viu o que ela queria e, sendo o bastardo que era, não lhe deu nada e, ao invés, lhe tomou tudo o que oferecera.

James colocou as mãos na cintura dela, acariciando a carne delicada escondida sob a blusa que ela usava. A pele era macia. Ele queria tirar cada camada de roupa do seu corpo e acariciar cada polegada dela. A tentação que ela causava era mais do que ele podia suportar.

— Eu vi o que você quer, Prudence. E eu quero você.

— Então por que você não vai me toma? — disse ela.

Ele não respondeu.

Ela olhou para ele. Ele viu o desejo no olhar dela. A idade e alguma outra coisa o detinham. James a soltou.

— Sinto muito — disse ele antes de deixá-la na pista de dança.

Sem olhar para trás, foi para o escritório. Ele precisava se afastar dela antes que fizesse algo de que se arrependeria.

Empurrou as pessoas no caminho, sem interesse nos olhares que lhe davam. Jermaine tentou impedi-lo e foi ignorado.

No momento em que estava no escritório, ele esfregou os olhos.

— Idiota do caralho. — Ele chutou a cadeira mais próxima.

— Por que você está lutando contra isso?

Prudence o seguiu.

A porta do escritório se abriu e fechou atrás dela. James se manteve de costas. No momento em que olhasse para ela, sabia que estaria perdido.

— Eu a quero mais do que tudo. — Ele admitiu a verdade. O coração batia forte dentro do peito. Sentiu como se houvesse uma luta entre a cabeça e o coração. O coração a queria e estava cansado de lutar contra isso e a cabeça continuava lhe dizendo para se afastar.

Ela é a mulher para você. Você a quer como um homem possuído.

— Então pare de lutar. — Ela ficou na frente dele. Os olhos azuis o prenderam. As pupilas escuras dela estavam dilatadas. Viu a necessidade dela. James desceu o olhar pelo corpo dela até os mamilos duros. Será que a boceta era tão gostosa quanto imaginava?

Ela agarrou a mão dele e pressionou a palma sobre o próprio coração, que disparou contra o toque dele.

— Eu sempre quis você, James.

Ele sabia. Que Deus o ajudasse. Ele sabia quando ela tinha dezoito anos e tinha certeza de que os sentimentos dela nunca desapareceram.

Como ele poderia lutar contra isso?

Não havia ninguém mais no mundo para ele. James não queria deixá-la escapar. Ela moveu a mão dele para o seu seio esquerdo. O grande monte enchia as palmas da sua mão.

Era exatamente do tamanho certo para ele. Prudence pegou a outra mão dele e a colocou entre as pernas.

— Eu não vou a lugar nenhum, senhor. Eu quero você e vou fazer de tudo para pertencer a você — disse ela.

As palavras não passaram despercebidas.

Ele tirou a mão do meio das coxas para enfiar os dedos no cabelo dela. James a trouxe para perto de si enquanto passava os dedos no mamilo, sentindo-a endurecer contra ele.

— Você tem alguma ideia do que essas palavras significam? — perguntou.

— Eu ouvi você, James. Eu quero isso e acho que você também quer.

James não discutiu com ela. Era verdade. A possessividade que o inundava, a agressão que ele exibiu — viu tudo isso nos dois amigos.

— Você é tão jovem — disse ele.

— Quem se importa? Eu não. Idade não significa nada para mim.

James não podia mais lutar. Quanto mais tempo eles ficavam separados, mais difícil era para negar a si mesmo. Ele odiava que outros homens falassem com ela e foi ele quem a colocou nessa posição em primeiro lugar. Através das próprias ações, tirou o seu emprego, não lhe dando outra escolha senão aceitar o que ele lhe deu.

— Eu quero você, James — ela sussurrou. Os olhos azuis escurecidos com a excitação. Os beijos que eles compartilharam ao longo das últimas semanas não fizeram nada além de acender uma chama dentro dos dois. Ele sentiu

isso forte dentro dela, como sentia em si mesmo. James sabia que era um tolo por ter permitido um beijo, para não falar dos outros.

Nenhuma outra mulher poderia domar o monstro dentro dele além da mulher diante de si.

James chocou os lábios nos dela. Não havia nada agradável ou sutil sobre tomá-la. Precisava apagar cada lembrança dos homens com quem ela ficou antes. Prudence era toda dele e ele iria lhe mostrar o que realmente significava ser tomada por um homem dominante.

— Não há volta, Prudence. Se eu tomo-a agora, você é minha. Ninguém toca no que é meu.

Ela colocou o rosto dele entre as mãos. Os dedos acariciaram a sua pele.

— Eu sempre fui sua, James.

As palavras dela tiraram a coleira do monstro dentro dele. Ele a empurrou para trás até que estava pressionada contra a parede. No momento seguinte, a blusa foi arrancada do corpo. Os botões se espalharam pela sala. Ele abriu o sutiã dela até que os peitos se libertaram.

Um gemido escapou dele. Estava madura e pronta para ser fodida. Os montes pálidos tinham mamilos vermelho cereja. Eles estavam duros e apontando para ele. Abaixou a cabeça até um mamilo, levando-o a boca. Prudence gritou. Cobriu a sua boca com a palma da mão, afastando-se dela.

— Quieta. Nós não queremos ninguém correndo para cá se perguntando o que estou fazendo com você.

O olhar dela se voltou para porta e depois para ele. James começou a tirar a mão. Ela colocou a mão sobre a dele não permitindo que se afastasse.

James sorriu.

— Não faça nenhum barulho. — Ele voltou a lamber o mamilo. James sabia que ninguém se atreveria a entrar no escritório sem a sua permissão. Ambos estavam seguros dentro das quatro paredes. Viu a excitação aumentar no olhar dela. Ela ficou excitada com a possibilidade de ser pega.

Ele passou a língua na pele e deslizou a ponta ao redor do outro mamilo. Com a mão livre, tocou a umidade, mas se manteve imóvel.

O pau pulsava na calça. O pré-gozo vazava pela ponta e molhava a calça. Ele sabia que a primeira vez com Prudence não seria suficiente.

Deixando o mamilo, desabotoou a calça jeans dela e abaixou o zíper. Deslizou o zíper de metal para baixo antes de colocar a mão na boceta. A calcinha não escondia a excitação. Ela estava encharcada. O cheiro feminino no ar o tentava. Ela tinha um cheiro incrível.

James soltou o mamilo e se ajoelhou diante dela. Prudence olhou para ele enquanto abaixava a calça pelas pernas dela. A sua boca estava destampada e ele ouviu os gemidos. O som encheu o ar em torno de si como o cheiro da boceta dela encheu.

— Você está toda molhada para mim, querida? — perguntou.

— Sim — disse ela.

— Sim, o quê? — perguntou.

Ela lambeu os lábios, olhando para ele.

— Sim, senhor.



Capítulo Treze

O seu corpo estava em chamas. Prue não sabia o que fazer. Encostou-se à parede, tirando os pés da calça. Ele a puxou para o lado. No momento seguinte ouviu o rasgo e a calcinha foi jogada na mesma direção da calça. Ele abriu bem as pernas dela. Viu-o olhando para ela. O olhar dirigido à sua boceta.

Ela mordeu o lábio tentando conter o gemido crescendo dentro de si. James era um homem dominante, completamente. Não gostaria que ela desse instruções para ele.

Ele abriu os lábios da boceta.

— Seu clitóris está adorável e inchado — disse ele.

Olhando fixamente para baixo, viu o polegar dele deslizando pela sua fenda. O primeiro toque no clitóris a fez saltar.

— Relaxe, querida. Eu não vou machucar você.

Prue fechou os olhos tentando se controlar.

— Olhe para mim.

Abriu os olhos, olhando para ele. O polegar tocou o seu núcleo. James era gentil e o toque era suave para se acostumar com a sensação dele contra ela.

O polegar desceu pela fenda e enfiou na boceta. Prue abriu mais as pernas.

— Mais — disse ela.

James tirou o polegar.

— Não me diga o que fazer, Prudence. Isto não é uma cena, mas você vai fazer o que eu disser.

— Você quer que eu chame você de “senhor”? — perguntou ela.

— Sim.

Assentindo, ela inclinou a cabeça.

— Perdoe-me, senhor.

Ele se levantou do chão e ficou na frente dela.

— Tire a minha roupa — disse.

Prue não teve que ouvir uma segunda vez. Puxou a camisa do corpo dele, observando os músculos se flexionarem. Ele era tão gostoso.

— Eu amo o seu cabelo assim. Não quero que você mude — disse ele, acariciando o cabelo dela enquanto ela se ajoelhou na frente dele.

Ela tirou o cinto se perguntando como seria se ele fosse usado na bunda dela. Se ele fizesse direito, ela sentiria dor junto com um montão de prazer. Ela desabotoou a calça de couro e a puxou pelas pernas. James usava cuecas pretas. O pau que estava do lado a fez cambalear.

Ele era grande, grosso e ela viu a mancha úmida do pré-gozo.

Prue gostou do que viu.

James tirou a calça dos pés. Pegou a mão dela quando estava prestes a tirar a cueca.

— Eu farei isso.

Ele a puxou para ficar de pé, levando-a até a mesa. James a colocou em cima da mesa. A papelada foi empurrada para o lado. Ela segurou na beira enquanto ele se sentou na cadeira.

— Deite-se de costas.

Prue se deitou de costas sobre a mesa esperando pela próxima instrução. Sentiu-o mover as suas pernas para ficarem sobre os joelhos dele. As mãos se moveram para cima e para baixo nas coxas dela antes de irem para a boceta. Ele abriu a fenda e os dedos começaram a acariciar o clitóris. Ela sentiu os dedos deslizando pela sua umidade, cobrindo os dedos dele e a boceta dela.

Ela segurou na beira da mesa. O corpo todo estava tenso por conta do toque dele. Prue ouviu o som da cadeira se movendo e então a língua dele lhe lambeu o clitóris. Ela gritou antes de se lembrar do aviso dele. Mordendo os lábios, tentava conter os próprios gritos de excitação. Os dedos dele provocavam a boceta dela enquanto a língua fazia estragos no clitóris inchado. Os mamilos estavam duros. As pontas molhadas estavam ficando cada vez mais duras no ar frio do escritório. Ela estava tão perto do orgasmo. As últimas semanas foram um pesadelo. Os dedos e vibradores não a satisfaziam mais. Raramente alcançava o clímax. Na única vez em que alcançou, estava pensando nele.

Prue sentiu o mundo inteiro desaparecer. Eram as duas únicas pessoas no mundo. O som da língua dele a deixava mais excitava. Estava molhada e ele estava bebendo dela como se ela fosse uma deusa.

Três dedos entraram nela ao mesmo tempo. Seus dentes morderam o clitóris. Ela gritou. Todas as recomendações para ficar quieta deixaram sua mente uma vez que a sensação que ele estava causando a estava a levando a lua.

Ela se sentou na mesa observando o cabelo escuro com fios cinza enquanto ele lhe lambia o clitóris. Prue viu a mão dele a fodendo e a língua lambendo o clitóris. A visão e as sensações que ele causava a levaram a loucura.

O pouco de controle que possuía se evaporou como se estivesse sendo levada pela maré. O clímax se espalhou de dentro para fora.

O orgasmo dela continuou enquanto James continuava a chupar o clitóris. Ela estremeceu, gritou e empurrou contra os dedos dele, prolongando a tortura requintada.

Caiu na mesa, sentindo como se o mundo dela tivesse despertado. Prue sentiu ele se retirar. Os dedos foram puxados da sua boceta. Viu-o lambê-los olhando para ela.

— Você não vai se arrepender disso, vai? — ela perguntou.

— Eu não vou me arrepender de ouvir o som que você fez.

— Bom, porque para mim isso é de verdade, senhor.

Ele se levantou. A cueca desapareceu. Ela olhou o eixo longo e duro. A ponta estava molhada de porra. A veia lateral estava azul e latejando.

— Não vou me arrepender de nada. No momento que eu tomar você, Prudence Star, você vai ser minha. Não haverá volta. Vou possuir cada parte de você.

Ela sorriu para ele. As palavras a encheram de esperança.

E a Verônica?

Prue interrompeu todos os pensamentos a respeito da irmã. James e Verônica não estavam juntos. Nenhum deles estava fazendo nada de errado.

— Eu quero ser sua, senhor. — Ele tirou a cruz do seu pescoço e colocou no dela.

— Nunca tire isto.

Ela tocou a corrente de prata e sorriu. Quando a tirou mais cedo, lamentou a perda do peso do símbolo dele. Amava o pensamento de outros homens e Doms saberem a quem ela pertencia. No momento em que o conheceu, quando tinha dezoito anos, na cabeça dela, já era dele e agora seria dele completamente.

Por cinco anos ela estava apaixonada por ele. Nos últimos cinco anos os seus sentimentos por esse homem só aumentaram.

Prue abriu as pernas recebendo-o no coração e no corpo ao mesmo tempo.



James encarou a cruz entre os peitos deliciosos. O pingente de prata parecia perfeito onde estava. Queria que ela nunca o tirasse. Quanto mais tempo o usasse, melhor ele se sentiria. Não mentiu mais cedo. No momento em que a tomasse, ela seria dele.

Ele masturbou o eixo, observando os líquidos dela escorrerem da boceta. Estava encharcada. No momento em que a tocou, testemunhou a atração dela por ele. O seu corpo estava em sintonia com o dele como o de ninguém mais.

Ela era uma mulher pequena. Ele sentiu a boceta se apertar em volta dos dedos quando a masturbou. Ele não era um homem pequeno. James sabia que precisava prepará-la. Se tivesse um lubrificante à mão, passaria um pouco na boceta dela e no seu pau para facilitar a passagem para dentro dela. Infelizmente ele não tinha. Não gostava da ideia de machucá-la.

— Pode machucar — disse ele.

Prudence sorriu para ele. Ele viu a emoção nos olhos dela, o amor que sentia por ele. Viu esse brilho muitas vezes antes. Em todas as outras vezes, inventou alguma desculpa para o que viu. Não podia mais negar a si mesmo o prazer de vê-la apaixonada por ele.

Ele sabia que era dele para ser tomada.

— Eu não me importo com um pouco de dor.

James passou a ponta do pau pela fenda dela.

— Eu não estou usando nenhum tipo de anticoncepcional.

— Quanto tempo faz desde o seu último homem? — perguntou. Ele cerrou os dentes ao pensar em outro homem vendo-a assim. Prudence era dele. Nenhum outro homem jamais iria vê-la assim, se fizesse as coisas do jeito dele.

— Um tempo.

— Mais do que um ano? — perguntou ele, atormentando-se com a resposta dela.

— Sim.

— Mais do que dois?

Ela assentiu com a cabeça. Lágrimas estavam brilhando nos olhos dela. Ele lhe acariciou a bochecha com o dorso dos dedos.

— Eu acho isso maravilhoso, Prudence.

— Por que você não me chama de “Prue?” — ela perguntou.

James riu.

— Porque todo mundo chama você de “Prue”. — Eu amo ser o único a usar o seu nome completo. Isso faz você ser toda minha.

— Eu posso ficar grávida se você não usar alguma coisa. — disse ela.

— Eu não me importaria se você ficasse.

Ele a viu ofegar e a forma como lambeu os lábios. Prudence olhou para ele nervosa.

— Eu não estou pronta para ter filhos.

James se inclinou, beijando-lhe os lábios. Sentiu o gosto dos fluídos da sua boceta nos lábios dele.

Ela não se afastou.

— Vou usar proteção. Eu vou proteger você sempre. — James caminhou até a calça de couro e tirou o preservativo que sempre deixava lá. Ele protegeria Prudence, mas não queria o látex entre eles. Queria senti-la contra si, sentir a boceta nua em volta do seu pau. Ele sabia que iria para o inferno.

Como se sentir assim por outra pessoa poderia ser ruim?

Ele não sabia. James a queria e eles se negando um ao outro estava ferindo-os.

James lhe entregou a embalagem prateada.

— Ponha em mim.

Ele observou a maneira como os peitos dela saltaram quando se sentou. Nunca olharia para a sua mesa da mesma forma de novo. Desse dia em diante, se sentaria à mesa e a imaginaria nua e esperando para ser fodida por ele.

Ela rasgou a embalagem com os dentes e depois apertou a ponta antes de deslizar o látex pelo eixo dele.

Os dedos tremiam um pouco enquanto ela colocava o preservativo no pau. Ele sabia pela maneira como ela estava reagindo, que não teve muita experiência em se proteger contra os homens.

Ele pegou a mão dela, beijando-lhe os dedos.

— Obrigado — ele disse.

James colocou uma mão no peito dela, empurrando-a de volta para a mesa. O pau não estava diminuindo de forma alguma. No último mês, ele esteve esperando para entrar nela.

Passou a ponta do pau pela fenda dela.

— Eu vou foder você, Prudence. Eu estou enfiando o meu pau na sua bocetinha apertada e a reclamando como minha.

— Sim. Eu quero isso.

Ele colocou a ponta com formato de cogumelo do pau entre os lábios dela, sentindo a boceta apertar em torno da cabeça.

— Relaxe e me deixe entrar, querida.

Ela relaxou debaixo dele. O corpo estava se tornando compatível com o pênis dele.

Uma vez que a cabeça entrou, ele segurou as mãos dela com as dele, segurando-a.

Ele olhou para onde eles se juntaram. O pau coberto de látex estava dentro da bocetinha apertada dela e a visão era completamente erótica para ele.

— Você fica tão bonita tomando o meu pau.

Ela gemeu, olhando para ele.

Ele segurou firme as mãos dela e meteu o comprimento todo na boceta molhada. Ela gritou. O som dos gritos ficou mais alto. James fechou os olhos sentindo o arrebatamento total da boceta dela. Era apertada e o apertou mais do que o seu próprio punho. Ele olhou para onde eles se juntavam. Não conseguia ver nada além dos lábios da boceta dela e a pélvis dele pressionados juntos. Ela o tomou inteiro.

— Como você está? — perguntou.

— Cheia, senhor.

O título vindo dos lábios da Prue fez o pau pular dentro dela. Ela engasgou.

— Diga de novo — ele disse.

— Senhor.

— A quem você pertence?

— A você.

As palavras vieram sem hesitação. James sabia que desse dia em diante Prudence Star seria a mulher dele. Ela era posse dele e ia se certificar de possuir cada polegada do seu corpo. Todos os gritos de paixão dela seriam dele. Ninguém mais veria a beleza que ela possuía.

— Você é minha! — Ele se retirou do seu corpo e meteu de volta, sentindo grande prazer em ouvi-la gritar.

— Eu sou sua, senhor.

Ele meteu nela, sentindo a boceta se apertar em torno de si a cada metida. Os peitos dela pulavam enquanto ele a fodia na mesa. Os dedos dela seguravam as mãos dele enquanto ele montava o corpo dela. Não era suficiente. Ele não sentia que poderia se afundar o suficiente dentro dela.

James soltou as mãos e agarrou os quadris dela. Ele levantou as pernas dela enquanto metia na boceta, usando a sua força nos seus quadris para puxá-la contra si. Ela colocou as mãos na beira da mesa, deixando-o assumir o controle do seu corpo. Prudence mordeu o lábio enquanto ele metia, reclamando a mulher debaixo de si como sua. Ele

nunca sentiu nada tão primitivo quanto naquele momento. A mulher na mesa era feita para ele.

Nada importava para ele, nem a idade, nem a irmã dela. Prudence era a mulher dele e ele passaria o resto da vida provando a ela o quanto a amava.

Ele sabia que não poderia lutar. Amava-a e a amou desde o primeiro momento em que a viu. Era uma mulher bonita. Uma mulher que ele nunca deveria ter.

— Você é minha — ele disse novamente.

— Sempre, senhor. Eu sempre fui sua.

E ele sabia que era verdade.

Meteu dentro dela e explodiu dentro da camisinha. O orgasmo veio do nada e continuou. James olhou nos olhos da sua mulher e soube que finalmente encontrou a pessoa que deveria ser sua.

O sêmen foi jorrado dentro da camisinha. Ele desejou que não tivesse usado proteção. Ela era toda dele e, não importava o que acontecesse, ele garantiria que estivesse protegida.

James acariciou a barriga dela, imaginando como ela ficaria esperando o filho dele. Ficaria deslumbrante. Sabia disso.

— Sem arrependimentos — disse ela.

Ele balançou a cabeça.

— Sem arrependimentos.



Capítulo Quatorze

Ela quase gritou o amor por ele. Prue queria que ele soubesse como ela se sentia, mas era cedo demais. Eles só estiveram juntos uma vez e estava nervosa. Ele se soltou do corpo dela, se afastando. Ela começou a segui-lo e ele a parou com uma mão no ombro.

— Espere aqui — disse.

Pegou a calça de couro do chão e colocou a camisa de volta. Ela o observou sair do escritório e viu a forma como ele garantiu que ela estivesse protegida.

Sem ele na sala, ela se sentiu exposta. A própria excitação escorria para fora da sua boceta.

Segundos depois ele voltou com um pano e uma bacia de água morna. Colocou a tigela na cadeira.

— Onde você conseguiu isso? — ela perguntou.

— Eu pedi ao Jermaine e disse a ele que você não trabalha mais no bar.

Ela franziu a testa.

— Onde eu vou ficar?

— Neste escritório comigo. Pode fazer o que quiser, Prudence. Você não vai trabalhar no bar e eu quero você perto de mim em todos os momentos.

Prue ficou tocada com as palavras, mas um pouco chateada. Não queria que ele pensasse que ela estava atrás do dinheiro dele.

— Eu posso trabalhar, James. Não me importo.

— Quando estivermos sozinhos, quero que você ainda me chame de “senhor”.

Ela sorriu.

— Eu sei que você não está atrás do meu dinheiro, Prudence. Você se lembra do que eu disse no restaurante?

Prue assentiu com a cabeça. Observou-o torcer o pano e pressionar a toalha morna entre as coxas dela. Um estremecimento escapou antes que pudesse contê-lo.

— Eu fui muito duro com você — disse ele.

— Não, não foi. Eu gostei do que você fez.

O calor ajudou com a dor provocada pelo pau dele. Era maior do que qualquer outro homem com quem ela ficou. O pau dele tocou partes dentro dela que nem sabia que estavam lá. James arruinou o seu único vibrador. Ela nunca seria capaz de usar aquele pauzinho lembrando de como James a fazia se sentir.

— Eu posso pagar pelas minhas coisas — disse ela, tentando desviar a conversa de volta para o que eles estavam discutindo.

— Eu sei que pode. Você não precisa. Você é minha agora, Prudence. Não discuta.

Ela fechou a boca. Os argumentos morreram na língua.

— Então, é assim que é ser possuída por um proprietário?

— Isto não é nada.

— Você vai me levar ao Possession?

— Eu acho que você deveria conhecer as outras mulheres e os meus amigos.

Prue assentiu com a cabeça e o observou limpar sua boceta. Quando terminou, ele a fez sentar na mesa enquanto pegava a sua roupa. A calcinha não dava mais para usar. James olhou para a calça jeans e balançou a cabeça. A blusa e o sutiã foram jogados na lixeira.

— O que você está fazendo? — perguntou.

Pegou o casaco dele no gancho em que o colocou.

— Eu não gosto daquela calça e você não vai mais usá-la.

— Eu não posso sair do seu escritório nua.

— Nenhum outro homem vai ver você nua, Prudence. — Ele voltou com o casaco, beijando a sua cabeça.

— O que vamos dizer a minha irmã? — perguntou ela.

— Eu posso falar com ela se você quiser.

Ela balançou a cabeça.

— Deveria ser eu a contar a ela. Acho que ela vai me odiar.

Ele segurou o rosto dela entre as mãos, forçando-a a olhar para ele.

— Ela não vai odiar você. Verônica não me amava e nunca amou. Eu sei disso. Ela deveria ficar feliz por você.

James colocou o casaco em volta dela. A tirou da mesa com uma mão ao redor da sua cintura, colocando-a de pé.

Prendeu o cinto na frente, cobrindo-a.

Ela usava uns sapatos de salto que tirou na hora em que entrou na sala.

James beijou os lábios dela, provocando-os a abrirem para enfiar a língua dentro de sua boca.

— Eu não consigo raciocinar quando você faz isso.

— Essa é a intenção — disse ele rindo.

— Você terminou comigo? — perguntou ela — Vai me mandar para casa?

— Não. Eu não terminei com você.

Ela sorriu. Ele segurou o rosto dela, pressionando a testa contra a dela.

— Eu nunca soube que poderia ser tão incrível — disse ele.

— Eu sei. — Ela colocou o rosto dele entre as mãos, beijando-lhe os lábios. Prue não podia acreditar que podia tocá-lo. Só foi assim nos seus sonhos. Ele pegou a mão dela, pressionando a palma contra o peito dele.

— Só para você — disse ele.

Ela sabia o que ele estava tentando dizer. Um sorriso apareceu nos lábios dela.

— Você vem comigo? — ele perguntou.

— Onde você quer que eu vá? — Ela iria até os confins da Terra por ele.

— Para casa.

Prue franziu a testa, olhando para ele. Ela percebeu o quanto ele era alto. Sem os sapatos de salto, ele se elevava sobre ela.

— Pensei que esta fosse a sua casa.

— Isso só mostra que posso surpreender você.

Ele pegou a sua mão e a levou para fora do escritório. As amigas estavam esperando no bar. Anya parecia preocupada enquanto Becky estava conversando com Jermaine. Pelo olhar vidrado da Becky, Prue soube que a amiga estava vendo mais no Jermaine que simplesmente um barman.

Anya se levantou quando a viu.

— Eu estava me perguntando o que aconteceu com você. — Ela olhou para James por cima do ombro da Prue. Ele apertou a cintura dela. Sabia que ele não iria a lugar nenhum enquanto conversava com sua amiga.

— Não aconteceu nada comigo. Vou sair com James. Ligo para você assim que puder. — Afastou-se do James e abraçou a Anya e então a Becky. — Eu vou ficar bem. Ele não vai fazer nada para me machucar. Estou segura com ele.

As duas amigas olharam para James. Os olhares delas não o incomodaram. Viu que o olhar dele estava voltado para ela. Prue ficou consciente do seu estado de nudez por baixo do casaco.

— Vejo vocês em breve.

Anya agarrou a sua mão antes dela ter chance de sair.

— Você não pode estar falando sério. Ele é o responsável por você perder o emprego.

Prue sorriu, tentando tranquilizar a amiga. James pegou a sua mão, puxando as costas dela contra ele.

— Eu estava cuidando dela. Prudence é minha para me preocupar.

Ele se afastou das amigas dela. Prue riu, soprando-lhes um beijo. Não pôde evitar. Ela amava como ele era possessivo. O jeito como olhava para ela a estava excitando. A mão dele apertou a dela enquanto a levava para fora do bar. A fila para tentar entrar no Ravage estava descendo a rua.

— O seu clube está cheio.

— Eles estão tentando entrar no calabouço. BDSM está se tornando popular por algum motivo.

Prue riu. Ela sabia a razão, mas manteve a opinião para si mesma. O táxi que ele pegou na outra noite estava esperando perto da calçada.

— Por que você não contrata esse homem para ser seu motorista particular? — ela perguntou.

— Eu tenho pensado em propor isso. Uma atrevida de cabelo preto e vermelho tem mantido meus pensamentos ocupados.

Ela jogou o cabelo sobre o ombro.

— O que posso dizer? Eu sou memorável.



— Para onde estamos indo? — ela perguntou. — Sua casa não é muito conhecida.

James deu um tapinha no joelho dela olhando pela janela.

— É surpresa. — Eles não seriam perturbados na casa dele. A imprensa não estava mais o cercando. Ele a ajudou a entrar no táxi, acenando com a cabeça para o motorista. Quando foi pegar a bacia de água quente para Prudence, ligou para a empresa mandar o motorista habitual. Antes de sair do táxi, ofereceria ao cara o trabalho de motorista particular.

O cenário estava passando devagar. Ele acariciava o joelho nu dela, sabendo que não tinha nada para impedir o seu toque. O motorista era discreto e constantemente olhava pelo vidro da frente enquanto dirigia.

Prudence colocou a mão em cima da dele. Ele olhou para o rosto dela.

Ela balançou a cabeça.

— Por favor, aqui não. — Murmurou as palavras para ele. O rosto dela estava corado. James queria provocá-la, mas decidiu não fazê-lo. Nunca queria tirá-la da zona de conforto.

Mantendo a mão no joelho dela, olhou para o motorista.

— Qual é seu nome, filho? — perguntou ao motorista.

— Arthur, senhor.

— Eu estive pensando. O que você acharia de ser meu motorista em tempo integral? Vou pagar bem e você terá muitos benefícios. Não vai ter nada do que reclamar.

— Eu vou pensar sobre isso, senhor.

— Faça isso.

Ele se sentou observando as ruas passarem. James não voltou para sua casa desde a noite em que as notícias sobre o Ravage e o Possession vazaram. As ruas pareciam estranhas para ele. Seus pais nunca sofrerem com isso. Eles sempre foram capazes de manter os próprios segredos.

A mão dele apertou o seu joelho. Ela segurou a sua mão, acariciando-a.

Ele sorriu. Ela estava lhe oferecendo tanto conforto, sem nem perceber.

— Obrigado — ele disse.

— Sempre.

James se inclinou no carro e beijou a bochecha dela. Era toda dele e não conseguia acreditar que podia tocá-la livremente.

O táxi parou em frente de sua casa. James saiu, pagou o homem e lhe deu os detalhes do emprego.

— Se você quiser o trabalho, ligue para mim.

Ajudou Prudence a sair do carro e viu o táxi ir embora.

— Foi gentil da sua parte.

— Ele é um bom empregado e nunca faz perguntas.

Ela estremeceu, chegando mais perto dele.

— O inverno está um pouquinho frio demais este ano.

O chão estava coberto de camadas de gelo e neve.

— Vamos. — Ele caminhou até o painel de segurança e digitou a senha.

— Você é realmente rico, não é? — ela perguntou.

Ele riu. Ela não parecia gananciosa quando fez o comentário. Prudence parecia chateada.

— É dinheiro de família. Meus pais o tiveram e os pais deles também.

— Eles não teriam gostado de mim — disse ela.

Ele pegou a sua mão e atravessou os portões. James esperou os portões fecharem antes de começarem a caminhar até a casa principal.

— Eles teriam amado você. Eram pessoas ricas, mas sabiam como funcionava o mundo. Meus pais teriam amado você, porque você me faz feliz.

— Eu não acho que meus pais vão ser tão indulgentes. Você é o ex da minha irmã.

— Acho que você está se preocupando um pouquinho demais.

Juntos eles caminharam pelo caminho asfaltado. O som dos sapatos dela estalando no chão era o único que se ouvia no ar da noite escura.

Ela estremeceu e James a pegou nos braços.

— Ponha-me no chão. Eu sou pesada, James. Não quero que você se machuque.

— O que eu disse a respeito de usar o meu título? — ele perguntou.

— Sinto muito, senhor.

— Você vai sentir. Acho que devemos ensinar uma lição a você.

— Sério? — ela perguntou, parecendo mais curiosa do que com medo.

— Sim. Eu acho que você ficaria linda com a bunda para cima no meu banco de punição.

— Você tem seu próprio quarto para punição?

— Eu tenho uma sala inteira para brincadeiras, Prudence. Esta é a minha casa e eu adicionei o que eu queria para torná-la minha.

Ele a carregou durante a última parte do caminho. As árvores obscureciam a lua, mas sabia onde estava indo.

— Esta é a primeira vez que vem para a sua casa desde que a imprensa abordou você naquela noite? — Perguntou ela.

James assentiu recordando da imprensa do lado de fora da casa.

— Até aquela noite, eu mantinha os portões abertos. Nunca tive medo de ninguém vir aqui. Ninguém invadiu a minha casa com a intenção de xeretar a minha vida.

— Os portões foram fechados e trancados.

— Eu sei. Garanti que a segurança fosse aumentada e as portas permanecerão fechadas pelo resto da minha vida ou até o meu filho ou filha herdar este lugar.

Ela ficou em silêncio nos braços dele. Gostava de tê-la nos braços. Os braços dela estavam se segurando firmemente a ele. O cheiro feminino o cercava, acalmando os nervos.

— Sinto muito que você se sinta desse jeito.

— Stephen e eu deveríamos ter sabido que alguma coisa estava para acontecer. Tivemos sinais de alerta, mas não fizemos nada para impedir.

— Não importa, senhor. Sua vida foi invadida de qualquer maneira. Eu nunca saberia o que fazer.

Ele viu que a casa estava em total escuridão. Prudence virou a cabeça para ver o que ele estava olhando.

— Uau, isto não é uma casa.

— É uma casa. É minha casa.

James subiu os degraus e a colocou no chão. Manteve uma das mãos dela dentro da dele enquanto pegava a chave debaixo do vaso.

— Você guarda sua chave reserva debaixo do vaso? Você não tem medo de arrombamentos? — perguntou ela.

— Eu nunca me preocupei com isso antes. — Ele pressionou a chave na fechadura e a girou. O som da porta se abrindo encheu o ar. James entrou e ligou o interruptor. O espaço se iluminou com uma luz suave.

— Ok, o exterior não fazer jus a este lugar — disse ela.

— Você gostaria de um tour? — ele perguntou, querendo impressioná-la.

Ela se virou para ele, desafivelando o cinto na frente do casaco

— Na verdade, adoraria que você me levasse para o seu quarto de jogos, senhor.

O casaco caiu no chão, esquecido.

Ele olhou para o corpo dela. Os peitos grandes com os mamilos cereja arredondados apontando para ele. Seu olhar desceu para as curvas generosas e para o estômago arredondado. Nunca gostou de mulheres magras e a generosidade dela despertou a sua excitação.

Lambendo os lábios, olhou para o corpo dela. Não havia espaço entre as coxas. Eram grossas e estavam tentando-o. James sabia como era tê-las enroladas em volta da cintura.

Ele a provou e aquela prova não foi suficiente.

James a puxou para os braços.

— O que eu fiz para merecer você? — perguntou.

Ela sorriu.

— Esperou por mim.

Ele pegou um punhado de cabelo, puxando-a para os lábios dele. Ela colocou as pernas em volta da sua cintura enquanto ele a levava para o quarto de jogos. Ficava no terceiro andar, ao lado do quarto dele.

James parava a cada poucos passos para beijá-la e pressionar o pau contra o seu núcleo.

Ela gritava a cada impulso dos seus quadris. Os dedos se apertaram no cabelo dele.



Capítulo Quinze

Prue se segurou a ele enquanto a levava por outro lance de escadas. Não tinha escolha a não ser se segurar. O coração estava acelerando a cada passo. Nunca esteve em um quarto de jogos pessoal antes. James seria o seu primeiro Dom verdadeiro. As experiências dela nunca chegaram tão longe. A cruz de prata pendia entre os seios.

Ele parou em uma porta no andar de cima. James a apertou contra a parede. Ela se perguntava como os braços dele estavam por ter carregado o peso dela.

— Antes de entrar nesta sala, Prudence, eu tenho te perguntar uma coisa — disse ele.

Adorou a maneira como ele disse o nome completo dela. A explicação que ele deu a ganhou. O seu nome completo parecia ser dele. Os pais não a chamavam de Prudence.

— O que você precisa me perguntar?

— Você vai ser minha submissa?

A cruz balançava no seu pescoço.

— Eu pensei que já fosse.

— Eu preciso ouvir você dizer as palavras.

— Senhor, James, eu serei qualquer coisa por você.

— Vou reivindicar você no Ravage na frente do resto dos Doms, mas a sua palavra é mais do que suficiente por agora.

Ele abriu a porta, cobrindo os olhos dela com as mãos.

— Eu quero que você os mantenha fechados até que eu diga.

— Sim, senhor.

Ela o sentiu se afastar. Houve o som do interruptor de luz sendo ligado. James segurou as mãos dela e a puxou para mais perto.

— Ok, abra os olhos.

A luz iluminou o quarto, mas não chegou a ela. Olhou ao redor da sala vendo o que leu nos livros. Havia uma cama no canto mais distante da sala, coberta com lençóis de seda. Andou até a cama, que parecia menos assustadora. Tocou o lençol sentindo a seda contra as pontas dos dedos.

— É macio.

James seguiu atrás dela. Ela sentiu a presença dele nas costas. Ele não estava falando nada, apenas observando-a enquanto ela assimilada o espaço pessoal dele.

A cama tinha um poste de madeira em cada canto. Ela viu as amarras de seda colocadas em cada um deles. — Isto é para você amarrar sua mulher à cama?

— Sim, ou para você me amarrar à cama, se quiser.

Ela balançou a cabeça

— Não. Eu não gostaria de fazer isso. — Prue abriu a algema e enrolou a seda em torno da própria mão.

— Deixe-me colocar. — James pegou a seda e amarrou em volta do pulso dela. — Desta forma eu posso escolher o quão apertado ou frouxo fica.

Prue testou a força do nó puxando a seda. O nó permaneceu firmemente no lugar quando ela puxou a seda. Não cedeu no seu pulso.

James soltou a mão dela.

— Não machuca.

— Este não. Há outras cordas e laços que são criados para ferir até certo ponto.

Ela assentiu com a cabeça, afastando-se da cama.

— Você ainda não viu tudo — disse ele.

— O que você quer dizer?

— Deite-se.

Prue fez como ele instruiu, deitando de costas. Ela viu o que ele queria dizer. Havia um espelho no teto e ela viu o reflexo nu a encarando.

— Eu gosto de ver tudo.

— Entendo.

Ele olhou para ela.

Ela se virou para olhar para ele.

— Você já está com medo?

Prue olhou para ele antes de responder.

— Por que eu deveria estar com medo?

— Eu sei que você nunca esteve com um Dom adequado.

— Como você sabe disso? — Ele se ajoelhou no chão. A mão cobriu o pescoço e o pulso na garganta dela.

— Eu sei disso porque nenhum Dom de verdade jamais deixaria você escapar. Você é perfeita. — James se inclinou, dando um beijo nos lábios dela.

Ela sorriu para ele.

— Eu gosto da sua resposta. Não. Não estou com medo. Eu sei que você não me machucaria. No momento em que eu disser a palavra “rosa”, você recuaria. Você é um bom Dom.

— E como você sabe disso?

— Você não estaria mais no negócio do Ravage se não fosse bom.

— Eu gosto da sua resposta.

Prue pressionou contra a mão dele e se moveu para fora da cama. James ainda estava vestido com a calça de couro e a camisa. Passou por ele para olhar para os outros equipamentos.

— Isto é uma gaiola? — perguntou ela.

— Sim. Eu costumava ter uma no meu escritório até a imprensa invadir e começar a tirar fotos.

Cruzou as pernas quando uma onda de excitação tomou conta de si. James ficou atrás, apertando a mão entre as pernas dela.

— Você gosta da ideia de ser enjaulada?

Prue assentiu com a cabeça. Todas as palavras sumiram com o pensamento de ser enjaulada no escritório dele, incapaz de se mover ou fazer qualquer coisa sem ele.

— Eu poderia colocar uma no meu escritório novamente com você dentro. Como se sentiria presa dentro de uma até que eu a deixasse sair? — perguntou.

— Eu iria gostar.

Ela deveria gostar? Ser propriedade dele a tal ponto que James controlasse cada parte dela?

— Vou pensar a respeito.

Esperou pelo controle sobre si mesma voltar e por James tirar a mão do meio das coxas dela. Ele mergulhou um dedo na fenda, cobrindo-o com os fluidos dela. Ela o ouviu sugando-o na boca enquanto se voltou para algo que parecia um balanço. As correntes do balanço estavam fixadas no teto.

— É seguro? — perguntou ela.

— Tudo nesta sala é seguro. Eu nunca a colocaria em perigo.

— O que é isto?

— Um balanço.

Prue olhou para o equipamento. Do que mais ela poderia chamá-lo além de equipamento? Um brinquedo talvez?

— Como funciona? — Sua curiosidade foi aguçada.

— Eu vou mostrar para você outra hora. Dê uma olhada em outra coisa.

— Por que você não quer me mostrar agora? — perguntou ela.

— No momento em que você sentar no balanço e sentir o que ele pode fazer com você, não vai querer sair.

Ela sorriu, mais curiosa do que já esteve. Arqueou uma sobrancelha para ele, James balançou a cabeça e apontou para ela ir ver outra coisa.

— Você tem um monte de baús nesta sala.

— Abra-os e dê uma olhada.

Prue levantou a tampa do primeiro. Eles estavam bem organizados por comprimento, largura e tamanho

— São consolos?

— São plugues anais. — Ele estendeu a mão e apontou para o menor. — Este é para começar. É pequeno e não muito largo. Vai ajudar a deixar o ânus aberto. Quando uma mulher puder usar este sem qualquer desconforto, pode progredir.

— Todas as mulheres têm que começar com o pequeno? — ela perguntou.

— Não. Algumas mulheres podem aguentar um pau de imediato, sem qualquer dor. Outras podem começar com um plugue maior enquanto outras não. Cada mulher é diferente. Você já teve um pau na sua bunda, Prudence?

As bochechas se encheram de sangue quando o constrangimento a inundou.

— Eu nunca tive um pau inteiro. Um dedo e um vibrador foram tudo.

— Por que você está envergonhada? Eu quero que você seja honesta comigo.

— Só porque você quer que eu seja honesta, não significa que não estou um pouco preocupada com isso. Estou acostumava com todo mundo guardando os próprios

sentimentos para si. Acabamos de fazer sexo e estou com medo de que você saia correndo na primeira oportunidade. — Ela bateu a mão nos lábios, amaldiçoando as próprias palavras.

James tirou a mão dela.

— Eu não vou a lugar nenhum, Prudence. Você é a minha mulher.

Ela assentiu.

— Quando formos ao Possession, você vai entender o que eu quero dizer.

Prue não discutiu com ele. Fechou o baú e abriu o que estava ao lado.

— Estes são consolos vaginais, certo?

— Sim.

Ela abriu vários outros baús e encontrou muitos grampos de mamilo, lubrificantes e camisinhas. Outro baú continha vários tipos de cordas.

— Eu amo amarrar minha mulher. Adoraria ver a corda contra a sua pele.

Balançando a cabeça ela fechou o baú.

Indo para a parede em frente à cama, encontrou a cruz. Tocou as tiras de couro em cada ponto antes de passar para as varas, palmatórias e açoites que ela viu pendurados na parede por ordem de comprimento e tamanho. — Você é muito organizado.

— Eu gosto deste espaço organizado. Acho que limpeza é essencial neste mundo.

Ela o entendia. Se houvesse um acidente e uma vara tirasse sangue, brinquedos e equipamentos limpos limitariam ou preveniriam qualquer chance de infecção.

— Isto é toda a sua vida, não é?

— Ser um Dom não é uma hora para eu brincar. É quem eu sou, Prudence. Eu não brinco por aí. Como minha mulher, quero que você leve isso a sério também. — Ele estava acariciando uma pá enquanto falava.

Incapaz de dizer qualquer coisa, ela foi até o banco de punição. O aparelho a lembrou de alguma coisa que viu na aula de ginástica quando era mais jovem. Passou a mão sobre ele.

— Sim, é seguro, antes que você pergunte.

Prue riu.

— Eu não ia perguntar. Confiei em você na primeira vez que disse.

— Bom.

— Então, acredito que você queria me punir, senhor. É assim que quer me punir? — ela perguntou, voltando-se para ele e se apoiando nas mãos. Os seios foram empurrados para frente em oferta. Ela viu que o olhar dele desceu pelo seu corpo.

— Por mais tentador que seja ver você no meu banco, tenho outra coisa em mente.

Ele se aproximou, pressionando a pélvis contra a dela. Ela suspirou sentindo o calor do pau contra o estômago nu. Mesmo através da calça de couro, sentia o calor dele como

uma marca de reprimenda, uma marca que ela ficaria mais do que orgulhosa em usar.

James abaixou a cabeça tomando um mamilo na boca. Se as mãos dele não estivessem em volta do corpo dela, ela teria caído no chão.

— O que você está fazendo comigo? — perguntou quando ele soltou o mamilo.

— Mostrando o quão requintada a sua submissão pode ser.

— Como você quer me punir? — A boca estava seca. Encontrar as palavras certas era uma luta para ela.

— Você confia em mim? — ele perguntou.

— Sempre.

Ela sabia que ele nunca a machucaria e se fosse mais longe do que ela gostaria, tinha a palavra de segurança.



James não poderia ter pedido por uma resposta melhor. Estava preocupado que ela fosse desaparecer por causa do que gostava. As paixões dele não eram as mais fáceis para muitas mulheres aceitarem. Gostava de empurrar a mulher e lhe mostrar como ser a submissa dele poderia ser maravilhoso.

Prue era a única para ele. Não haveria outra submissa ou treinamento de outras mulheres. Qualquer aula que ele

desse seria para Prue. Ela era a primeira e a única. Ele sabia disso melhor do que sabia o próprio nome.

Tomou-lhe a mão e a levou para a cama. Prudence foi sem resistir. James a ajudou a ficar no meio da cama. O pálido corpo nu contrastava com os lençóis de seda preta. O tom vermelho do cabelo se destacava contra os dois diferentes tons de preto em volta dela. Ele ficou olhando para ela.

— Qual é o problema? — perguntou. As mãos estavam ao lado do corpo. Ela não fez nenhum movimento para se cobrir.

— Você está linda. Se importaria se eu tirasse uma foto?

Ela cobriu o corpo. — Eu não estou pronta para fotos.

Assentindo com a cabeça, ele se inclinou sobre a cama para beijá-la.

— Tudo bem, eu posso esperar por você. — Esperou toda a vida adulta para ela, então alguns anos a mais não seriam nada.

— Role sobre a sua barriga — disse, ajudando-a a virar. — Eu quero que você estique os braços e as pernas. — Ela seguiu as instruções esticando os braços e as pernas na direção dos quatro postes de madeira. James começou pelo lado superior esquerdo.

Segurou o pulso dela e amarrou uma faixa em volta dele, apertada. Depois deu a volta para amarrar o outro pulso da mesma forma. Ele ficou na base da cama. As pernas dela estavam separadas. Viu o buraco enrugado do traseiro o espreitando. A bunda dela era grande e redonda.

Pegando um tornozelo, abriu mais as pernas dela e amarrou o laço de seda em torno do tornozelo. Ele não queria que ela se movesse. Os braços, ele poderia segurar, enquanto as pernas seriam difíceis.

— Você está bem? — ele perguntou.

— Estou mais do que bem — disse ela. A voz saiu em suspiros ofegantes. Ele riu. A mulher dele gostava de ser amarrada. James se moveu para o outro tornozelo, fazendo o mesmo que fez no primeiro. Quando terminou, pegou uma das vendas e cobriu os olhos dela.

Ela soltou um gemido enquanto ele amarrava as tiras.

— Você consegue ver? — perguntou.

— Não. Não consigo.

James agarrou um punhado de cabelo puxando a cabeça dela para trás para lhe beijar os lábios. Ele enfiou a língua dentro dela, tomando-lhe a boca em um beijo ardente.

— Você é minha — disse ele, beijando os lábios mais uma vez.

Estendeu a mão para segurar um dos seios grandes. O mamilo pressionou contra a palma dele.

— Aposto que se eu colocar a mão entre as suas coxas, você vai estar encharcada.

As bochechas dela estavam coradas com a excitação.

James passou a mão pelas costas dela sentindo-a tremer por causa do toque. Manteve a palma da mão na bunda dela quando lhe arrebatou os lábios.

Acariciando a bunda, passou um dedo no meio do traseiro, sentindo-a apertá-lo por causa da invasão. — Eu vou comer a sua bunda, Prudence.

Ela assentiu com a cabeça, beijando-o de volta.

Ele não sondou o canal, só passou o dedo no meio da bunda até chegar à boceta. James soube que estava certo. Ela estava encharcada.

O gemido dela ecoou pela sala.

Ele deixou a boceta e bateu na sua bunda.

Ela gritou. Seu corpo sacudiu contra as restrições ao redor da cintura e dos tornozelos.

— Gostou? — ele perguntou.

Prudence assentiu com a cabeça. A ação foi leve, mas inconfundível para ele.

Whack.

Whack.

James deu vários golpes na bunda dela. A palma estava deixando uma marca bonita e vermelha no formato de mão na bunda pálida.

Os gritos continuaram assim como os protestos. James parou sentindo-a empurrar a bunda contra a palma da mão dele, mesmo enquanto os gritos de “não” enchiam o ar.

— Quer que eu pare?

Eles não falaram sobre os limites dela.

— Não. Eu não quero que você pare, senhor. Amo a sua mão na minha bunda. Por favor, me puna, senhor.

Ele acariciou as marcas vermelhas que fez. Já estavam começando a desaparecer. Ele não estava sendo rude com ela de jeito nenhum.

— Não me diga o que fazer — disse ele.

James desceu da cama e pegou uma das suas varas favoritas. Não era feita de madeira. Ela não estava pronta para altos níveis de dor.

Era uma pequena feita de couro. Ele poderia controlar a força dos golpes.

— Diga a sua palavra de segurança se for demais.

— Eu direi.

— Bom.

Ele a empurrou para ficar de joelhos. O que fez os braços dela ficarem bem abertos. Sua bunda estava no ar. O rosa da fenda estava a mostra para ele ver.

Passando a vara na sua bunda, ele brincou com o clitóris esfregando a ponta através da fenda molhada. Ela gemeu, empurrando contra a vara. James subiu na cama atrás dela, batendo na bunda.

— Fique... quieta — disse entre cada tapa na bunda. Ele manteve a vara entre as pernas dela, assistindo enquanto ela tentava ficar quieta, mesmo quando ele esfregou a ponta do clitóris.

— Eu preciso gozar.

Smack. Ele deu mais um golpe na bunda por causa das palavras dela.

O pênis estava grosso na calça de couro. Desceu da cama e tirou a roupa restritiva. Ela tinha virado a cabeça

para ele, com os olhos cobertos pela venda. Estava tão sexy com a confiança que estava mostrando a ele.

— O que está fazendo, senhor? — perguntou ela.

— Tirando a roupa. Você fez meu pau ficar grosso dentro da minha calça.

Ela sorriu. O subir dos lábios iluminando todo o seu rosto.

— Sério?

James terminou de remover suas roupas até que estava nu como Prudence antes de ir para a cama. Ele lhe acariciou a cabeça antes de esfregar os lábios dela com os seus. — Você não tem ideia do efeito que tem sobre mim.

Beijou seus lábios tomando o gemido dentro de sua boca.

— Estou duro como pedra por sua causa, querida.

Ela choramingou quando ele passou as mãos no seu corpo sentindo os músculos relaxarem contra o toque. James tocou em cada polegada do corpo dela, registrando-a na mente. Ele não sabia quanto tempo aguentaria. O seu corpo era tão viciante quanto a sua boceta doce.



Capítulo Dezesseis

Sua bunda estava queimando, mas ela queria mais. A punição não era suficiente. Prue precisava da mão dele na sua bunda. Queria as marcas, os verdadeiros sinais da paixão e da propriedade dele.

As mãos dele estavam descendo pelo corpo dela. Sentiu vontade de ronronar. O menor toque das mãos dele estava deixando o seu corpo em chamas. A boceta estava pegando fogo por causa do seu toque.

— Por favor. — Ela implorou esperando que ele a punisse.

A vara que ele usou fez o clitóris pulsar com excitação renovada. Ela viu o equipamento quanto olhou pelo quarto. A pequena vara arredondada poderia causar dor, mas não deixaria marca.

— O que você quer? — perguntou. As pontas dos dedos dele estavam provocando a boceta. Os pequenos toques não

eram fortes o suficiente para fazê-la gozar. A provocação estava deixando-a louca.

— Você — disse ela.

As palavras erradas o fariam puni-la ao invés de lhe dar o que ela queria.

Ele bateu na sua bunda fazendo-a ficar tensa e gritar. James usou a vara.

A dor pulsou ao longo do bunda, foi direto para o clitóris e a fez gemer.

— Você está me testando, Prudence. Diga o que você quer.

— Eu quero que você me foda. Quero o seu pau fundo dentro da minha boceta.

Ele riu, esfregando a marca formada onde usou a vara na sua bunda. Então moveu a mão, contornando a tatuagem da rosa na base das suas costas. A tatuagem que ela fez quando tinha vinte e um anos.

— Quando você a fez? — perguntou.

— No meu vigésimo primeiro aniversário.

— Por que você ama rosas?

— Elas são bonitas e têm espinhos para que as pessoas saibam que não devem mexer com elas. Se as pessoas as tratarem do jeito errado, estarão fadadas a se machucarem.

Eles não falaram nada por um momento. James passou um tempo assimilando o desenho.

— Eu amo esse desenho. Combina com você.

— Eu não queria nenhuma cor. Achei que o preto fosse perfeito.

Os fluídos estavam pingando da boceta para as coxas. A venda a impedia de ver qualquer coisa.

— Tão linda.

Houve um movimento atrás dela. Ela tentou ouvir algum ruído.

Gritou quando ele mergulhou a língua dentro da sua boceta. Os dedos provocavam o clitóris enquanto a língua mergulhava na boceta. Ele tirou e colocou de novo. O movimento foi rápido e não deu tempo para ela recuperar o fôlego. Apertou os lençóis debaixo de si. Era demais.

Prue gritou quando o clímax a varreu. Empurrou contra o rosto dele, sentindo-o lambê-la. Nenhum homem a lambeu por trás antes.

A cabeça estava tonta por causa do tanto de prazer que ele estava lhe dando. Não havia pausa de um prazer para o outro. Antes que o orgasmo tivesse acabado, ele meteu dentro da sua boceta. O comprimento duro do pau pressionou dentro dela.

Sentiu cada polegada dele pulsar. As paredes apertaram em torno do comprimento enquanto ainda permanecia dentro dela.

— Você é apertada para caralho.

Prue gritou quando ele bateu na bunda dela. A sensação da dor e a fome dentro de si a fizeram se apertar em torno dele.

Ele xingou e bateu nela novamente. Ela pressionou contra ele querendo que a montasse com força.

As mãos dele lhe agarraram os quadris e a puxaram para trás. James a manteve no lugar enquanto saiu da boceta. Ela sentiu o pau dele esfregando nas paredes da boceta.

Mordendo o lábio, tentou se impedir de empurrar contra o pau.

A cabeça do pau era a única parte dele dentro dela.

— Por favor, por favor, por favor — ela disse repetidas vezes, pedindo-lhe para fodê-la.

Só quando estava pronto, ele mergulhou dentro dela. A ação a fez enfiar até o talo. O comprimento dele dentro dela a levou à beira da dor.

Eles gritaram juntos e seus gemidos se misturavam no ar.

James foi implacável no ataque aos sentidos dela. As mãos se estenderam para lhe apalpar os mamilos. O aperto desceu para o clitóris, fazendo-o crescer mais dentro dela. Ela não sabia o que fazer, além de aguentar firme.

— Eu quero olhar para você.

James saiu do corpo dela e a virou de costas. A venda foi removida. Ela piscou para ele quando ele meteu de novo dentro dela. Ambos gritaram. Prue tentou envolver os braços ao redor dele. As mãos não se mexiam.

Ambos gritaram de frustração. James puxou os laços, mas eles se recusaram a ceder. Deixou-a mais uma vez para pegar uma tesoura em um criado perto da cama. Cortou os dois pedaços de seda em volta dos braços dela e depois os dos pés.

Ele caiu na cama e ela mergulhou nele. Eles se engalfinharam, lutando para se aproximar. James a puxou para o colo, metendo o pau fundo na boceta. Ela colocou os braços em volta do pescoço dele enquanto olhavam um nos olhos do outro.

Os olhos dele estavam quase pretos e ele puxou as mechas do cabelo dela. Prue gemeu, olhando nos olhos dele.

— Você é minha.

Ela assentiu incapaz de se expressar com palavras. Ele continuou repetindo. Ela viu a forma possessiva como ele estava olhando para ela.

— Diga — disse ele.

— O quê? — Ela perguntou.

— Que James Castleden possui você. Você é minha mulher, minha sub.

— Eu sou sua, James. Você me possui, coração, mente, corpo e alma. Eu sou toda sua.

Ele mergulhou no corpo dela enquanto a língua mergulhou na boca. Ela tinha acabado de lhe dizer como se sentia. Prue sabia que não disse as palavras, mas elas estavam lá entre eles.

As mãos soltaram o cabelo para agarrar a bunda. James tomou o controle das investidas e a puxou para baixo no seu pau.

Nesse ângulo ele foi mais fundo, batendo no colo do útero. O prazer aumentado dentro do corpo dela. Os mamilos insuportavelmente duros. O segundo orgasmo estava se construindo dentro dela, levando-a ao limite.

— Eu vou gozar — disse ela.

— Isso. Goze no meu pau.

James chupou os mamilos dela, mordendo as pontas.

Ela chegou ao limite, indo para o esquecimento.

A boceta apertou em torno do pau que a fodia. As investidas aceleraram.

Prue o sentiu mergulhar dentro dela e em seguida o orgasmo o tomar. Sentiu o sêmen jorrando dentro de si com cada onda de prazer. Agarrada a ele, apertou o rosto contra seu pescoço.

O corpo dela tremia por causa do intenso prazer que experimentaram.

James a segurava apertado. Os braços apertados ao redor dela. Sentia-se protegida e segura.

Lambendo os lábios, ela se virou para olhar para ele.

— Você é incrível — disse ele. Ele tirou o cabelo do rosto dela. — Qual é o problema? — ele perguntou quando ela não respondeu.

— Você não usou camisinha.



James sentiu as palavras como um chute no estômago. Ele não considerou usar camisinha. Parecia assustada. Tirou o cabelo dela do rosto olhando nos seus olhos. O azul tinha esmaecido quando a realidade a atingiu.

— Eu posso ficar grávida — disse ela.

— Pode, não vai ficar, Prudence.

Ela balançou a cabeça.

— Eu não estou pronta para ser mãe.

O pau pulsou dentro dela quando uma nova onda de excitação o atingiu com o pensamento de engravidá-la. A satisfação primitiva que o varreu por ter seu sêmen dentro dela o chocou. Ele nunca pensou que fazer sexo sem proteção o faria se sentir tão vivo.

— Eu não quero que você se sinta preso — disse ela, cobrindo o rosto com as mãos.

James riu, tirando-lhe as mãos do rosto. As lágrimas estavam brilhando nos olhos dela.

— Fui eu quem esqueceu. Você me disse que não estávamos protegidos. A culpa é minha.

— Não quero que você se sinta responsável por mim.

Ele sabia que deveria lhe dizer como se sentia. Ela precisava falar com a irmã primeiro. Ele sabia que Verônica pairava sobre suas cabeças como um câncer. Quando ela percebesse que eram livres para amar e sentir, mostraria a ela o quanto a amava. Esse sentimento possessivo dentro dele já não podia ser negado.

Prudence era dele.

— Você nunca vai ser uma responsabilidade para mim. Eu sou seu, Prudence. Coração, mente, corpo e alma.

Ela sorriu mesmo quando colocou a cabeça no ombro dele.

Pegou-a nos braços, levando-a do quarto de jogos para o seu quarto. Ela enrolou as pernas em volta da cintura dele. O

pau endureceu dentro dela. James amaldiçoou seu corpo rebelde.

Prudence se segurou nele enquanto ele a deitou na cama. James se retirou dela e olhou para sua boceta. Sua semente branca estava escorrendo da boceta para os pelos finos dela. Estava vermelha e inchada.

Ele foi até o banheiro. James pegou uma toalha e encheu a pia com água morna. O próprio reflexo no espelho acima da pia chamou sua atenção.

Olhando para o reflexo, ele viu os próprios sentimentos nítidos no rosto. Seu mundo inteiro foi preenchido com Prudence. Precisava parar de fazer isso. Por duas vezes ele fez amor com ela e por duas vezes ele precisou limpá-la.

Balançando a cabeça, ele torceu a toalha e foi até ela.

Estava deitada na cama esperando por ele.

— Eu posso me lavar — disse ela.

— Eu gosto de cuidar de você.

Pressionando a toalha entre as coxas da Prue, ele pegou a mão dela.

— Tudo vai ficar bem — disse ele.

Ela assentiu com a cabeça, olhando por cima do ombro dele.

Uma vez que ele a limpou, ajeitou-a na cama. Ela adormeceu enquanto ele estava cuidando dela. Prue parecia mais jovem dormindo.

— Eu amo você, Prudence. Nada vai acontecer com você. Eu falei sério. Você é minha. — Falou com ela esperando que

algumas das palavras chegassem a ela mesmo enquanto dormia.

James voltou para o banheiro e tomou um banho rápido. Quando terminou, saiu do quarto com uma toalha enrolada na cintura. Foi para o escritório. Fazia mais de um ano desde que esteve lá pela última vez. O laptop estava no cofre onde o colocou no dia depois que a imprensa bateu na sua porta. Os livros estavam bem espanados. A equipe que ele contratou fizera um trabalho fantástico cuidando da casa.

Saiu do escritório para ir até a cozinha. Na geladeira havia algumas caixas de suco de laranja fresco, mas nada para comer.

No outro dia, Prudence e ele iriam ao supermercado. Gostou da ideia de ir às compras com ela. Balançando a cabeça por causa desses pensamentos, pegou uma caixa e voltou para o escritório. Ele digitou o número de doze dígitos no cofre. Era o mesmo número do código de acesso do Possession.

Ele foi para trás da mesa, ligando o laptop.

Quando o computador ligou, pegou o telefone e ligou para o número do Possession.

Stephen respondeu parecendo incomodado.

— Olá — disse Stephen.

— Sou eu.

— James, qual é o problema? — perguntou o amigo.

— Vocês estão todos aí?

— Sim. E Dane também.

James hesitou. Não gostava do Dane nenhum pouco. Seus instintos estavam lhe dizendo que o cara não era coisa boa.

— Você poderia colocar no viva-voz?

Esperou enquanto o telefone voltou para o gancho e o som dos amigos surgiu na linha.

— Olá, James. O que você está fazendo? — perguntou Cadeon.

Tate e Kevin o cumprimentaram. Dane permaneceu em silêncio até mesmo quando Lucas e Sean disseram oi. Ele ficou satisfeito. Com a forma como ele estava se sentindo, ligaria para os caras responsáveis pela liberação do Dane.

— Eu encontrei a pessoa certa — disse James.

Silêncio seguiu suas palavras. Esperou eles responderem.

— Quem é ela? — perguntou Stephen.

— Prudence Star. — Tate disse, antes do James ter chance de responder. — Ele pediu uma checagem completa dela. Gostosa, pelas fotos que eu vi.

James resmungou na linha.

— Ela é minha mulher, Tate. Não comece.

— E ele já está mostrando o lado possessivo. Eu gosto disso — disse Cadeon. — Ele pode finalmente saber como é ser amaldiçoado com isso.

— Como está Violet? — perguntou James.

— Grávida e com medo.

James pensou sobre o que fez. Prudence e gravidez não o assustavam. Estava animado com a ideia de ser pai.

— Eu quero que vocês a conheçam e quero que ela conheça Violet e Úrsula.

— A Úrsula amaria ter mais alguém para conversar. Violet é um pouco tímida para o gosto dela — disse Stephen com uma risada na voz.

Ele sorriu pensando na Úrsula e na Prudence juntas.

— Eu vou levá-la aí em alguns dias. Quero deixá-la confortável logo.

— Que é o código para: eu a estou mantendo para mim por tanto tempo quanto possível — disse Cadeon.

James não discutiu. Seria difícil levá-la para o Ravage. Pelo menos ele a teria no escritório consigo o tempo todo.

Ele sabia que ficaria louco com todos os homens tocando-a no bar. Não, ela não trabalharia mais no bar.

Encontraria alguma coisa para ela fazer.

— Posso ter uma conversinha em particular? — disse Stephen às pessoas na sala. James ouviu.

A porta se fechou e eles ficaram sozinhos. O telefone foi pego mais uma vez.

— Nós precisamos combinar algum lugar para conversar — disse Stephen.

— Eu posso ir ao Possession.

— Não, não é seguro aqui.

— Então no Ravage.

— Não.

James franziu a testa.

— Então você pode vir à minha casa.

— Ok. Vou ligar para você dentro de alguns dias para marcar uma reunião.

— O que está acontecendo, Stephen?

— Eu não quero falar agora. Não tenho certeza se estou certo. Preciso de todos os fatos antes de falar com você.

— Está tudo bem? — James perguntou, preocupado com o amigo.

— Vai ficar quando eu souber de todos os fatos. Estou ansioso para conhecer sua mulher.

James assentiu e então a ligação terminou.

Ele olhou para o telefone confuso com a conversa que acabou de ter.

Dando uma olhada nos e-mails, procurou por alguma coisa para se ocupar. O sono foi difícil de chegar nos últimos meses.

Ela está sozinha na sua cama. Prudence precisa de você.

James fechou o laptop e colocou de volta no cofre antes de subir as escadas para velar o sono de Prudence.

Colocou uma cadeira ao lado da cama, observando-a por vários minutos. Quando observar não era mais suficiente, jogou a toalha no quarto e subiu na cama para ficar atrás dela. Ele a puxou para os braços e se acomodou, olhando para o teto.

Não havia espelho sobre a cama dele nesse quarto. James fez uma nota rápida para que um fosse instalado. Ele queria ser capaz de vê-la enquanto ela dormisse nos seus braços.

As horas passaram e, antes que percebesse, James caiu no sono com Prudence nos braços.



Capítulo Dezessete

Três dias depois

Os últimos três dias foram o paraíso. James nunca a deixava sozinha. Ligava o tempo todo quando ela ia para casa. Estava tentando convencê-la a ficar permanentemente na casa dele. Ela não estava pronta para desistir da própria casa. Anya e Becky continuavam a chamá-lo de namorado esquisito. Não entendiam o quanto ela amava a atenção dele. As constantes mensagens que ele enviada e as ligações telefônicas a faziam se sentir amada e cuidada. A cada telefonema, ela se lembrava dele falando sobre posse e propriedade. Amava o pensamento de ser dele.

Tocou o colar com a cruz de prata no pescoço. Ele exigiu que o usasse todos os dias. Toda vez que ela entrava no

Ravage, ele puxava a corrente para fora da camisa dela, deixando a cruz balançar entre os seus seios.

O amor que ela sentia por ele estava crescendo a cada dia. A forma como ele fazia amor com ela todos os dias, às vezes com camisinha e outras sem, a fazia ansiar pelo seu toque. James a procurava sempre que podia. Perdeu a conta do número de vezes em que ele a fodeu no escritório. Imaginava que havia uma marca da bunda dela na mesa dele. No meio da noite, ele encontrava o núcleo dela e se afundava dentro. Ela acordava de manhã com o pau dele ainda dentro da sua boceta.

Fechou os olhos pensando naquela manhã. Ele iria buscá-la mais tarde para levá-la ao Possession. Antes disso, ela queria visitar a irmã.

Prue olhou para a papelada que acabou de ser entregue pelo correio. Estava pronta para sair e visitar sua irmã. Quanto mais tempo esperasse para contar a Veronica, mais difícil seria para ela ficar com James. Precisava que a irmã soubesse o que estava acontecendo e também tranquilizar a si mesma que Verônica não o amava.

Abriu o envelope e leu a papelada. Franzindo a testa, leu o documento. Era a escritura da casa em que morava com o nome dela. O único problema com a papelada era o fato de a casa ter sido paga.

Pegando o celular do bolso, ligou para o número do James. A intuição estava lhe dizendo que ele era o responsável pela compra da casa.

Ele respondeu no primeiro toque. — Você já está sentindo falta de mim?

— Não tenho certeza. Por que a escritura da minha casa está no meu nome? — perguntou, indo direto ao ponto.

— Eu disse a eles para esperar, porra.

— Então você comprou a minha casa e colocou no meu nome?

Ele ficou em silêncio no outro lado.

— Por quê?

— Porque eu queria. Não questione os meus motivos quando se trata de você, Prudence.

Ela suspirou esfregando as têmporas.

— Já é difícil para eu estar com você. Sei que você é rico, mas é difícil lidar com você comprando casas para mim.

— Não, Prudence. Foi por você. O dinheiro não me incomoda. Eu quero você, querida. Não um saldo bancário. Você me completa.

Prue sorriu, sendo seduzida pelas palavras amáveis. — Você sempre sabe o que dizer.

— Divirta-se com a sua irmã e vejo você mais tarde.

— E se os seus amigos não gostarem de mim? — ela perguntou, sabendo que as próprias amigas não gostavam dele.

— Então eu vou ficar com você só para mim.

Ela riu. — Vejo você em breve.

— Já estou sentindo a sua falta. Mande uma mensagem para eu saber que você chegou lá em segurança.

— Eu vou mandar.

Fechando o telefone, Prue saiu pela porta e começou a longa caminhada até a casa da sua irmã.

Sabia que Verônica estaria lá. Sua sobrinha mais velha estava na escola enquanto o bebê era muito pequeno. Batendo na porta, esperou a irmã atender. Verônica estava com o Thomas no quadril quando abriu a porta.

— Prue. Olhe, Thomas, sua titia decidiu finalmente nos fazer uma visita.

Prue riu, pegando o bebê saltitante dos braços da irmã.

— Uau, ele pesa uma tonelada.

— Ele está crescendo robusto como o pai. Entre. Eu coloquei a chaleira no fogo. Está congelando aí fora e aposto que você faria qualquer coisa por um café.

— Eu gostaria de tomar chá, se puder.

— Sem problemas. Eu não conseguia tomar café quando engravidei.

Prue seguiu a irmã até a cozinha. Thomas ficou no colo dela por algum tempo; mas ficou entediado e estava lutando para descer.

Verônica o colocou na cadeira enquanto preparava uma bebida.

— Como você tem passado? — perguntou Prue.

— Bem. A mamãe e o papai estiveram por aqui uma semana dessas. Eles queriam saber como você estava passando. Eu disse que você está bem.

Ela assentiu com a cabeça, aceitando a xícara que a irmã lhe entregou.

— Eu estou ótima, mais do que ótima.

— Eu reconheço essa cruz. Onde você a conseguiu? — Verônica perguntou, se sentando na cadeira atrás dela e puxando Thomas de volta para o colo.

A culpa assaltou Prue. O que ela deveria dizer?

— Você ama James? — Prue perguntou a irmã. Ela viu Verônica ficar quieta com o bebê no colo. Prue sabia que se a resposta fosse sim, então o seu mundo seria virado de cabeça para baixo. Estava apaixonada por James, desde o primeiro momento em que o conheceu. Não havia ninguém como ele. A maneira como ele a tomava e a fazia sentir tanta coisa era viciante. Prue sabia que a vida dela era com ele.

— Eu estive me perguntando a mesma coisa. Ele era diferente do que eu estava acostumada. Há algo na forma como ele consegue comandar as pessoas em uma sala somente com a sua presença. — Verônica sorriu — Não. Eu nunca amei James. Pensei que tivesse amado. Ele foi só um pouco de emoção antes de eu conhecer Daniel.

Prue respirou fundo e fechou os olhos esperando que a irmã não fosse odiá-la.

— Eu estou apaixonada pelo James. — Ela esteve praticando o que dizer por várias semanas e no final falou abruptamente. Bateu a mão na testa.

Deu uma olhada na irmã para ver qual foi a reação dela. Verônica estava sorrindo para ela, o filho no colo.

— Diga alguma coisa — disse Prue.

— O que você quer que eu diga, Prue? Eu sabia que você estava apaixonada por ele cinco anos atrás. Vi o jeito como ele olhava para você. Ele ama você também.

Prue balançou a cabeça. Eles não falaram sobre amor.

— Como você sabe que ele me ama?

— Estou supondo que essa cruz seja dele.

Ela tocou a cruz de prata no pescoço.

— Sim. Ele me disse para usá-la sempre.

— Ele não daria o colar para ninguém, Prue. Ele te ama e é o símbolo da propriedade dele.

— Você sabe sobre os relacionamentos dele — disse Prue, revelando o mínimo possível.

— Eu sei o suficiente a respeito dele, Prue. Você sabe o suficiente?

— Sim. Eu sei.

— Então, tudo que eu peço é que você seja cuidadosa. James é um homem bom, mas há vários perigos ao redor dele recentemente. Por favor, cuide-se.

Prue assentiu com a cabeça.

— Você não está com raiva de mim?

— Nunca. Você está apaixonada e eu posso gostar disso. Sei que nós não temos controle sobre a quem amamos.

— Eu amo você, Verônica. — Prue abraçou a irmã enquanto Thomas olhou para ela. Ela riu para o sobrinho.

Pelo resto da visita, Verônica mostrou fotos de viagens. Prue abraçou o Thomas e aproveitou cada segundo que passou com a irmã.

Na saída, Verônica a lembrou que ela precisaria levar James para conhecer os pais delas.

Prue gemeu.

— Eu vou avisá-los, mas eles vão ter uma conversa com você.

Ela assentiu com a cabeça.

— É melhor eu ir e me arrumar. Vou sair com James esta noite. Amo você, mana e vejo você em breve.



James olhou para o anel que comprou. Sabia que se excedeu. Estavam juntos há três dias e ele agora tinha um anel de casamento. Fechando a caixa, colocou o anel em cima da mesa na frente de si. Sabia que ela era a mulher para ele. Não havia necessidade de lutar contra os sentimentos. Ela era o que ele queria mais do que a própria vida.

Os momentos em que eles estavam separados eram difíceis de passar. Mesmo agora, estava louco para ligar para ela e ver como estava se saindo com a irmã.

Dê tempo a ela. Você vai tê-la pelo resto da sua vida.

Houve uma batida na porta.

— Entre — disse ele.

Verônica entrou empurrando um carrinho enquanto se aproximava. Parecia que ela esteve correndo

— Eu nunca esperava ver você aqui — disse ele.

— Eu não estaria aqui se não achasse que fosse importante.

— O que poderia ser tão importante? — perguntou James.

— Prue foi me ver. Você está apaixonado por ela.

Ele não disse nada. James esperou que ela terminasse de falar.

— Você não vai discutir comigo?

— Não tenho nada a dizer. Meus sentimentos pela Prudence não afetam você. Ela é o meu mundo e se você a machucar... — Ela levantou a mão para interrompê-lo.

— Dei minha bênção a ela. Eu sei que você nunca esteve apaixonada por mim, James. Eu também não o amava. Ela está mais do que feliz com você e eu não posso discutir com o amor.

— Por que você está aqui? — perguntou.

— Eu sei que você não está seguro. Essa história que saiu no ano passado é evidência disso, James. Eu amo a minha irmã. Por favor, não faça nada para machucá-la.

Ele passou os dedos no cabelo ficando com raiva dela. James nunca faria nada para machucar Prudence. Ela era o seu mundo e ele a amava.

Agarrando a caixa que continha o anel, bateu-a na mesa na frente dela.

— Será que parece que eu vou colocá-la em risco?

Ela pegou a caixa e abriu. O suspiro era toda a evidência de que ele precisava de que fez a escolha certa.

— Você realmente a ama, não é?

— Eu comprei a casa da Prue e coloquei a escritura no nome dela. Ela não vai precisar de nada. Se ela não me quiser, vou garantir que seja sustentada. É o quanto eu a amo.

— Ela não vai recusar. Prue ama você.

Ele assentiu com a cabeça. James queria ouvir Prudence dizer as palavras por si mesma.

— É melhor eu ir embora.

— Você já fez o seu dever fraternal — disse James, zombando dela.

— Sim. Eu ainda sou a irmã mais velha. Eu quero ter certeza de que ela está fazendo a coisa certa.

James assistiu Verônica caminhar em direção ao escritório dele. Ele esperou alguns minutos e pegou o envelope branco. Começou a abrir a aba branca quando o telefone tocou. O rosto de Prudence apareceu na tela. Atendeu a ligação colocando o envelope na jaqueta.

— Ela está feliz por mim, senhor. Verônica nos deu a sua bênção.

Ele riu, saindo do escritório.

— Eu estou indo buscar você. Vai estar pronta?

— Sim. Estou ansiosa para conhecer os seus amigos.

— Eles não são tão divertidos.

Ela riu.

— Você conheceu as minhas amigas. Acho que é justo que eu conheça os seus amigos.

— Eu estou saindo do clube agora. Vou estar na sua casa daqui a pouco.

— Bom. Eu estou esperando.

Léo estava na portaria assinando alguns papéis quando James saiu pela porta.

— E aí, chefe?

— Eu vou sair com Prudence. Você vai ficar de olho nas coisas hoje à noite? Eu não vou voltar.

— Claro. Fico mais do que feliz de cuidar das coisas.

James assentiu, sentando no banco de trás do táxi.

— Você já pensou sobre a minha oferta, Arthur?

— Sim, senhor. Eu adoraria o emprego que você está me oferecendo.

— Excelente. Vou ter um carro para você em breve.

James se ajeitou assistindo a cidade passar. Ele nunca ficou tão feliz na vida. O anel que tinha a intenção de dar a ela estava no bolso. Ele esperaria pelo momento perfeito para lhe pedir para ser sua esposa.

Eles estavam indo rápido. Sabia disso, mas a amava. Ele pensou nos problemas com Dane e com o tráfico de mulheres que apareceram junto com Rebecca e Lloyd Black.

Balançou a cabeça. Esses pensamentos não iriam estragar o futuro dele. James pegou o envelope e abriu. Havia várias fotos de um homem dentro. Não havia nenhuma outra informação além delas. Ele não entendeu. Balançando a cabeça, imaginou que Verônica enviou o envelope errado. Quando tivesse uma chance, perguntaria a ela sobre isso. Não era prioridade dele e colocou o envelope de volta no bolso, esquecendo-se dele.



Capítulo Dezoito

A casa era maior que a do James, o que ela nunca pensou que fosse possível. O motorista permaneceu quieto enquanto James saiu do carro e digitou o código para os portões abrirem. Quando voltou para dentro, ela se aconchegou perto dele. Estava usando o vestido preto que usou no encontro.

— Por que vocês todos têm portões de segurança e senhas secretas? — perguntou ela.

— Porque somos incríveis — disse ele.

Ela riu, batendo no joelho dele. A entrada era coberta de árvores e arbustos.

— Os seus pais pegaram a ideia daqui?

— Eu acho que eles fizeram ao mesmo tempo.

O braço dele estava em volta dela, dando-lhe conforto.

— Está frio aqui fora, Arthur. Pode entrar se quiser.

James a ajudou a sair do carro. Pegou na mão dela, levando-a pelas portas da frente.

— Eles estão nos esperando.

Ela o seguiu mantendo o casaco fechado em torno de si.

Havia muitas portas e só alguns homens estavam presentes nas salas.

— É muito tranquilo — disse ela.

— Desde os noticiários, tem sido muito tranquilo. Alguns dos homens escassearam.

Prue balançou a cabeça seguindo-o até a última sala. Ela viu que o bar estava cheio com vários outros homens. Uma mulher estava cantando do outro lado. A voz enchia a sala com uma música maravilhosa.

James a puxou para a frente dele.

— Prudence, eu gostaria que você conhecesse Stephen Knox.

Ele parou na mesa e ela reconheceu o homem para quem James apontou.

— E a mulher dele, Úrsula. — A mulher se levantou e estendeu a mão.

— É bom ver outra mulher no grupo. Eu estava começando a ficar um pouco entediada. Desculpe, Violet, você não é das mais faladoras.

A outra mulher sorriu para ela.

— Sem problemas.

Prue apertou a mão dela, sabendo que tinha, pelo menos, se dado bem com a Úrsula.

— Estes são Cadeon, Lucas, Sean, Tate e Kevin. Aquele cara lá que você conheceu no Ravage é Dane.

Sim, ela reconheceu o homem que a surpreendeu no bar. Aquela noite parecia ter se passado em outra vida.

— É um prazer conhecer todos vocês. — Prue não precisava ser um gênio para saber que estavam todos tensos.

— Estou entediada — disse Úrsula. — Vamos, Prue. Vou mostrar o resto da casa para você.

Úrsula pegou a mão dela. Violet as seguiu. Cadeon se levantou para ir com elas. Violet balançou a cabeça, beijando-o antes de sair.

Uma vez que elas estavam fora da sala, Úrsula respirou fundo.

— Pensei que fosse sufocar lá dentro. — Ela pegou um pirulito no bolso e colocou na boca.

— Você é viciada em doces?

— Ajudam a me acalmar. Stephen vem agindo estranho ultimamente. Eu não tenho ideia de como lidar com ele na metade do tempo. Acho que tem a ver com Dane e com aquelas duas lá em cima. — disse Úrsula, apontando para as escadas.

Prue continuou quieta. Violet deu de ombros. — Cadeon está preocupado com o bebê. — Ela passou a mão na barriga.

— É mais do que isso. Stephen não quer que eu saia sozinha. Ele colocou segurança extra em todos os lugares. Eu não vou a lugar algum, para começo de conversa. — Ela balançou a cabeça, levando-as até o porão.

— Onde estamos? — perguntou Prue.

— Numa sala de treinamento. Tate estava me ensinando alguns golpes, mas parou. — Elas se sentaram num assento de exercícios. Era a primeira vez em que Prue estava numa sala de treinamento para conhecer outras mulheres.

— Você ama James? — perguntou Úrsula.

— Sim. Eu o conheci há algum tempo. Ele estava saindo com a minha irmã.

— Ai. Como a sua irmã reagiu?

Prue sorriu.

— Ela está feliz que eu estou feliz.

— Eu era faxineira do Stephen. Violet trabalhava para Cadeon.

Ela sorriu para Violet.

— Eu costumava trabalhar no mesmo edifício. Não sei se você se lembra de mim.

Violet balançou a cabeça.

— Desculpe, não me lembro.

Elas se sentaram em silêncio.

— Aposto que esta é a forma mais estranha de como eu já conheci outras pessoas.

Ela sorriu para as mulheres. Foi a noite mais estranha da vida dela.

— Acho que as coisas vão ficar muito piores.

— Úrsula, ela não precisa saber disso. Está acabado.

— O que está acontecendo? Tem a ver com aquelas notícias do ano passado? — perguntou Prue.

Violet olhou para a outra mulher.

— O que James contou a você?

— Apenas sobre o Possession e o Ravage e como ele está envolvido com eles. — Prue estava começando a sentir que o problema era bem maior. James não contou tudo.

— Não somos nós que temos que contar — disse Violet.

Prue olhou para as duas mulheres. Elas pareciam estar tendo uma conversa particular.

— James não ia querer que você dissesse a ela o que ele não acha que é relevante.

Outro momento de silêncio e então Úrsula sorriu para Prue.

— Não é nada. Tenho certeza de que está tudo bem.

Prue sorriu e olhou ao redor da sala.

— Então, o que você está achando do James? Ele é tão possessivo quanto Stephen? — perguntou Úrsula.

— Eu não sei Stephen, mas acho que James é possessivo o suficiente. — riu, pensando na maneira como ele impediu os homens de a assediarem quando ela começou a ir ao clube.

— Eu conheço esse olhar. Ele deve ser muito especial.

— Ele é — concordou.

— E quanto a você, Violet?

— Cadeon está preocupado com a gravidez. Ele não gosta da ideia de qualquer coisa me machucar.

— Como está a gravidez? — perguntou Prue, pensando na falta de preocupação do James com relação à proteção.

— Bem. Eu sentia enjoos de manhã, mas consegui superá-los. Acho que o pior já passou.

— Stephen e eu estamos tentando ter um bebê. Ele quer que as coisas se acalmem antes de sermos pais. — Úrsula fechou a boca e olhou para além do ombro da Prue. Dane ficou olhando para elas. — James está procurando por você — disse.

Ela assentiu, levantando-se do assento.

— Stephen e Cadeon querem vocês lá também.

— Essa é a nossa deixa para ir.

Elas seguiram Dane subindo as escadas. James estava esperando no bar com os outros homens. Todos eles se levantaram para recebê-las no momento em que entraram. Foi uma ação tão brega que fez Prue parar. James abriu os braços e ela foi para eles de bom grado.

— Peço desculpas que não haja muito entretenimento. Estou esperando para que tudo volte ao normal rápido. Você deve trazê-la sempre, James — disse Stephen.

— Vou trazer. Temo que tenhamos que ir.

James apertou a mão dos amigos. Prue sorriu para eles antes de saírem pela porta mais uma vez.



A volta foi um momento tenso. James sabia que alguma coisa foi dita entre as três mulheres. Ele olhou para Prue enquanto ela olhava pela janela. Arthur os levou de volta para a casa dele, deixando-os no portão como ele pediu. Prudence

não falou nada enquanto subiam o longo caminho para a casa.

— Você acha que podemos ter um carro que nos leve do portão até a casa? Estas caminhadas vão acabar com os meus sapatos.

Ele a puxou para perto, beijando-lhe a cabeça.

— Eu vou comprar mais sapatos para você.

O ar frio os rodeava. James olhou para a lua se perguntando por que ele estava com uma sensação muito ruim. Abraçou Prue mais apertado por todo o caminho até a porta da frente. Quando eles estavam lá dentro, ele a seguiu até o quarto.

Tinha começado a ver o quarto dele como deles. Gostava dela dormindo ao seu lado. Eles trocaram de roupa e Prudence vestiu uma das camisas dele, que ia até os joelhos.

Ela estava penteando o cabelo e ele foi para trás dela e pegou a escova.

— Diga-me o que se passa na sua linda mente. — Ele deslizou a escova pelo cabelo dela.

— Úrsula e Violet estão preocupadas com alguma coisa.

Ele parou.

— Você está preocupado também.

James olhou para ela através do reflexo do espelho.

— Por favor, me diga. Eu não quero ficar sem saber.

Ele suspirou, penteando os fios de cabelo.

— Tem uma coisa acontecendo. Eu não sei se acabou ou se está apenas começando, Prudence.

Ela se virou para ele.

— Eu não me importo. Conte para mim.

James pegou as mãos dela, levando-a para a cama.

— Eu não sei por onde começar.

— Comece do início. Isto não tem nada a ver com o Possession ou com o Ravage, não é?

— De jeito nenhum. Pelo menos eu não acho que tenha.

— Conte para mim.

Ele respirou fundo mantendo as mãos dela entre as suas.

— Tudo começou com Violet. Ela é da Inglaterra e veio pra cá tentando fugir de um homem. A mãe dela foi uma das prostitutas de Dominic Green e Violet não teve escolha senão fugir dele.

Prudence engasgou.

— Eu reconheço esse nome. Ele foi morto, certo? Em algum tipo de tiroteio?

— Sim, há mais de um ano. Violet estava livre quando ele morreu. Ele via os filhos das suas mulheres como renda. Se tivesse posto Violet para trabalhar, ela teria sido morta ou algo pior. — A mão dela foi puxada da dele para cobrir a própria boca. — Eu sei que isso é horrível, por isso, se você quiser que eu pare, diga para mim. — Ele segurou os ombros dela e a puxou para perto.

— É horrível pensar naquele tipo de mulher à mercê de um monstro.

Ele assentiu com a cabeça.

— Então, depois de um tempo, Stephen e eu continuamos recebendo avisos sobre os nossos clubes e as

nossas mulheres. Ele tinha acabado de começar a sair com a Úrsula. As ameaças continuaram e, antes que soubéssemos o que estava acontecendo, Eugene Black contratou o ex-namorado da Úrsula para organizar o espancamento da Rebecca. Ela era a madrasta dele. A irmã do Lucas, Isabella, acabou no hospital. Isabella era uma das meninas do Green, que nós achamos. Ela não tem falado muito com ninguém desde que saiu do hospital. Acreditamos que Dominic Green estava trabalhando para outra pessoa e pensamos que não era só prostituição, mas tráfico de pessoas. Eles estavam pegando mulheres na rua e as vendendo como se fossem carne.

James ficou em silêncio enquanto olhava para além do ombro dela.

— Você não acha que isso acabou?

Ele balançou a cabeça.

— Eu não sei em que acreditar. Estou tendo esta sensação há algum tempo.

— Que tipo de sensação?

— Que alguma coisa ruim vai acontecer. Que tem algo que passou despercebido.

— O que Dane tem a ver com isso? — ela perguntou.

Fechando os olhos, ele pensou no cara grande perto da Prudence. Ela era tão doce. Ele não conseguia suportar a ideia de outro homem tocá-la.

— Ele trabalhou para Dominic Green. Um ano atrás, ele fez um acordo para ajudar o FBI com a investigação, mas

exigiram que ele ficasse sob a custódia do Lucas e do Sean ou no Possession.

— Ele é perigoso?

— Sim. Ele matou pessoas. Não o quero perto de você. — James pegou as mãos dela, beijando os nós dos dedos — Eu não sei o que faria se alguma coisa acontecesse com você.

Ela sorriu para ele.

— Você faria tudo em seu poder para me encontrar. Conheço você, senhor. Você não deixaria ninguém tomar o que é seu.

James a puxou para perto, colocando a cabeça dela contra o peito. A ideia de perdê-la em mente. Ele não deixaria isso acontecer. Ela era tudo para ele.

— A boa notícia de hoje é que Verônica nos deu a benção dela. Ela não pareceu incomodada por eu estar com você. Eu estava preocupada que você e ela ainda tivessem alguma coisa.

James a abraçou, fechando os olhos.

— Eu nunca dormi com a sua irmã — disse James, olhando para a parede oposta. Prudence tentou levantar a cabeça. — Não. Quero abraçar você.

— Mas? O que? Não estou entendendo. Vocês dois estavam namorando e é isso que geralmente acontece entre casais que estão namorando.

— Eu nunca levei a sua irmã para a minha cama ou a treinei como minha sub. Eu pensei que ela fosse a mulher para mim, mas agora eu sei que não. É você, Prudence. Sempre foi e sempre será.

Ele lhe acariciou o cabelo, amando o jeito como os fios deslizavam por entre os dedos.

— Eu pensei que você devia saber disso.

— Eu estou tão feliz por você ter me dito. Pensei que tinham estado juntos e isso não me incomoda. Saber que vocês não dormiram juntos é um grande alívio.

James afrouxou os braços para ela olhar para ele. Olhou nos olhos azuis e foi inundado pelo quanto a amava. Passando o polegar no lábio dela, inclinou-se e lhe reivindicou os lábios. Os gemidos dela encheram a sua mente, fazendo-o querê-la mais.

Os olhos dela estavam fechados quando ele se afastou.

— Você quer me levar para o seu quarto de jogos? — perguntou ela.

— Não. Eu quero você na minha cama e quero fazer amor pelo resto da noite.



Capítulo Dezenove

Prue abriu os olhos e viu o modo intenso como ele estava olhando para ela. Os olhos dele estavam quase negros e a intenção neles era clara. Uma das mãos dele deslizou pelo corpo dela, passando pelos peitos até chegar a barra da camisa que ela usava. Estava vestindo uma das camisas velhas do James. O cheiro dele a rodeava, o que a confortava no meio da noite.

— O que você está fazendo? — perguntou. Ele levantou a camisa que ela usava e a tirou pela cabeça.

— Vou deixá-la nua e então vou fazer amor com cada centímetro quadrado desse corpo.

Subiu na cama esperando que ele se juntasse a ela. Seu olhar vagou sobre ele enquanto tirava a própria roupa. O corpo do James era firme e musculoso sem nenhum pingo de gordura.

— É melhor você estar pronta para mim — disse.

— Eu estou sempre pronta para você, senhor. Sempre.

Ele se ajoelhou na ponta da cama e começou a rastejar, colocando um braço de cada lado do seu corpo. Ela se deitou sentindo uma das mãos dele acariciando a lateral do corpo até a coxa.

— Você é incrivelmente bonita — disse ele.

O elogio a fez sorrir. Não havia dúvida no olhar amoroso enquanto devorava o seu corpo.

— Eu quero tanto você.

Prue colocou os braços em volta do pescoço dele, convidando-o a entrar

— Então me tome.

James colocou os lábios nos dela enquanto rudemente lhe afastava as pernas. Ela gritou quando ele enfiou dois dedos na boceta. Prue o sentiu abrir os dedos dentro dela, preparando a boceta para receber seu pau grande.

Ela gritou quando um terceiro dedo foi adicionado.

— Você é tão apertada e gostosa. Você quer o meu pau não quer, Prue?

— Sim, eu quero que você me foda. Que me reivindique e me faça sua.

James rosnou e o som vibrou através do corpo dela.

— Eu não consigo esperar. Preciso de você agora.

Os dedos foram retirados e a cabeça do pau pressionou contra a entrada dela.

— Eu quero que você olhe para mim. Preciso ver os seus olhos quando eu gozar dentro de você.

Prue olhou nas profundezas escuras. O coração batia forte dentro do peito. O amor que sentia por ele a consumia com ferocidade.

— Eu amo você, James — disse.

— Você é tudo para mim, Prudence. Eu estou tão apaixonado por você que não consigo nem pensar direito. — Ele meteu dentro dela até o talo.

Ela lhe arranhou as costas. A paixão que sentia ultrapassando tudo o que sabia.

— Eu amo você — disse ela, gritando o nome dele.

O coração parecia que ia explodir no peito dele. Ele a amava.

Ela empurrou para encontrá-lo, tomando tudo o que ele tinha para oferecer e mais. James enfiou os dedos nas mechas do cabelo da Prudence, arrebatando-lhe os lábios enquanto fodia sua boceta. A outra mão segurou a coxa dela e colocou a perna dela na cintura dele.

— Apertada para caralho — disse ele metendo nela entre cada palavra.

— Mais forte. — Ela marcou as costas dele com as unhas. James se virou de repente, colocando-a sobre si.

— Sua vez de me montar. — Ele segurou os peitos dela, acariciando os mamilos. Prue olhou para ele, levantando o corpo, tirando o pau e em seguida, descendo de volta com força. Ambos gritaram.

— Eu quero ver você tomar o meu pau. — O olhar se demorou entre as coxas dela. Ela fez questão de levantar o corpo sem prejudicar a visão dele. — Você está tão molhada.

— Ela desceu no comprimento dele, indo devagar e deixando-o ver cada centímetro de si desaparecendo dentro dela.

Ele bateu na bunda dela fazendo-a gritar. A dor da punição a fez empurrar para baixo com tanta força que os seios balançaram.

James bateu na bunda dela de novo e de novo até que ela estava montando-o em um ritmo forte e rápido. Suor cobria os corpos de ambos. O calor estava aumentando entre eles. Ela o observou lamber os dois dedos e então começar a provocar seu clitóris. A posição em que estava a deixava totalmente aberta para o toque dele. Ela choramingou sentindo o corpo se aproximar do orgasmo depois de poucos movimentos dos dedos dele.

— Goze para mim. Deixe eu sentir você apertar essa boceta gostosa no meu pau.

Prue chegou ao clímax. A liberação a sacudiu até o âmago.

Ele a virou e ficou debaixo dela. O clímax lentamente acabou. James tirou as mechas de cabelo do rosto de Prudence e lhe beijou os lábios. A ternura levou lágrimas aos olhos dela.

— Eu amo você.

— Eu também amo você. Tanto.

James se inclinou, capturando os lábios dela de novo e de novo. Prue finalmente se sentiu em casa. A vida dela era com James. O mundo inteiro estava centrado nele.

— Você é tão bonita.

Ela sorriu. Nenhuma palavra poderia descrever os seus sentimentos por ele. Eles estavam enrolados um no outro. O pau dele pulsava fundo dentro dela. Estavam ligados da maneira mais primitiva que ela conhecia. O coração batia forte no peito enquanto olhava para ele.

James saiu de sua boceta lentamente e empurrou de volta. Ela o sentiu empurrando os músculos da boceta. Era grosso e estava desfrutando-a. Prue fechou os olhos amando a sensação dele a rodeando.

— Ninguém mais — disse ele, tomando-lhe as mãos e as pressionando na cama.

Ela abriu mais as pernas enquanto ele a levava ao paraíso com o próprio corpo. James usou toda a força que tinha para fazê-la sentir tanto prazer. Ela nunca imaginou o quão incrível seria entre eles. O amor explodindo entre eles ao limite. O clímax a surpreendeu com a intensidade. Sentiu o pau dele apertar dentro de si e jorrar a semente.

Nenhum medo a tomou. Ela sabia que havia uma grande chance de ficar grávida, mas se sentiu completa e totalmente satisfeita.

Ele caiu em cima dela.

— Eu possuo você agora — sussurrou na orelha dela. As palavras a fizeram se sentir amada. Entre todas as mulheres que haviam se jogado no James, ele a escolheu. Ela sorriu, passando as mãos nas costas dele. Nada poderia matar os seus sentimentos por ele. Se James estivesse por perto, nada jamais aconteceria com ela.



Vários dias depois

James olhou para todos os homens na sua sala de estar. Deu uma olhada no relógio esperando que Prudence tivesse chegado à casa da irmã em segurança. Cadeon parecia perdido enquanto Stephen continuava olhando ao redor. Tate e Kevin não disseram nenhuma palavra, mas a raiva deles era evidente. Sean e Lucas estavam olhando pela janela.

— É um lugar agradável este que você tem — disse Lucas.

— Pare de enrolação. O que está acontecendo?

— É seguro aqui? — perguntou Stephen.

— Sim. Não têm gravadores nem câmeras — disse Sean.

Stephen tirou um pequeno laptop do case e abriu o dispositivo. A tela ligou e nela estavam Dane, Rebecca e Isabella.

— Você instalou câmeras no quarto delas? — James perguntou, indignado em nome das mulheres.

O amigo pausou a gravação e olhou para ele. — Eu pedi ao Tate para instalar uma quando vi Dane saindo do quarto delas. Achei suspeito três pessoas que não se conheciam estarem subitamente se esgueirando juntas.

— Eu não queria fazer isso, mas quando vi a evidência com os meus próprios olhos, soube que tinha que ser feito. —

Tate se levantou. Ele parecia nervoso. — Quando eles desceram para tomar café da manhã, eu instalei as câmeras e as coloquei para funcionar.

— Dane está entrando no nosso sistema de segurança e enviando e-mails a respeito de alguém. Ele também está movimentando dinheiro numa conta bancária. Nesses dias em que desapareceu, ele estava no banco sacando dinheiro — disse Kevin.

James franziu a testa e em seguida assistiu aos três na tela. As mulheres pareciam aterrorizadas, mas não por causa do Dane. Pelo contrário, elas encontravam bastante conforto na presença dele. James nunca viu Rebecca falar tanto. A mulher parecia diferente da pessoa arrasada que ele viu no hospital há um ano. Quando o vídeo terminou, James ficou esperando.

Ninguém disse nada.

— Dane está tentando comprar uma mulher de volta? — perguntou James.

— Não sabemos quem ela é, mas você ouviu tudo? — perguntou Stephen. — Depois que assisti, eu comecei a investigar. Nossos pais morreram de causas naturais ou parece que foi assim. E se eles tiverem sido envenenados ou assassinados?

— Stephen, você está especulando demais.

— Tudo se encaixa. Naquela papelada que eu estava olhando, havia mulheres desaparecidas.

James ficou rígido. — O que?

— Nos últimos vinte anos existem mulheres que foram empregadas ou cujos namorados foram membros. Os nomes estão marcados nos registros. Elas nunca foram vistas de novo. Eu fiz uma verificação cruzada no meu computador. Você não vai gostar da resposta — disse Stephen.

— Nunca foram encontradas? — perguntou James.

— Ou uma prostituta conhecida ligada ao Dominic Green. Nesses registros, a papelada nos envolve. Dane está certo a respeito do que aconteceu com Isabella. Sean e Lucas poderiam ser implicados nisso. Há coincidências demais para se explicar. Lloyd Black? Eugene? Mesmo nós aceitando Dane, para não mencionar o ataque que matou o desgraçado do Dominic Green.

James se sentou enquanto todas as revelações lhe passavam pela cabeça.

— É por isso que Lloyd não tem lutado pela liberdade condicional.

— Se nós formos implicados e enfrentarmos uma condenação, com a gente fora de cena e Rebecca desprotegida, as acusações poderiam ser derrubadas. Ele estaria livre.

James passou os dedos no cabelo.

— Não é possível — disse.

Sean amaldiçoou.

— Claro que é possível, porra. Nós estivemos na mídia no ano passado. O que seria melhor para ligar os nossos nomes ao tráfico de mulheres? O caso seria enorme. Você consegue ao menos imaginar o alvoroço em torno dos homens de negócios bem sucedidos quando os negócios ilegais deles

se tornarem conhecimento de todos? Eles falariam dos dois clubes e de como eles são uma cobertura para roubar meninas inocentes. É o plano perfeito. Quem quer que esteja por trás disso, é muito mais esperto do que Dominic Green. — Sean estava com as mãos nos quadris. A raiva o fazia tremer.

— Quem você acha que é a outra pessoa que está por trás disso? — perguntou Cadeon. O homem parecia ter envelhecido vinte anos durante a última conversa.

— Porque alguém está mandando esses e-mails para Dane. Alguém que ele está caçando sem sucesso. Quem quer que seja, nos conhece. Eles conhecem Lloyd e as nossas vidas.

— Eu não posso deixar que isso aconteça. Violet está sofrendo com a gravidez. Se eu for tirado de cena, ela não vai sobreviver. Eu não posso fazer isso — disse Cadeon.

— O que você está tentando dizer? — perguntou Stephen.

— Que se for preciso, eu vou fugir. Violet é o meu mundo. Eu não vou ser derrubado por isso. — Cadeon estava à beira das lágrimas.

— Nós temos outras opções — disse Lucas. Ele foi o mais silencioso de todos os homens.

— O que? Esperar esse bastardo fazer a jogada? Eu tenho uma esposa e um filho a caminho. Não posso esperar para ser preso e tentar lutar contra um crime que eu não cometi, porra.

Lucas esperou Cadeon terminar.

— Quem quer que seja esse cara, não fez a jogada. Nós podemos ser envolvidos e colocados fora de cena, então por que ele não agiu?

Todos se entreolharam.

— Ele quer alguma coisa.

— Você não sabe, Lucas. Ele está jogando com a gente.

— Com todo o respeito, Cadeon, você nunca lidou com um homem como esse. Eu já. Eu estive no exército e persegui o Green por anos. Conheço esses homens. Esse cara é inteligente. Ele quer alguma coisa de nós. Provavelmente será a coisa que vai resolver todo o caso e nós só não a encontramos.

Cadeon começou a rir.

— Ótimo. Toda a nossa vida está baseada em encontrarmos uma evidência que não nos envolve, mas mantém o bandido preso.

— Eu sei que não é a melhor notícia, mas no momento é tudo o que temos.

James olhou para o laptop. Uma bola de medo se apertava na sua barriga. Ele não gostava disso de jeito nenhum. Estavam todos em perigo. Ele precisava pegar Prudence.

— Se nós terminamos aqui, acho que é hora de vocês irem embora.

— Precisamos discutir o que vamos fazer — disse Stephen.

— Não. Eu preciso pegar a minha mulher na casa da irmã dela. O que nós precisamos fazer é falar com aquele

filho da puta que nos usou. Eu quero esse merda fora da nossa vida, Stephen. Eu não me candidatei para ser um salvador. Estou feliz sendo o cara que dirige o meu clube e cuida dos negócios. Isso não é o meu negócio. Não tem nada a ver comigo.

James se aproximou e fechou o laptop com uma batida.

— Você não pode virar as costas para nós assim.

— Eu não estou fazendo isso. Estou virando as costas para a droga que faz pessoas serem mortas. Isso não é um filme de ação onde todos vão para casa vitoriosos, Stephen. Pessoas acabam mortas e nem sempre é o cara mau. Se você quer exumar os nossos pais, então faça isso. Não quero fazer parte disso.

James saiu da sala de estar e foi para o escritório para desabar na cadeira. Quando ouviu todos saírem, levantou e ligou para Arthur buscá-lo.



Capítulo Vinte

Ao longo dos dias que se seguiram, James não deixou Prudence fora de vista. Passou todos os momentos com ela. Quando tinha que ir para o clube, a levava consigo. Ela ficava no escritório lendo um livro ou ouvindo música enquanto ele trabalhava. Sabia que ela queria ajudar Jermaine, mas não deixou. A única maneira que poderia garantir a segurança dela era se ficasse ao seu lado. Nenhum dos caras falou com ele e estava mais do que feliz com isso.

Eram amigos dele e James se preocupava com eles. Ainda assim, Prudence era o seu mundo e ele entendia o que Cadeon quis dizer. Se fosse preciso, pegaria Prudence e fugiria.

— Você parece cansado — disse ela, envolvendo os braços ao redor dele. Estava sentado na cadeira do escritório. Era final de tarde, apenas algumas horas antes do Ravage

abrir. Jermaine estava enchendo o bar enquanto Léo cuidava da porta.

— Estou com muita coisa na cabeça

— Eu estou aqui por você, senhor. Você sabe disso. — Ele beijou as mãos dela amando o jeito como elas os envolviam.

— Eu amo você também.

Ela riu.

— Eu nunca vou me cansar de ouvir isso.

— É melhor não.

— Eu nunca pensei que seria assim.

Ele se virou e a puxou para o colo.

— Assim como?

— Juntos. Amando um ao outro. Eu costumava sonhar sobre nós à noite. Como seria. Eu me perguntava como me sentiria se você me dissesse que me amava.

— E atende às suas expectativas? — ele perguntou, mordiscando o pescoço dela.

— É muito melhor do que eu imaginava. Você me faz a mulher mais feliz do mundo.

James sorriu. Quando Prudence estava nos seus braços, era o homem mais feliz do mundo. Ela o completava como nenhuma outra coisa que ele já tivesse conhecido. Estava prestes a tirar o anel do bolso quando o celular tocou. James olhou para o aparelho e se perguntou se deveria simplesmente desligá-lo e voltar ao pedido de casamento.

— É melhor você atender. Pode ser importante — disse ela, saindo do colo dele. Prudence voltou a deitar no sofá. Ele manteve os olhos nela enquanto atendia o telefone.

— É melhor que seja importante.

— Precisamos de você aqui, James. Você precisa vir aqui. Venha sozinho — disse Cadeon.

James revirou os olhos olhando para o relógio.

— Tudo bem. Eu vou para aí.

Ele fechou o telefone.

— Problemas no paraíso? — ela perguntou, olhando para ele por cima do ombro.

— Sim. Quer que eu deixe você em casa? — perguntou.

— Você vai voltar para cá?

Ele assentiu com a cabeça.

— Eu tenho coisas para fazer.

— Então eu vou esperar aqui até você voltar. Não se preocupe. Eu vou ficar bem.

James se inclinou para beijá-la.

— Eu amo você. Tenho uma coisa importante para perguntar quando voltar.

— Estarei esperando.

Ele a beijou novamente, pegou o casaco e saiu do escritório.

— Aproveite o seu livro — disse ele.

— Eu prefiro aproveitar você.

Ele riu e saiu do escritório.

— Eu vou ficar fora por um tempo, Léo. Você pode cuidar de tudo? Prudence está no meu escritório. Por favor,

fique de olho nela. Eu a levaria comigo, mas acho que é melhor ela ficar aqui.

Os instintos estavam gritando para ele levá-la consigo. Léo assentiu com a cabeça.

— Claro que sim, chefe.

James acenou com a cabeça e foi para o carro, onde Arthur estava esperando.

— Leve-me para o Possession, por favor.

— Claro, senhor.

Ele ficou batendo no joelho durante o caminho. Os pensamentos constantemente se voltavam para Prudence. Não deveria tê-la deixado. O que quer que eles tivessem a dizer, deveria ser ouvido por ela. Ela era parte dele agora. No momento em que os portões apareceram, disse a Arthur para se aproximar para ele digitar o código de segurança.

Ele estava ficando agitado a cada minuto que passava. Antes do Arthur estacionar o carro, saiu e se dirigiu para dentro do clube. O lugar parecia abandonado.

James foi até o bar principal. O Possession estava completamente vazio e foi a primeira vez que ele o viu assim. Tocou a caixa que tinha no bolso se perguntando o que Prue diria quando lhe pedisse para se casar com ele. Estava prestes a fazer o pedido quando aquela maldita ligação o interrompeu.

O som de gritos veio do escritório do Stephen. Ele se virou e foi nessa direção. Entrou no escritório e viu Rebecca, Isabella e Dane gritando. Os amigos dele cercaram o trio.

James colocou as duas mãos nos bolsos e sentiu o envelope que colocou lá há vários dias.

O som de farfalhar parou a discussão em andamento.

— James, o que você está fazendo aqui? — perguntou Cadeon.

Ele olhou para cima.

— O que quer dizer com o que estou fazendo aqui? Você me disse que eu precisava vir aqui e vir sozinho.

— Não, eu não disse — disse Cadeon.

— Eu recebi a sua ligação. — James franziu a testa. Ele não deu muita atenção à ligação. O identificador de chamadas reconheceu o telefone de Cadeon e ele assumiu que o homem era quem ligou. Estava distraído.

Cadeon tirou o celular do bolso.

— Eu não liguei.

Eles estavam todos olhando uns para os outros.

— O que está acontecendo? — perguntou Dane.

O envelope que ele abriu no outro dia e as fotos que continha caíram do bolso. Ele se abaixou, pegando-os.

Dane foi até ele e pegou a foto da sua mão, entregando-a para as duas mulheres. Eles engasgaram, cobrindo a boca com as mãos.

— Ah não. Ele nos encontrou — disse Isabella. James ainda não reconhecia o homem da foto.

— Eu não acredito que é ele — disse Isabella.

Todo mundo estava paralisado. A imagem passou de mão em mão. Lucas o reconheceu, assim como Sean.

— Que diabos está acontecendo? — perguntou James. Isabella e Rebecca pareciam ter visto um fantasma.

Dane pegou a foto e olhou para ele.

— Eu o vi recentemente — disse ele, olhando para James.

— Por que você está olhando para mim? Eu nunca vi esse homem na minha vida. — James se virou para as mulheres. Elas perderam toda a cor do rosto e o medo nos seus rostos era evidente.

— Ele vai nos matar.

— Alguém poderia, por favor, nos dizer o que está acontecendo? — perguntou Cadeon.

— Eu não entendo qual é o problema.

— Aquele homem é muito perigoso. Eu só o vi uma ou duas vezes pessoalmente. Foi por isso que não o reconheci no clube a última vez que estive lá — disse Dane. — Esse homem é Daren Robinson. Ele é o braço direito do chefe do Dominic Green e é atualmente a droga do seu porteiro.

James pegou a foto. Não sabia por que Verônica a tinha, mas iria descobrir, porra. Olhando para a imagem, viu a semelhança com Léo.

— Esse homem é Léo. Ele é um homem muito respeitado e trabalhador.

— Ele é um assassino como eu. Eu tenho uma ou duas mortes na ficha. Ele tem centenas na porra da dele. Esse é o homem que faz todo o trabalho braçal para o cara principal. Ninguém nunca viu o chefão. Quando ele aparece, ninguém é deixado vivo — disse Dane.

James o encarou.

— Como é que você não o reconheceu antes?

— Ele fez cirurgia plástica. Eu juro para você, James, aquele homem é Daren Robinson. O corpo e todo o resto são os mesmos. Eu não sei por que ele está aqui.

— Ele esteve nos observando todo esse tempo — disse Cadeon.

Observando? Observando?

James saiu correndo da sala.

— James, onde você está indo? — Stephen gritou. Ele os ouviu o seguindo. Arthur estava encostado no carro fumando um cigarro. No momento em que viu James, entrou no carro e ligou o motor.

Ele se virou para os homens.

— Ele está com Prudence. Pedi e ele para ficar de olho nela. Não acredito que fui tão estúpido, porra.

James chutou o carro e abriu a porta.

— Dirija o mais rápido possível. Eu não dou a mínima para o que acontecer. Vá para o Ravage agora. — Ele ligou para o telefone do escritório e esperou que ela respondesse.

— Atenda, atenda, atenda. — James olhou pelo retrovisor e viu vários carros atrás. Sabia que os amigos estavam logo atrás dele.

A ligação terminou com a voz dele pedindo às pessoas para deixar uma mensagem. Amaldiçoou as próprias ações. Fez bagunça e deixou Prudence com um criminoso pior do que Dane.



Prue esticou os braços acima da cabeça. Ela devia ter caído no sono. O livro que estava lendo estava sobre o peito. A boca tinha um gosto horrível. Deixando escapar um gemido, ela se virou e se sentou. Devia ter estado adormecida por alguns minutos. Estava grogue. Ela se levantou e saiu do escritório do James.

O clube inteiro estava silencioso. Era estranho e ela foi até o bar. Jermaine não estava mais lá.

Esfregou os braços se perguntando aonde todo mundo foi. James disse que estaria de volta antes que ela percebesse. Olhou no relógio e viu que não passou muito tempo desde que ele saiu. O coração martelava dentro do peito por causa do silêncio mortal no clube. Todos os lugares em que ela olhava brilhavam por causa da limpeza profunda que James exigia dos empregados que contratava.

— Jermaine? Você está aqui? Olá? — ela chamou esperando que alguém respondesse. Prue se virou para olhar para o bar. Não havia ninguém por perto. Ela estava começando a entrar em pânico. O clube era enorme e alguém sempre estava por perto quando ela estava lá.

Andou para trás e esbarrou em um corpo sólido. Prue se virou e viu Léo ali de pé.

— Léo, você me assustou — disse ela.

— Desculpe. Pensei que todo mundo tivesse ido embora. — Ele olhou para ela. Ela sorriu para ele e fez um gesto em torno de si para o clube.

— Eu nunca vi o clube tão morto antes. James entrou em contato? Eu disse que ia esperar aqui, mas acho que seria melhor ir para casa. — Ela colocou a mão no coração acelerado na esperança de acalmar os nervos.

— Não. Ele não ligou.

Léo estava olhando para ela. Os braços estavam cruzados e ela teve a sensação de que ele estava esperando alguma coisa.

— Por que você não contou para ele? — perguntou.

— O que?

— Por que você não contou para James dos telefonemas? — Havia um brilho nos olhos dele. Ela franziu o cenho.

— Eu não sei do que você está falando.

Ele riu, balançando a cabeça. Quando ele se inclinou para mais perto, ela se afastou. Léo a agarrou pelos ombros, puxando-a bruscamente contra ele. Ele se inclinou perto do ouvido dela e foi quando ela ouviu.

A respiração pesada.

— Era você? — ela perguntou.

Uma risada escapou dele. Prue tentou se libertar do agarre do homem.

— Solte-me.

— Eu acho que você é a minha resposta. Olha, eu conheço James já há algum tempo e ele nunca se importou com ninguém do jeito que se importa com você. Trabalhei

para ele por um ano, mas antes disso, coloquei outras pessoas para vigiá-lo. Nenhuma mulher chamou atenção. Nem mesmo um cara para usar contra ele. Sim, acho que vai dar certo.

— Solte-a — disse Jermaine. Eles se viraram e viram Jermaine na frente da porta.

— Pensei que tivesse dito para você ir embora.

— James está a caminho. Eu me perguntei por que você me deixou ir embora.

Léo a virou para que ficasse de frente para o outro homem. Ele continuou respirando no ouvido dela, causando-lhe repulsa.

Ela o sentiu balançar a cabeça.

— Eu tentei poupar você, companheiro. Isso não era nada pessoal. — O sotaque americano desapareceu. Ela ouviu o som britânico distinto. Uma das mãos a soltou. Prue não sabia o que aconteceu depois, mas ele estava apontando uma arma para Jermaine. — Sem ressentimentos. São apenas negócios.

Prue gritou quando a arma disparou. Ela viu Jermaine colocar a mão no peito e cair no chão. Lutando com todas as forças, ela não conseguiu se soltar de Léo.

— Solte-me.

Puxou os braços e as pernas.

— Solte-me. Solte-me. — Léo segurou o cabelo dela e a forçou a ficar quieta.

Não sendo capaz de conter o gemido, Prue olhou para o homem que pensava ser um amigo.

— Eu me pergunto o quanto James ama você.

— Solte-me. Por favor. Eu não fiz nada para você.

— Não. Você não fez, querida. Você é um meio para um fim.

— James vai fazer qualquer coisa que você quiser.

— Vamos ver. — Ele pegou o celular. — Estou cansado de brincar. Traga o carro. No beco é melhor.

Ele a forçou a se mover em direção à saída lateral. Ela estava lutando mais do que nunca. Léo colocou as mãos dela para trás e a colocou por cima do ombro. Ele grunhiu por causa do peso. A luta a deixou quando escuridão chegou.



Daren Robinson a segurou por cima do ombro e a jogou na parte de trás do carro. O rosto bonito ficaria com a marca da mão dele. Não se importava. Nos últimos anos, o chefe contou com vários homens patéticos para fazer o trabalho. Daren sabia que deveria ter feito esse trabalho em primeiro lugar. Dominic Green foi estúpido para caralho. A cadelinha de quem ele estava atrás custou ao Daren e ao chefe dele um dos melhores empregados. Então Eugene pensou que poderia assumir. No momento em que ele deixou o trabalho para outros fazerem, eles voltaram com o rabo entre as pernas. Trabalhar durante o último ano como porteiro de James deu a Daren tudo o que precisava. Estava cansado de jogos infantis.

A mulher estava deitada no banco da frente. Ele pegou o celular da Prue do bolso e agarrou a mulher. Ela choramingou e tentou se afastar.

Ele voltou para dentro do Ravage. Jermaine estava tossindo e tentando se mover em direção à porta. Agachou-se sobre ele. Daren gostou do filho da puta e queria não ter precisado atirar nele.

— Você deveria ter ido embora quando eu disse. Isso não tem nada a ver com você.

— Nós éramos amigos — disse Jermaine.

Daren agarrou a mulher pela cintura e a puxou para o lado dele para impedi-la de escapar.

— Sinto muito, meu amigo. — Ele olhou para o estrago que fez. Não havia nada ou pouco a se fazer pelo homem. Deu de ombros. — Você vai morrer logo.

Levantando-se do assento, puxou-a para o centro da sala.

— Deite-se.

Ela estava tremendo e não se movendo rápido o suficiente. Daren a empurrou para o chão e lhe entregou o celular. Ela pegou o aparelho com as mãos trêmulas.

Ele puxou o cabelo dela, saboreando o guincho que ela deu.

— Certifique-se de que James receba isso. Se você falhar, vou voltar para acabar com você.

— Eu vou entregar. Eu vou entregar.

Assentindo com a cabeça, ele saiu do clube e entrou no carro. Daren olhou para a mulher dormindo na parte de trás do carro. Ela era a chave e ele a usaria da forma que quisesse.

— Leve-me de volta para a Inglaterra. Este lugar encheu o saco — disse ele.



Capítulo Vinte e Um

James passou correndo pela entrada do Ravage. Seu coração batia forte dentro do peito. Recusava-se a acreditar que qualquer coisa pudesse acontecer com Prudence. Ela era perfeita. Ninguém a machucaria. Ele não conseguia acreditar que Léo foi a pessoa arruinando tudo. Era difícil demais de acreditar. O homem que ele contratou e começou a sentir que era um amigo era um dos homens de quem ele deveria estar fugindo.

Jermaine estava no chão. Sangue cobria o chão e a camisa dele. Ele estendeu a mão para James.

— Eu... tentei... para... lo. — Jermaine tossiu. James foi até o homem. Jermaine estava frio.

— Eu... sinto... muito... por... falhar... com.... você. Ele... a.... pegou. Prue...

— Não fale. Vou cuidar de você. — Os outros entraram pela porta da frente quando Jermaine deu o último suspiro. James sentiu as lágrimas encherem os seus olhos. Levantando-se, foi para a parte principal do clube com os amigos seguindo atrás dele.

Olhou em torno do clube procurando por alguma pista. O som de choramingos chamou a atenção para o chão. Na pista de dança havia o corpo encolhido de uma mulher. Pelo cabelo, James soube que não era Prudence. A mulher estava deitada no chão segurando um celular. Era o telefone da Prudence.

Dane se adiantou, puxando a mulher para os braços.

Ela se afastou dele, apressando-se para sair do abraço.

— Fique longe de mim — disse ela, gritando com Dane. James viu o rosto do outro homem empalidecer.

— Eu sinto muito, Mary.

Ela se afastou dele.

— Disseram para eu entregar isto para James.

James se moveu para a frente e pegou o telefone da mão trêmula. No momento em que tocou o telefone, ele começou a tocar. Mary voltou para o chão e ficou se balançando.

Ele clicou no telefone para atender a chamada e colocou o celular na orelha.

— Olá.

— Ei, chefe, como vai a vida? — perguntou Léo.

— Léo, o que você está fazendo? Ou devo dizer Daren?

— Ah, então você somou dois mais dois. Eu estava me perguntando quanto tempo levaria para você descobrir o que eu fiz. Tenho que dizer que levou bastante tempo.

— Escute, seu bastardo. — James começou a gritar sentindo toda a raiva e a agressividade o consumirem. As mãos tremiam e o coração parecia estar sendo arrancado do corpo.

— Não, por favor, deixe-me ir, por favor! — Os gritos de Prue vieram pela linha, assustando-o para caralho.

— Você ouve o que eu posso fazer? — perguntou Daren. Outro grito foi ouvido pela linha. — Sugiro que você pare de me dar ordens. Eu odiaria que Prue fosse perdida em algum lugar.

Ela gritou e James gritou para ele parar.

— Não a machuque. Eu farei qualquer coisa. Só não a machuque. — Ele estava ficando louco por causa da tortura.

— Bom. Agora eu simplesmente fiz uma troca. Dane e Mary vão contar o que você precisa saber. Eu ia pegar o dinheiro, mas acho que Prue vai me conseguir o que eu quero. Ele pediu pelo retorno seguro da Mary. Eu prefiro fazer uma troca e sabia que os federais o seguiriam. Prue é simplesmente um meio para um fim — disse Léo. James a ouviu choramingar do outro lado da linha. — Você cometeu um erro trazendo-a para a sua vida.

— Não a machuque. Eu pago o que for.

— O dinheiro não é nada, James. Tenho dinheiro mais do que suficiente para o resto da minha vida. O que eu quero são todas as evidências.

— O que?

— Vocês têm provas que podem ser usadas. Você irá para a Inglaterra, sozinho e nós vamos fazer a troca. Prue pelo arquivo que eu estou procurando.

James olhou para Lucas. O outro homem sinalizou para que ele mantivesse Léo falando.

— Se você é realmente o braço direito do chefão, então por que está aqui ao invés de um dos empregados menos importantes? — perguntou James. O coração acelerado.

— Vou ser condescendente desta vez, James. Dominic foi morto. Eugene foi morto e Lloyd está apodrecendo na cadeia. Pergunte ao Dane. Eu faço o trabalho e raramente deixo alguém vivo para contar a história. Você tem sorte, James. Eu poderia ter matado todos que você já amou. Estou fazendo um favor para você. Haverá muitas mulheres como Prue por aí. Ela não é lá grande coisa. Eu sugiro que você não tente se meter comigo. Eu faço o meu próprio trabalho e continuo sendo o melhor. Ninguém, nem mesmo os seus caras do exército, Lucas e Sean, podem comigo. Eu sou o melhor.

James sabia que não tinha como acabar com ele. O homem na linha enganou a todos, até Dane.

— Como consigo entrar em contato com você? Quero ter certeza de que ela está bem.

— Prue será bem cuidada, James. Sugiro que você se apresse. Vou lhe dar um mês. Se eu não receber meu arquivo no próximo mês, Prue irá a leilão e estará perdida.

O telefone desligou.

James o jogou no chão e bateu Dane na parede.

— Ele pegou Prudence por sua causa. — A mão se apertou em volta da garganta do outro homem. O desejo de acabar com ele era intenso demais. Ele viu Dane empalidecer, os braços lutando por se soltar.

— James, pare. — Cadeon, Stephen e Lucas o puxaram.

— Ele está com Prudence. Se eu não entregar as provas, ele vai colocá-la num leilão. É melhor você começar a falar.

— Eu não tenho prova nenhuma — Dane disse, tossindo enquanto puxava o ar. James sentiu as mãos tremendo. Prudence estava em perigo. Ele falhou e ela estava perdida.

— Eu não consigo pensar — disse James. Tinha sangue nas mãos dele. Agarrou a cadeira mais próxima e a jogou no bar para colidir contra as garrafas de álcool.

Ele gritou, destruindo tudo no caminho.

Stephen agarrou os braços dele, jogando-o no chão.

— Pare, James. Você precisa parar. Isso não é bom para ela. Você precisa se concentrar.

As lágrimas caíram dos seus olhos. James caiu no chão. A agonia estava saindo pela boca dele na forma de gritos e soluços.

— Eu prometi protegê-la. Eu falhei com ela.

— Ainda não acabou, James. Nós podemos dar um jeito. Só precisamos pensar.

— Ele precisa das provas, Stephen. Eu não tenho provas.

— Quem deu a foto para você? — perguntou Dane.

James encarou o homem

— O que?

— Quem deu a foto dele para você?

Verônica.

— Eu sei onde procurar. Por favor, me solte.

Stephen o soltou, dando-lhe o espaço de que ele precisava.

James respirou fundo várias vezes e se levantou.

— Quem deu as fotos para você? — perguntou Stephen.

— Verônica Star. Minha ex e irmã mais velha da Prudence.



Prue abriu os olhos. O sol estava brilhando através da janela e ela franziu a testa. A cabeça estava latejando e doía para abrir os olhos. Todas de uma vez, as memórias surgiram. Jermaine, Léo e o tiro. O telefonema que ele fez para James. Ela segurou a cabeça tentando focar. Isso não deveria acontecer. Se Léo era só o braço direito, como era o chefe? Prue estremeceu com o pensamento.

Ela estendeu a mão para tocar a cruz e sentiu um espaço vazio. Léo pegou o colar. Pondo-se de pé, foi tropeçando até a porta. Ela viu o próprio reflexo no espelho. O rosto estava machucado de um lado. O olho estava inchado e fechado e parecia que o lábio estava cortado.

Abrindo a porta, começou a caminhar em direção a outra porta. Não havia nenhum som que ela reconhecesse. No final do corredor, abriu a porta e bateu em um trilho. Prue olhou por cima da beira e viu o oceano.

Ela estava em um barco.

— Então ela finalmente acordou. Por um segundo, pensei que eu matei você — disse Léo.

Afastando-se dele, ela tentou fugir. Correu até a ponta do barco e olhou por cima da beira. Se saltasse, não iria

muito longe. Será que a morte seria mais acolhedora do que Léo?

As mãos dele pousaram dos lados do corpo dela. A respiração pesada estava perto da orelha. Ela gritou querendo ficar longe dele.

— Você está pensando em pular? — perguntou.

Recusando-se a falar, ela ficou tensa à procura de uma saída.

— Eu desafio você a pular. Você não iria muito longe. Acho que tem tubarões nestas águas. Você seria saborosa por alguns minutos.

Ela olhou para a água se perguntando o quão ruim isso seria.

— Por quê? — ela perguntou. A garganta estava seca e o som saiu rouco.

— Você é um meio para um fim.

Ele segurou os braços dela e a puxou para longe. Prue não lutou com ele.

— Agora, você vai ser uma boa menina e tudo vai dar certo para você. Vou conseguir o que eu quero e você poderá voltar para o seu homem.

Léo a sentou à mesa e se sentou na cadeira em frente. Na mesa havia frutas e suco de laranja. O estômago dela roncou. Os outros dois homens na mesa riram.

— E se eu não me comportar?

— Então eu vou colocar você em um leilão em um piscar de olhos. Você é uma menina bonita e vou ganhar um bom

dinheiro com você. Não se engane, Prue, vou fazer da sua vida um caos.

Ela olhou em volta para o oceano. Não havia escapatória.

Por favor, James. Venha me buscar.

Fim da Parte I



Avisos

Aviso 1

Por favor, não publicar o arquivo do livro em comunidade de redes sociais, principalmente no facebook!

Quer baixar livros do PL? Entre no grupo de bate-papo, entre no fórum, no blog, lá você encontrará toda a biblioteca do PL ou envie por e-mail a quem pedir.

Postagens de livros no facebook podem acarretar problemas ao PL!

Ajude-nos a preservar o grupo!

Aviso 2

Gostou do livro e quer conversar com sua autora favorita?

Evite informá-la que seus livros em inglês foram traduzidos e distribuídos pelos grupos de revisão! Se quiser conversar com ela, informe que leu os arquivos no idioma original, mas, por favor, evite tocar no nome do PL para autores e editoras!

Ajude a preservar o seu grupo de romance!

A equipe do PL agradece!

Aviso 3

Cuidado com comunidades/fóruns que solicitam dinheiro para ler romances que são trabalhados e distribuídos gratuitamente!

Nós do PL somos contra e distribuímos livros de forma gratuita, sem nenhum ganho financeiro, de modo a incentivar a cultura e a divulgar romances que possivelmente nunca serão publicados no Brasil.

Solicitar dinheiro por romance é crime, é pirataria!

Seja esperta (o).